

# teatro da juventude



**Governo do Estado de São Paulo**  
**Secretaria da Cultura**



**Ano 1 - Número 01- Agosto de 1995**



# Teatro da Juventude



Governo do Estado de São Paulo  
Secretaria da Cultura

# Secretaria de Estado da Cultura



Governo do Estado de São Paulo

**Mário Covas**

Secretário de Estado da Cultura: Marcos Mendonça

Assessora de Artes Cênicas: Analy Alvarez

## Comissão Estadual de Teatro

Afonso Gentil

Analy Alvarez

Carlos Mecen

Efrén Colombani

Luiz Amorim

Vera Nunes

Zecarlos de Andrade

---

## Teatro da Juventude

Ano 1 - número 01 - Agosto de 1995

**Supervisão geral:** Tatiana Belinky

**Editora:** Ernê Vaz Fregni

**Revisão:** Cely Arena

**Produção:** Camila Machado

**Editoração:** Ziza Mádio

**Impressão:** Imprensa Oficial do Estado S. A. - IMESP

**Tiragem:** 10 mil exemplares

**Distribuição:** gratuita a estabelecimentos de ensino e entidades culturais, da Capital e do Interior, mediante solicitação por escrito à Comissão Estadual de Teatro.

A revista **Teatro da Juventude** é uma publicação bimestral de peças e textos sobre artes cênicas destinadas a jovens atores e encenadores. As matéria assinadas não refletem, necessariamente, a opinião da revista.

**Capa:** Flávio Império

**Comissão Estadual de Teatro**

Rua da Consolação, 2333, - 9º Andar - São Paulo - SP

CEP: 01301-100; Tel.: ( 011 ) 258-7445 Fax.: ( 011 ) 259-9495.

# Apresentação

**A**o assumirmos a **Secretaria de Estado da Cultura**, colocamos como metas básicas da administração a ampliação dos segmentos atingidos pelo trabalho deste órgão, a criação de novos consumidores de Cultura, a abertura para novas platéias, para atribuir ao fazer cultural uma dimensão maior: a da Cultura forjando novos cidadãos.

A **Revista Teatro da Juventude** se apresenta como uma das mais eficientes respostas a esse desafio, dando-nos a possibilidade de divulgar para o jovem o que é o teatro, estimulando-o a conhecer melhor e a participar dessa atividade cultural que, como bem define **Tatiana Belinky**, é um dos mais ricos veículos educacionais e culturais. O renascer desta revista, após 23 anos, permite-nos agir de forma eficiente em interface com a área da **Educação**, o que consideramos essencial



para a **Secretaria da Cultura**. Afinal, que melhor presente aos cidadãos que estão formando-se nas escolas que o conhecimento do teatro, da arte? Que melhor fórmula para a **Revista Teatro da Juventude** para dar aos nossos adultos do futuro a possibilidade de conscientização e escolha? Que melhor caminho para criarmos novas platéias? Por isso, diante da possibilidade de fazer reviver o sonho de uma revista de teatro que atinja a criança, o jovem, não titubeamos em criar condições para

torná-la, de novo, uma realidade. Uma realidade que, temos certeza, tornará melhor a realidade de cada menino ou menina que tiver acesso a ela.

Principalmente porque uma revista como esta, agora relançada, cabe na definição de teatro, de cultura, de um dos nossos maiores atores, **Procópio Ferreira**, que consideramos definitiva quando se pensa na função educacional dessa arte: “Para mim a vida é a miniatura do teatro. Ele a aumenta, a embeleza, a sublima. A vida cria o conflito: o teatro resolve; e, nesta solução, a vida tem aumentado seu patrimônio moral. A vida está cheia de Ciranos, Hamlets e Otelos, mas, só depois de a arte os haver mostrado é que o mundo passou a reparar neles.”

Parabéns, **Tatiana Belinky**, pela **Revista Teatro da Juventude**. Parabéns, estudantes de **São Paulo**, pois terão a possibilidade de conhecer um trabalho magnífico, resultado da experiência de uma de nossas maiores escritoras, educadoras, teatrólogas.

Marcos Mendonça  
Secretário de Estado da Cultura

# TEATRO DA JUVENTUDE: A VOLTA

Quando, nos idos de 1965, fui convidada pelo então presidente da CET, saudoso Nagib Elchmer, para organizar um Setor Infante - Juvenil na Comissão Estadual de Teatro, a primeira coisa que me ocorreu foi realizar um velho sonho: criar um Caderno de Teatro Escolar, estudantil e amador, nos moldes de publicações semelhantes em países da Europa e nos Estados Unidos. E assim nasceu a Revista Teatro da Juventude, com 10-12 textos teatrais por edição, divididos em três setores, segundo as séries escolares: Primário, Ginásial e Colegial, e também teatro dirigido a universitários e amadores em geral.

Cada número da Revista trazia ainda artigos e textos de orientação para professores, diretores e outros educadores interessados. De distribuição gratuita, mas não excessivamente facilitada, a revista era acessível basicamente a escolas, clubes, grêmios culturais, bibliotecas, grupos teatrais e outras entidades comprovadamente interessadas e dispostas a utilizar a Revista para os seus fins específicos: usar e divulgar o Teatro como o rico veículo educacional e cultural que é, estimulando a atividade teatral e "levando o teatro à escola e a escola ao teatro."

A Revista Teatro da Juventude tinha intensa procura, esgotando-se cada edição (de 2500 exemplares) rapidamente, espalhada pelas escolas da Capital e do Interior do Estado, por outros Estados e até por outros países. É interessante notar que a Revista teve vida bastante prolongada, em especial considerando que, durante os sete anos de sua existência (com 43 números e mais de 240 textos teatrais publicados, além de dezenas de artigos), ela sobreviveu a três mudanças de Governo do Estado, entre 1965 e 1972, ano em que a sua publicação foi interrompida. E ela entrou num longo período de "sono letárgico", durante o qual chegou a dar alguns débeis sinais de vida, mas



não chegou a "acordar", o que acaba de acontecer, exatos 23 anos após a sua fundação...

E agora, para as novas gerações, a Revista Teatro da Juventude volta, num retorno alviçareiro, com o mesmo formato, conservando até a bonita e sugestiva capa criada por Flávio Império para a revista original. E, renascida, conservando principalmente o mesmo projeto, as mesmas intenções e características, aberta para as colaborações de velhos e novos autores, diretores, técnicos, professores e outros interessados, tanto com textos de teatro, "jograis", leituras dramáticas etc., como com artigos, depoimentos e sugestões. E com o mesmo esquema de distribuição gratuita, mas seletiva.

Este primeiro número de "Teatro da Juventude Anos Noventa" traz textos e matérias selecionados entre as centenas publicadas na sua vida pregressa - mesmo porque teatro não envelhece, e para uma nova geração de leitores tudo é novo. Do próximo número em diante contaremos com textos e artigos novos - além das peças de teatro clássico, brasileiras, portuguesas e traduzidas e/ou adaptadas de outras origens.

Com esta volta, esperamos atingir e atender a muitas crianças, adolescentes e jovens (de todas as idades...), aos quais a atividade teatral muito tem a oferecer em termos de cultura e deleite estético - ético.

Tatiana Belinky

# NOTA DA REDAÇÃO

**A** nova revista TEATRO DA JUVENTUDE, além de manter a estrutura básica que a consagrou e a tornou atemporal, irá mais além. Apresentará também artigos assinados por profissionais especializados que ensinarão, de uma forma didática e em linguagem simples, como fazer teatro. Abordará temas como escolha de texto, direção, figurino, iluminação, execução de máscaras, maquiagem e outros. Neste primeiro número a premiada atriz Gabriela Rabelo estréia com "A direção em teatro". A revista terá outras seções fixas, como "Cartas do leitor", na qual responderá a dúvidas, críticas e sugestões, "Glossário da arte cênica", com verbetes de terminologia e indicações bibliográficas. Enfim, neste primeiro número ainda um tanto tímido, emocionados diante da responsabilidade pelo renascer de uma obra que semeou muitas dos frutos que hoje enobrecem a cultura do país, esperamos fazer jus a esta arte maior, digna de todas as glórias, o teatro.

**P. S.:** Autores interessados em divulgar seus textos devem enviá-los - sem compromisso - à Comissão Estadual de Teatro. As peças serão avaliadas, e as selecionadas publicadas.

---

## SUMÁRIO

### Como fazer

A direção em teatro  
Gabriela Rabelo ..... 08

### 6 a 9 anos - (Aproximadamente)

História do Barquinho  
Ilo Krugli ..... 13

#### A Pílula Falante

Por Monteiro Lobato, adaptação de Júlio Gouveia ..... 17

### 10 a 14 anos - (Aproximadamente)

#### A Sopa de Pedra

Tatiana Belinky ..... 29

#### Tratavelindepraglutifitotinelux

Roberto Freire ..... 37

#### Lambe-Beiços e seu Criado Cata-Farelos

Fábio Gaia ..... 49

### 15 a 18 anos - (e amadores adultos)

#### A Moreninha

Miroel Silveira ..... 63

## A DIREÇÃO EM TEATRO

No passo-a-passo da direção, o estudo do texto e do autor, a objetividade e a percepção dos detalhes...

GABRIELA RABELO\*

**M**ário de Andrade equacionou lindamente a diferença entre os aspectos técnicos e os artísticos na criação da obra de arte: de um lado há o artesanato - que é o aspecto mais técnico da obra de arte -, que não só é ensinável como indispensável pra quem se pretenda um artista bom. É impossível ser um artista bom sem saber manejar os instrumentos de que cada arte se serve, sem ser um bom artesão no seu ofício. Mas de outro lado há um aspecto da arte que é trágico porque é imprescindível desenvolver e não dá pra ser ensinado: é a resposta individual do artista às questões que cada trabalho seu lhe coloca.

Isso posto, fica evidente que não há uma receita de como dirigir uma peça de teatro. Mas, se não há receita, há algumas leis gerais do teatro a que é imperioso obedecer. Neste artigo vamos falar um pouquinho de algumas delas.

Desde já fica também estabelecido que aqui os termos diretor e encenador se equivalerão, embora se saiba que o termo encenador, na forma como é concebido em nossos dias, seja de origem recente.

Mas a noção de encenação, entendida como a reunião numa só cabeça e numa só mão de todos os elementos constitutivos do espetáculo, é tão antiga quanto o próprio teatro, nasceu com ele.

Foi com o desfiar dos anos que mudaram o papel e a importância do teatro na sociedade, e conseqüentemente as atribuições do encenador. Se é verdade que em tempos passados a própria sociedade ajudava a "regular" a cena, em nossos tempos tão convulsionados, com uma multiplicidade de visões e perspectivas muito incertas, cabe ao encenador, em sua opinião individual e intransferível - porque formada a partir de sua história pessoal -, ser o regulador, o mediador entre a obra inicial (seja esta um texto já previamente escrito, um roteiro ou uma simples idéia que tomará corpo no decorrer dos ensaios) e o público.

O nosso teatro hoje já não é mais o depositário ou o anunciador de "verdades humanistas e simbólicas válidas para todos"; nem é mais um reflexo de um modo análogo ao nosso, a ponto de nos enganar. Hoje em dia, o teatro é muito mais um campo de experimentação da intrincada vida que nos espera "lá fora", uma "propedêutica da realidade", como diz Bernard Dort.

É preciso ainda salientar que a tarefa da direção mudará bastante dependendo do quadro onde o espetáculo teatral será criado: dentro de uma escola (e portanto perseguindo antes de tudo objetivos pedagógicos), por um grupo amador ou

---

"É  
impossível  
ser um  
bom artista  
sem saber  
manejar os  
instrumentos  
de sua  
arte"

---



para enfrentar o mercado. A mudança de objetivos levará a mudanças de táticas. Mas os princípios que as nortearão serão os mesmos, pois se trata sempre da utilização da mesma linguagem: a teatral. Caberá ao diretor, independentemente da finalidade do seu trabalho:

1 - ter uma visão geral da obra a ser encenada;

2 - coordenar, a partir dessa visão, o trabalho de todos os co-criadores do espetáculo (atores, cenógrafos, figurinista, iluminador, cenotécnico etc.).

Mas como o diretor adquire essa visão? Os caminhos são muitos, mas, inevitavelmente, terão que passar por:

a) leitura exaustiva da obra, de fora pra dentro e de dentro pra fora. Ou seja: ler a obra tentando "decifrar" o texto que está diante de seus olhos e também o que não está escrito mas que é sugerido. A leitura desse texto "submerso" é refeita durante todo o processo de ensaio, confirmando-se ou negando-se as opiniões anteriores. Tal leitura é feita isoladamente em conjunto, quer dizer, o diretor a faz sozinho, em sua casa, para se

preparar e também preparar a leitura que será feita com todos os participantes do espetáculo. E assim, nesse vai e volta, a concepção do espetáculo irá sendo elaborada. É ele, o encenador, que deve conduzir o processo de discussão sobre o texto de forma aberta e democrática. Mas não pode nunca perder de vista a sua função: muitas vezes encontramos atores que executam um trabalho bastante razoável e que, no entanto, têm uma visão não muito abrangente da peça em que estão trabalhando. Se isso é possível para o ator, é totalmente impossível para o diretor, porque o trabalho de ambos é de natureza diferente: no do ator há uma grande dose de intuição (o que não dispensa o trabalho analítico via razão). Ele treina, inconscientemente ou conscientemente, essa forma de percepção. O diretor não: seu trabalho parte sobretudo da apreensão consciente dos objetivos que quer alcançar e de uma atenção cuidadosa a tudo o que vem das

pessoas envolvidas no trabalho. O diretor treina a percepção mais fina, mais sutil, aquela que denota nos pequenos detalhes, grandes possibilidades: mais do que a intuição, é essa percepção que ele desenvolve. Não estou com isso querendo eliminar de todo a intuição como fonte de inspiração para o diretor. Estou apenas tentando delimitá-la.

E a leitura tem também de ser de dentro para fora, ou seja, o diretor precisa tentar fazer seu (de todos) o texto lido,

apoderando-se dele, procurando revelar, como se fosse o seu próprio autor, os caminhos que o mistério da criação percorreu, quer dizer, tornando consciente a parte inconsciente da criação artística (mas sempre tendo presente que esse é um projeto inesgotável. A arte - como o ser humano que a cria - habita o território do infinito, do irrealizado).

Cada diretor usa um método próprio para conduzir essa fase de leitura: há os que pegam o texto e fazem leituras com os atores caminhando pelo palco, sem, no entanto, fixar os papéis. Cada dia é um ator diferente que lê o papel de

---

## **"A leitura deve ser de dentro para fora e revelar o mistério da criação artística."**

---

x ou de y. Com isso, há uma multiplicidade de percepções das personagens e das relações que as determinam.

Há os que se sentam junto com todo o elenco ao redor de uma mesa para que a peça seja lida, exaustivamente discutida e analisada, redividida em cenas e seqüências que serão determinadas pelas análises de textos feitas.

Há os que fazem uma leitura "por tabela", ou seja, propondo jogos ou leituras paralelas ao tema do texto, como que preparando o terreno para o plantio definitivo da peça. Só então começam a lê-la, mas aí já dentro do seu universo. Há os que misturam tudo isso. E ainda há muitos outros métodos. O que há de comum em todos eles é a procura de assenhoreamento da peça, esse tomar posse física e espiritualmente do texto ou tema que será transposto para o palco.

b) estudo do autor: o que significa essa

obra dentro da obra geral do autor? É um tema reiterativo, o da peça a ser montada?

Se sim, onde mais o autor tratou desse tema? Sob que óptica? Existe mais de uma versão do texto? Quais as mudanças efetuadas?

c) estudo do próprio tema: de que trata a peça? Da loucura? Da escravidão? Do amor inatingível? Estudar essas questões procurando ter uma opinião própria sobre elas. Comparar sua opinião à do autor da peça.

d) estudo do período histórico em que viveu o autor: se for contemporâneo, ter-se-á a facilidade de compartilhar com ele o tempo histórico. Mas sua visão de mundo, seus objetivos em teatro, serão os mesmos (não precisam ser, evidentemente)? Se for um autor de tempos passados, procurar saber o máximo possível sobre sua época para tentar decifrar o sentido que a obra que está sendo estudada possuía na época em que foi escrita. Isso não significa que devamos nos preocupar com a reconstituição histórica acima

de tudo. O passado interessa sobretudo porque nos explica. Afinal, somos resultado (não mecânico, evidentemente) dos tempos que nos antecederam.

Vem agora a "parte 2" da direção teatral: a colocação em cena. Para alguns diretores, a ocupação do espaço segue paralela ao entendimento da peça: como foi dito anteriormente, os atores apreendem a peça deslocando-se pelo espaço cênico que vai sendo construído e ocupado junto

com a descoberta da peça.

Outros encenadores dividem claramente a montagem em duas fases:

- 1) entendimento da peça (ou roteiro, ou tema);
- 2) colocação em cena.

Também aqui não há regras estabelecidas. Pessoalmente acho que o melhor é ocupar a cena obedecendo à lógica da ação (do jeito mais stanislavskiano que se puder entender a l

ógica da ação). E como se obedece a essa lógica? Uma vez entendidas a peça, cena, personagens, é deixar que os atores se movimentem livremente pelo palco a partir desse entendimento, sem nenhuma preocupação de compor visualmente a cena. Essa tarefa caberá ao diretor, que, estando fora do espaço cênico e partindo da mesma compreensão da peça, cena e personagem, irá interferindo no trabalho, dizendo: "Fulano, se você se afastar, em vez de se aproximar, esta cena ficará mais

clara. Beltrano, experimente repetir a cena com a mesma intensidade, só que sem gritar e sem andar tanto pelo palco." etc. etc. Nessa fase o diretor é como um obstetra: depois de gerido, o espetáculo tem de ser dado literalmente à luz. É quando, mais do que em qualquer outra ocasião, todas as antenas do diretor têm de ficar ligadas: tudo o que acontece é importante. E ele tem de avançar com grande acuidade e delicadeza. Não se pode esquecer que o ator é um artista extremamente

vulnerável. Ele está lá no palco, com sua alma exposta. Cada personagem, como cada espetáculo, assemelha-se a um bebê que chega ao mundo. E o encenador tem de saber acolher essa criança, deixando-a forte, sadia, sem traumas, nas mãos do ator/mãe. Porque a criança/espetáculo (e o diretor não pode nunca esquecer isto: a natureza do trabalho teatral é coletiva) é fruto da união de todas as pessoas - artistas e técnicos - que se empenharam para o seu nascimento. E quem embala o bebê, à luz dos refletores ou do sol, é o ator.

---

**"Cada personagem como cada espetáculo assemelha-se a um bebê que chega ao mundo. Cabe ao diretor deixá-lo forte."**

---

---

\* Gabriela Rabelo é atriz premiada, dramaturga e diretora formada pela EAD - USP. Desenvolveu trabalhos voltados à utilização pedagógica do teatro, é autora de cinco livros infanto-juvenis e atualmente faz mestrado em dramaturgia na USP.

De 1911 a 1912

Traga para casa os livros de mão para as crianças maiores

## ENCENAÇÕES:

NARRADOR

MAO

PINGO / O BARQUINHO

ISURE UMA FLOR

AMANDA

PELONHO

ARVORE

MONHO

BARCO GRANDE

MARINHEIRO

# 6 a 9 anos

(Aproximadamente)

**História do Barquinho**  
Ilo Krugli

**A Pílula Falante**  
Por Monteiro Lobato,  
adaptação de Júlio Gouveia



# HISTÓRIA DO BARQUINHO

De Ilo Krugli

(Peça para fantoches de mão, para as crianças menores)

## PERSONAGENS:

---

NARRADOR  
MÃO  
PINGO I, O BARQUINHO  
IRUPÊ, UMA FLOR  
ARANHA  
PEIXINHO  
ÁRVORES  
MOINHO  
BARCO GRANDE  
MARINHEIRO

---

NARRADOR: Vim contar uma história para vocês. Era uma vez...  
(Aparece uma mão com um revólver)

MÃO: Mãos ao alto!

NARRADOR: Que brincadeira é essa?

MÃO: Já disse: mãos ao alto!

NARRADOR: Você só sabe apontar com esse revólver? Não sabe fazer outra coisa com as mãos?

MÃO: Sei! Sei, sim senhor.

NARRADOR: Não acredito. Não acredito.

MÃO: Sei fazer barulho. (faz barulho)

NARRADOR: Ah! Muito bem. Já sei que você sabe fazer barulho. E o que mais você sabe fazer?

MÃO: Sei segurar as coisas: as cortinas, as mamadeiras; sei jogar as coisas; sei cumprimentar. E sei escrever.

NARRADOR: Ah! Você sabe escrever? E o que escreve?

MÃO: Estou escrevendo uma história para as crianças: Zum, zum, zum.

NARRADOR: Você escreve? E a gente pode ler?

MÃO: Não. Ainda não. Estou

terminando...

Zum... zum... zum... zum... Pronto!

NARRADOR: Posso ler?

MÃO (dando o papel) - Pode.

NARRADOR: Era uma vez...

MÃO (apontando para o fundo) - Mãos ao alto!

NARRADOR: Outra vez?

MÃO: Mãos ao alto, para ajudar a contar a história. Para ajudar a senhora.

NARRADOR: É uma história de mãos.

Pingo I estava ancorado, as ondas balançavam o barco suavemente, mas ele quase dormia. Nisso, viu chegar uma flor muito bonita sobre as águas...

PINGO: Ancorado? Será que fala desta corda?

IRUPÊ: Barquinho, barquinho: como vai você?

PINGO: Oh! Que bonita! Como é que você se chama?

IRUPÊ: Irupê.

PINGO: Fica comigo. Não tenho com quem falar. Estou aqui sozinho.

IRUPÊ: Não posso, barquinho, não

posso: as ondas me levam, me levam...

PINGO: Vou com você. Vou com você...

NARRADOR: Mas, por mais que o barquinho se afastasse da corda, não podia sair dali. Então apareceu uma outra florzinha muito bonita, que voava.

BORBOLETA: Lá, lá, lá, lá, lá, lá, li.

PINGO: Outra Irupê...

BORBOLETA: Não sou Irupê, sou uma borboleta.

PINGO: Você quer falar comigo?

BORBOLETA: Não posso, a vida é tão curta! Só se vive um dia. Tenho tanta coisa para fazer! Lá, lá, lá, lá, li, lá, li.

PINGO (refletindo) - Ih! Ela foi embora. A vida é tão curta, termina com o dia... Então preciso fazer alguma coisa. Voltar a ver Irupê... É mesmo. Tenho que ver Irupê.

ARANHA: Cré, cré, já, já...

PINGO: Quem é você? Hum... Que feia!

ARANHA: Cré, já, já, sou aranha.

PINGO: Quer me fazer um favor?

ARANHA: Eu não faço favores.

PINGO: E se eu lhe der um presente a senhora aceita?

ARANHA: Ah! Isso sim, presentes eu gosto. O que é, hein?

PINGO: Esta corda. A senhora quer?

ARANHA: Quero, quero. Cré, cré, jé, jé.

PINGO: Então a senhora pode levá-la. É sua.

NARRADOR: A aranha apressada desamarrou a corda, levantou a âncora e lá foi muito contente. Pingo também ficou muito contente, porque sentiu que era livre; e contente começou a deslizar rio abaixo.

PINGO: Estou livre: posso ir até onde foi Irupê. Que bom! Lá vou eu!

NARRADOR: O barquinho navegava movendo-se entre as ondas do rio. A cada momento aparecia um peixinho que o chamava...!

PEIXINHO: Eh! Barquinho.

PINGO: Desculpe, tenho pressa. Estou com pressa. Estou procurando Irupê.

NARRADOR: As árvores da margem também o chamavam...

ÁRVORES: Eh! Barquinho! Barquinho! (murmúrio)

PINGO: Quem são vocês?

ÁRVORES: Nós somos árvores.

PINGO: Ué! As árvores falam?

ÁRVORES: Sim, quando o vento nos move.

(Ritmando)

PINGO: Não viram passar a Irupê?

NARRADOR: Mal as árvores puderam responder, já o barquinho havia continuado sua viagem... Mais adiante viu ao longe algo estranho, que se movia e girava. Adivinhem o que era?... Um moinho.

PINGO: Aonde você vai?

MOINHO: Eu não vou a lugar algum.

PINGO: E por que você se mexe tanto?

MOINHO: É que o vento me faz girar... É que o vento me empurra!

PINGO: Então pede a ele que me empurre também.

NARRADOR: E o vento começou a empurrá-lo tão depressa, que apenas pôde responder à saudação da borboleta que passou voando, do peixinho que passou nadando e de uma palmeira que o vento dobrava. De repente... viu Irupê.

PINGO: Irupê!!!

IRUPÊ: Pingo! Como está você? Pára aqui! Vamos conversar. Pára aqui.

PINGO: Não posso, não posso parar; o vento me leva! Não posso, Irupê. Não posso.

IRUPÊ: Pingo, pára... pára...

PINGO: O vento me leva.

NARRADOR: E o barquinho não podia parar. Navegava cada vez mais rápido. Tão depressa, tão

depressa, que logo se viu num rio grande, imenso, sem margens, com ondas tão altas como montanhas.

PINGO: Que lugar é este?

PEIXINHO: É o mar.

PINGO: E o rio? Cadê o rio?

PEIXINHO: O rio acaba onde o mar começa.

PINGO: Que salgado que está o mar.

PEIXINHO: E o rio não era salgado, não?

PINGO: O rio era doce, doce...

BARCO GRANDE: Buh, Buh.

PINGO: Aonde você vai? Buh, Buh, Buh!...

BARCO GRANDE: Eu vou à China. E você?

PINGO: Eu só estou procurando uma amiga. Chama-se Irupê.

BARCO GRANDE: Não conheço nenhum barco com esse nome.

PINGO: Não é barco, é uma flor.

NARRADOR: Pingo continuava navegando só, entre as ondas do mar. Tinha uma única companhia - um sol grande, de fogo. O barquinho quis falar com ele, mas estava longe, tão longe, que não podia escutá-lo... Até que uma nuvem passou e o escondeu. Pingo estava realmente triste, muito triste, e dizia para si mesmo:

PINGO: Nunca mais verei a Irupê... nem as árvores, nem o moinho, nem a borboleta, nem a aranha.

NARRADOR: Ele se lembrava de tudo e quase chorava. Vamos pedir-lhe que não chore? Não chore, Pingo! Não chore!

PINGO: É que me lembro de meus amigos!

NARRADOR: Vocês se lembram dos amigos de Pingo? (Mais lento) As árvores, o moinho, a aranha, a borboleta? Pingo recordava e pensava... Tão pensativo estava, que nem se deu conta de que um barco grande vinha vindo e... ai! Quase que o barco grande

passava por cima dele.

BARCO GRANDE: Com licença!

PINGO: Eh! Não vê onde anda?

BARCO GRANDE: Você é que tem que cuidar-se, que é muito pequeno.

PINGO: Aonde é que você vai? Vai ao rio?

BARCO GRANDE: Eu atravesso o oceano, vou à Europa.

PINGO: Posso ir?...

BARCO GRANDE: Ah! Ah! Você se perderia no alto mar, pequenininho! Quantos marinheiros tem na tripulação?

PINGO: Eu não tenho nenhum. Que é marinheiro?

NARRADOR: Mas o barco grande já estava longe para responder. Começou a escurecer. O dia estava terminando. Pingo teve medo da escuridão. Vocês não têm medo, não? Pingo estava mais preocupado e mais triste porque se recordava do que a borboleta lhe havia dito.

PINGO: Será que os barquinhos também vivem um só dia? ...

NARRADOR: Nisso, começou a ventar forte, cada vez mais forte; até que chegou enorme tempestade. Pobrezinho! Pingo não podia nem manter o equilíbrio, descia e subia. Já começava a naufragar.

PINGO: Vou me afogar! Que farei? Aonde vou?

NARRADOR: Nesse momento viu uma luz, que se acendia e se apagava. Era um farol... O vento empurrava o barquinho até onde ele estava; e Pingo batia contra as pedras da costa...

PINGO: Ai! Ai!

NARRADOR: Apareceu então um homem diferente, muito simpático, que correu até o barquinho.

PINGO: Quem é você?

MARINHEIRO: Eu sou um marinheiro.

PINGO: Eh! Eh! Que está fazendo?

MARINHEIRO: Estou colocando uma âncora.

PINGO: Não quero, não quero. Vou ficar preso, não vou navegar, não vou mais ver a amiga Irupê. Prefiro me afogar no mar.

MARINHEIRO: Calma! Isso é para navegar! Para navegar, levantamos a âncora; quando queremos parar em algum lugar, baixamos a âncora. Nós, os marinheiros, sabemos destas coisas...

PINGO: E sabe como é que se vai até o rio?

MARINHEIRO: Claro.

PINGO: Marinheiro, você conhece uma flor que se chama Irupê?

MARINHEIRO: Conheço.

PINGO: Sabe onde ela está?

MARINHEIRO: Sei.

PINGO: Então, você me leva até lá?

MARINHEIRO: Pois não, levo. Vamos.

Levantamos a âncora e viajamos.

PINGO: Ah! Eu tenho uma tripulação!

Vamos, vamos!

Pelo mar grande, vaamos!

Pelo rio na onda, ondinha.

Vaamos!

Pelo rio vaamos...

NARRADOR: E lá se foi Pingo com o marinheiro. Todo barquinho, para chegar muito longe, precisa de um marinheiro que o guie.

PINGO: Ali! Ali! Ali está a Irupê. Tenho tanta coisa para te contar... Eu aprendi muita coisa hoje!

NARRADOR: O marinheiro baixa a âncora. E Pingo conversa muito, muito com Irupê. Tanto, que o tempo de hoje não dá pra contar a vocês!

FIM



A PÍLULA FALANTE  
Por Monteiro Lobato

Adaptação de JÚLIO GOUVEIA

PERSONAGENS:

---

DONA BENTA (vovó de NARIZINHO)  
TIA NASTÁCIA (cozinheira, negra, gorda e simpática)  
NARIZINHO (a menina do narizinho arrebitado, neta de DONA BENTA)  
EMÍLIA (boneca de pano recheada de macela, muito viva e careteira)  
DR. CARAMUJO (um caramujo que é médico)  
MAJOR AGARRA (um sapo guloso)  
NARRADOR (que pode estar caracterizado de Monteiro Lobato)

CENÁRIO:

---

Um recanto de sítio, à beira do riacho. Há uma árvore de tronco grosso, com oco, de um lado, e um toco mais ou menos no centro, servindo de banco. A primeira cena passa-se diante do pano fechado, no qual, de um lado, há um letreiro em forma de seta, com os dizeres "Sítio do Pica-Pau Amarelo", e uma cadeira de balanço na frente, do mesmo lado.

---

CENA PRIMEIRA

( Narrador entra pelo lado oposto ao da cadeira de balanço, com um livro grande na mão, em cuja capa se lê: "Reinações de NARIZINHO: Monteiro Lobato")

NARRADOR: Vou contar-lhes agora a primeira estória das reinações de Narizinho. (Pausa para esperar o silêncio da platéia. Nesse meio tempo, pelo outro lado da cena, entra DONA BENTA, com sua cestinha de costura; senta-se na cadeira de balanço e começa a costurar, balançando-se levemente)

NARRADOR: ("Lendo", mas de cor, olhando para a platéia por cima do livro): Numa casinha branca, lá no Sítio do Pica-Pau Amarelo, mora uma velha de mais

de 60 anos. Quem passa pela estrada e a vê na varanda, de cestinha de costura ao colo e óculos de ouro na ponta do nariz, segue o seu caminho, pensando: "Que tristeza viver assim tão sozinha neste deserto... (DONA BENTA levanta a cabeça, pára de se balançar e olha por cima dos óculos. Sorri, abana a cabeça e volta a costurar e se balançar).

NARRADOR (Continua): Que engano! Dona Benta é a mais feliz das vovós, porque mora em companhia da mais encantadora das netas, Lúcia, a menina do narizinho arrebitado, ou "Narizinho", como todos dizem. (Durante essa fala, NARIZINHO entra, alegriinha, com uma tigela cheia de pipocas numa das mãos, e pela outra "arrastando" consigo EMÍLIA; senta-

se aos pés de DONA BENTA, com a boneca, e fica comendo pipocas, dando uma para a EMÍLIA, de quando em quando)

NARRADOR (Continua): Na casa existem ainda duas pessoas - Tia Nastácia, negra de estimação que carregou Narizinho em pequena (TIA NASTÁCIA entra, trazendo outra tigela cheia de pipocas, que substitui pela vazia que está na mão de NARIZINHO, e fica olhando, satisfeita).

NARRADOR (Sem interromper): A outra pessoa que mora no Sítio do Pica-Pau-Amarelo é EMÍLIA, boneca de pano, bastante desajeitada de corpo (EMÍLIA reage). Emília foi feita por Tia Nastácia, recheada de macela, com os olhos de retrós preto e sobrancelhas tão lá em cima, que é ver uma bruxa. (EMÍLIA endireita o corpo e olha feio). Apesar disso, Narizinho gosta muito dela e não almoça nem janta sem a ter ao lado... Um belo dia... (Vai saindo)

DONA BENTA ( Olha por cima dos óculos para NARIZINHO): Nastácia!

DONA BENTA: Senhora?

DONA BENTA: Você vai parar de encher Narizinho de pipoca?

TIA NASTÁCIA: Uai! É só a terceira tigela, hoje!

DONA BENTA: A menina ainda vai ficar doente de tanto comer pipoca!

TIA NASTÁCIA (Com dignidade): Minhas pipocas nunca fizeram mal a ninguém!

DONA BENTA (Vendo que NARIZINHO nem presta atenção): Narizinho! Chega de comer pipoca!

NARIZINHO (Distraída, sem parar de comer): Sim, vovó.

DONA BENTA (Com sorriso aberto): A menina nem percebeu o que a sinhá falou!

DONA BENTA (Sorrindo): Pois vai perceber

já. Narizinho!

NARIZINHO (Sempre comendo, sem levantar os olhos): Sim, vovó?

DONA BENTA: Pare de comer pipoca: deixe eu guardar um pouco para o Pedrinho.

NARIZINHO (Sempre comendo): Sim, vovó. (De repente, dá-se conta do que ouviu) - Pedrinho! A senhora disse "Pedrinho"? Ele vem? Quando?

DONA BENTA: Amanhã. Nastácia não lhe contou?

NARIZINHO: Amanhã! Que bom! Você ouviu isso, Emília?

DONA BENTA (Tirando uma carta do bolso do avental): Olhe a carta dele que chegou hoje. (NARIZINHO fica de pé, dá depressa a tigela a TIA NASTÁCIA e vai ouvir a carta, acompanhada pela EMÍLIA, que faz trejeitos de entusiasmo)

NARIZINHO: Leia, vovó, depressa!

DONA BENTA (Lendo): "Sigo para aí no dia 10. Mande à estação o cavalo pangaré e não se esqueça do chicotinho de cabo de prata que deixei pendurado atrás da porta. Quero que Narizinho me espere na porteira do pasto, com a Emília no seu vestido novo e Rabicó com laço de fita na cauda. E Tia Nastácia que apronte um daqueles cafés com bolinhos de frigideira que só ela sabe fazer".

DONA BENTA (Risada larga, gostosa): Êta menino bom! Lembrou dos quitute da véia Nastácia. Vou pra cozinha tratar da vida, que amanhã tá perto!

DONA BENTA E eu também vou preparar o quarto do meu neto! Leve a minha cadeirinha para dentro, Nastácia - deixe que eu levo as tigelas! (NASTÁCIA entrega as tigelas a DONA BENTA, e sai, empurrando a cadeira de

balanço, seguida de DONA BENTA com as tigelas)

NARIZINHO (Sozinha com Emília): Você ouviu isso, Emília? E eu que não sabia de nada! Preciso escovar o Rabicó: aquele leitão já deve ter se sujado todo... (EMÍLIA faz sinais frenéticos, mostrando o seu vestido) - Eu sei, Emília, eu sei: o seu vestido também está sujo. Vamos lá dentro apanhar o seu vestido novo com a Tia Nastácia e depois vamos para o riacho. Lá é mais gostoso para a gente se arrumar. (Saem as duas, NARIZINHO sempre puxando EMÍLIA pela mão, enquanto o pano vai se abrindo)

## CENA SEGUNDA

(No cenário do riacho - assim que o pano se abre, NARIZINHO e EMÍLIA entram pelo lado oposto. NARIZINHO traz o vestido novo de EMÍLIA no braço e entra falando)

NARIZINHO: Pronto, chegamos. Aqui você pode se trocar sossegada, que ninguém vai ver. Venha, eu ajudo você. (Senta-se no toco e vai tirando a roupa de EMÍLIA, que aparece de roupa de baixo: calções compridos até abaixo do joelhos, etc. NARIZINHO vai lhe pondo o vestido novo e falando o tempo todo): Você vai ficar muito chique, Emília... O Pedrinho vai gostar... Sabe, precisamos arranjar uma surpresa para o Pedrinho... Que é que você acha, Emília? (EMÍLIA faz cara e gestos desconsolados) Ora, você não acha nada... E mesmo que achasse, não poderia contar... Você é mais muda que um peixe... (DOUTOR CARAMUJO, de fraque preto, capuz de "chifrinhos" e um grande caracol

nas costas, aparece de trás da árvore e fica ouvindo, sem ser visto por NARIZINHO, que está sentada no toco meio de costas para ele)

EMÍLIA (Faz um som espremido): Nhée...  
NARIZINHO: Está certo, você é menos muda do que um peixe: peixe não pode fazer "nhéeee", espremendo a macela. Mas de que me serve o seu "nhéee"? "Nhéee" não quer dizer nada... Não, Emília, você é muda mesmo. Mudinha da silva... (EMÍLIA agora percebe a presença do DOUTOR CARAMUJO e faz um movimento de surpresa, durinho, como boneca)

NARIZINHO (Sem perceber do que se trata): Não fique impaciente, Emília, eu já terminei, e você ficou muito bonitinha. Só que continua muda. (Suspira) Ah, Emília, se você pudesse falar... Mas o que é que você está olhando tanto? (EMÍLIA aponta o DOUTOR CARAMUJO com o dedo, NARIZINHO olha, e ele faz um cumprimento cerimonioso)

NARIZINHO (Surpresa): Oh! Quem é o senhor?

DOUTOR CARAMUJO (Cerimonioso): Eu sou o Doutor Caramujo, médico da corte do Príncipe Escamado, Senhor do Reino das Águas Claras, do fundo do riacho, às suas ordens.

NARIZINHO: Médico da corte! Que importante! Muito prazer em conhecê-lo, Doutor Caramujo! (Faz reverência elegante e cutuca EMÍLIA, que a imita desajeitadamente)

CARAMUJO: O prazer é todo meu, linda senhora.

NARIZINHO: O meu nome é Lúcia. Mas pode me chamar de Narizinho: todos os meus amigos me

chamam assim.

CARAMUJO: Muito agradecido, dona Narizinho.

NARIZINHO: De nada. Mas não precisa do “dona”, não. É só Narizinho mesmo. De onde vem o senhor, Doutor Caramujo?

CARAMUJO: Eu saí do meu consultório para dar uma voltinha e ouvi a senhora conversando com a boneca.

NARIZINHO: Conversando não: eu estava falando sozinha.

CARAMUJO: Foi o que percebi: a senhora estava se queixando de que ela não pode falar...

NARIZINHO: Pois é. Não é uma maçada? A Emília é uma boneca tão esperta que até parece gente, mas é muda que nem um peixe!

CARAMUJO: Este mal não é tão grave como parece.

NARIZINHO: Como assim, doutor Caramujo?

CARAMUJO: Porque tem cura! (EMÍLIA anima-se toda)

NARIZINHO: Não diga, Doutor Caramujo! E quem é que poderia curá-la?

CARAMUJO: Este seu criado. (Com uma vênia) Tenho a honra de oferecer-lhe os meus serviços profissionais.

NARIZINHO: Viva! Ouviu isso, Emília? O Doutor Caramujo diz que pode curar você da mudez! (EMÍLIA está animadíssima) - Então, Doutor Caramujo, vamos tratar disso já! A Emília precisa estar falando quando o Pedrinho chegar. Como é que vai fazer a coisa?

CARAMUJO: Com a pílula falante.

NARIZINHO: Pílula falante! Que maravilha! O senhor a trouxe?

CARAMUJO: Evidente que não! Pois eu já não disse que saí a passeio? Quando vou passear, não carrego o meu equipamento profissional. Temos de ir ao meu consultório.

Mas é perto, é aqui mesmo... (Vai até a árvore e começa a procurar no oco) - O depósito de pílulas é aqui... (NARIZINHO e EMÍLIA vêm atrás dele e ficam esperando, impacientes e assanhadas).

CARAMUJO (Procura, mexe, remexe e volta-se de repente, louco da vida): Com seiscentos mil caracóis!

NARIZINHO: O que foi, Doutor? Aconteceu alguma coisa? O que é que há?

CARAMUJO: Há apenas 5 anos que encontrei o meu depósito de pílulas saqueado. Roubado! Roubaram todas... todas as minhas pílulas! (EMÍLIA murcha)

NARIZINHO (Aborrecidíssima): Que contratempo! Mas o senhor não pode fabricar outras? Se quiser, eu ajudo a enrolar.

CARAMUJO: Impossível. O besouro farmacêutico que inventou as pílulas já morreu e não revelou o segredo a ninguém. A mim só restava um cento das pílulas, das mil que comprei dos herdeiros, O miserável ladrão só deixou uma!

NARIZINHO: E uma não chega?

CARAMUJO: Chega. Mas a que sobrou não serve para o caso, porque não é pílula falante!

NARIZINHO: E agora? O senhor não pode fazer nada?

CARAMUJO: Infelizmente não, minha senhora. Só se aparecerem as minhas pílulas roubadas. Sinto muito. E agora, com licença. Está na hora de eu fazer uma visita domiciliar: a dona Lagartixa está com cólicas de fígado e eu prometi ir lá sem falta hoje. (Sai pelo lado da árvore)

NARIZINHO (Desapontada): Ora, pipocas! (EMÍLIA faz cara de choro) Pois é. Você continua muda... Quem teria sido a peste

que teve a péssima idéia de furtar as pílulas do Doutor Caramujo? (Ouve-se um forte coaxar gemebundo fora de cena). Uai! O que foi isso? (As duas prestam atenção, o coaxar se repete, mais próximo) Parece alguém doente... (Entra o SAPO, segurando a barriga e coaxando)

SAPO (Dolorido): Ai... ai... ai...

NARIZINHO: É um sapo! Boa tarde, Mestre Sapo. O que foi que lhe aconteceu?

SAPO: Ai, ai, ai! Não agüento mais! (Ele fica parado, gemendo; NARIZINHO e EMÍLIA se aproximam dele, compadecidas).

NARIZINHO: Que tristeza é essa? Conte, Mestre Sapo.

SAPO: Estou com uma dor de barriga horrível! Ai, ai, ai! Não agüento mais!

NARIZINHO: Mas o que foi isso? O senhor comeu alguma coisa que não devia?

SAPO: Pois é! Foi isso mesmo! Fui guloso e agora estou pagando!

NARIZINHO: Mas o que foi que o senhor comeu?

SAPO: Eu estava passeando aí pela beira do riacho, quando encontrei um monte de coisinhas branquinhas, redondinhas, que pareciam balas de coco. Ai, ai, ai! Então fui engolindo uma por uma, sem mastigar; até ia contando: engoli noventa e nove. (EMÍLIA dá um cutucão em NARIZINHO)

NARIZINHO (Interessada): Noventa e nove?

SAPO: Noventa e nove. Eu já ia engolindo a centésima, mas naquela hora me deu uma dor de barriga tão forte, que larguei a última ali mesmo e saí aos pulos. Ai, ai, ai! Como dói!

NARIZINHO: Você está ouvindo isso,

Emília? Noventa e nove “balas” branquinhas, redondinhas, na beira do riacho... Sobrou uma! (EMÍLIA faz que sim, veementemente) Emília, eu acho que ele engoliu mas foram as pílulas do Doutor Caramujo!

SAPO (Gemendo): Ai, ai, ai! Que é que eu vou fazer? Que vai ser de mim?

NARIZINHO: Tente botá-las para fora, Mestre Sapo! Cuspa!

SAPO: Já tentei, mas não consigo! Ai, ai, ai!

NARIZINHO: Tente outra vez! Meta o dedo na garganta! Força!

SAPO (Tentando com todas as forças): Não vai, não vai mesmo! Ai, ai, ai! Acho que vou morrer empanturrado! Ai, ai, ai, !

NARIZINHO: Espere aí, Tenho uma idéia! Vamos procurar o Doutor Caramujo! (EMÍLIA faz que sim, com veemência) Quem sabe o Doutor Caramujo acha um jeito de extrair as “balas” do seu papo!

SAPO: É mesmo! Como é que não me lembrei antes? Ele poderia tirá-las do meu papo com o ferrão do caranguejo que lhe serve de pinça! Ai, ai, ai!

NARIZINHO: Então vamos para o consultório, depressa! (EMÍLIA sai correndo para o tronco de árvore, do outro lado da cena) Vamos, Mestre Sapo!

SAPO (Cai de costas, de pernas para o ar): Ai, ai, ai! Não posso andar, de tanta dor de barriga!

NARIZINHO: Não pode andar? E agora? (EMÍLIA, que já voltou, faz sinal de “esperem”, sai correndo e volta em seguida, empurrando um carrinho de mão). Boa idéia, Emília! Ajude-me a pô-lo no carrinho! (As duas começam a tentar colocá-lo no carrinho. É uma luta: ele cai, geme etc. Enquanto isso, DOUTOR CARAMUJO

volta e, sem vê-los, recomeça a procurar no oco da árvore, resmungando. Finalmente NARIZINHO e EMÍLIA conseguem pôr o sapo no carrinho)

NARIZINHO: Ufa! Até que enfim! Bem, vamos levá-lo até o consultório do Doutor CARAMUJO... Depressa, que o coitado está sofrendo muito! (Com muito esforço, uma puxando, outra empurrando, vão levando o carrinho com o sapo até o outro lado do cenário, onde o Doutor CARAMUJO continua remexendo no oco, e o Sapo coxa e geme baixinho)

CARAMUJO (De costas para os outros): Mas que maçada, que maçada! Vou acabar sendo demitido do meu cargo de médico da corte, por causa dessa história de pílulas roubadas!

NARIZINHO: Doutor Caramujo... (Alto) Doutor Caramujoooo!

CARAMUJO: Que é? Estou ocupado!... Ah, é a senhora, Narizinho! Estou tão aborrecido por causa das minhas pílulas... (Repara no SAPO que geme) Mas o que é isso?

NARIZINHO: Estamos lhe trazendo um paciente. Mestre Sapo engoliu uma porção de pedrinhas e agora está empachado... Está ouvindo como geme o coitado? Será que o senhor não poderia tirar-lhe as pedrinhas do papo com a sua pinça de caranguejo?

CARAMUJO: Hum... Vamos ver... (Faz toda uma cena de médico: apalpa a barriga do sapo, escuta, toma-lhe o pulso, balança a cabeça etc.) Vamos tentar... (Tira a "pinça de caranguejo" do oco da árvore e mete-a pela goela do SAPO, que tosse, engasga, geme, enquanto NARIZINHO e EMÍLIA observam, "torcendo") - Hum... Está difícil...

Tentemos novamente. (Repete-se a cena, com grande ansiedade de NARIZINHO e EMÍLIA, mas sem resultado) - Não. Não é possível. Estão muito fundo, já desceram para a barriga!

NARIZINHO: E agora?

CARAMUJO: Temos de recorrer a uma intervenção cirúrgica.

NARIZINHO: Uma o quê?

CARAMUJO: Intervenção cirúrgica: uma operação.

NARIZINHO: O senhor vai operar o Mestre Sapo?

CARAMUJO: É o único jeito. Terei de abrir-lhe a barriga com o meu bisturi de peixe-espada (tira o "bisturi" do oco) e extrair os corpos estranhos.

NARIZINHO: Corpos?

CARAMUJO: Ignorantezinha, heim? Os corpos estranhos são as tais pedrinhas que ele engoliu.

NARIZINHO (Olha impressionada para o "bisturi"): Ah... Mas não é perigoso, Doutor Caramujo?

CARAMUJO: Ora! Ainda não aconteceu um doente morrer nas minhas mãos. Sou o cirurgião da corte real, está se esquecendo disso?

NARIZINHO (Apreensiva): Eu sei, eu sei... Mas... e se ele não for operado? Se a gente deixar como está para ver como fica?

CARAMUJO: Se deixarmos como ele está, ele estoura a qualquer momento - aí será tarde para acudir.

NARIZINHO: É mesmo! Então opere, Doutor Caramujo.

SAPO: Ai, ai, ai! Tenho medo! Vai doer! Ai, ai, ai!

CARAMUJO: Não vai doer nada, Mestre Sapo. Vou dar-lhe anestesia.

NARIZINHO: Vai dar-lhe o quê?

CARAMUJO (Paciente, enquanto se volta para apanhar uma papoula vermelha): Anestesia, menina, é

remédio para não sentir dor.  
Cheire, Mestre Sapo. (SAPO faz que não com a cabeça, assustado) Cheire, seu ignorante. Isto aqui é uma papoula, as papoulas contêm ópio, e o ópio faz dormir: o senhor cheira a papoula, adormece e não sente nada, só acorda depois da operação. Cheire... Assim... Mais um pouco... Pronto. Está anestesiado. (SAPO "adormece") Agora, vamos operar! ("Abre" a barriga do SAPO, que deve ter um bolso, ou um zíper, enfia a pinça e retira uma grande pílula branca; olha distraído e vai jogá-la fora, mas EMÍLIA faz uma pantomima tão veemente que ele pára, olha para a pílula e se abre todo num sorriso de satisfação) Oh! Mas isto não é bala nem pedrinha! Isto aqui é uma das minhas queridas pílulas! Mas como terá ela ido parar na barriga deste sapo? Segure aqui! (NARIZINHO segura a pílula; CARAMUJO, de contente, joga fora a pinça e enfia a mão na barriga do Sapo) Outra das minhas pílulas! E outra! E mais outra! (Doutor Caramujo vai jogando as pílulas aos punhados, dentro dos bolsos do fraque) Vinte! Cinquenta! Oitenta! Noventa! Noventa e nove! Estão todas aqui, sem faltar uma só!

NARIZINHO (Bate palmas): Que maravilha! Que ótimo!

CARAMUJO: Ótimo mesmo. (Tira do oco uma enorme agulha e linha e costura a barriga do SAPO) - Ótimo, porque agora poderemos curar a mudez da senhora Emília... (EMÍLIA reage com entusiasmo. DOUTOR CARAMUJO acaba de costurar e faz cócegas nos pés do SAPO, que acorda, meio rindo e meio tonto)

SAPO: O que foi... Onde estou?

CARAMUJO: O senhor está no meu consultório, foi operado, está curado: pode andar.

SAPO (Levanta-se e apalpa a barriga): É mesmo... Não dói mais. Arre, que mau pedaço eu passei! Ainda bem que estou bom... (Apalpa a barriga) Doutor Caramujo... Não vai ficar cicatriz, não?

CARAMUJO: Ora, Mestre Sapo! Até é bom que fique marca, que é para o senhor se lembrar sempre de não ir engolindo tudo o que encontra!

SAPO: É... Quem sabe o senhor tem razão... Muito obrigado, Doutor Caramujo. Muito obrigado, Narizinho! Bem, vou andando para casa, dona Rã já deve estar preocupada... Até logo! (SAPO sai, todos dão adeus)

CARAMUJO: E agora, é a sua vez, dona Emília. Por favor, sente-se aqui. (EMÍLIA senta-se no toco, muito assanhada; DOUTOR CARAMUJO pega uma pílula, sem olhar, meio distraído, e oferece à Emília) -Abra a boca...assim! (EMÍLIA fica com a pílula na boca, de olhos arregalados)

NARIZINHO: Engula dumavez, Emília! E não faça careta, senão arrebenta o retrós dos olhos!

EMÍLIA (Após alguns esforços, engole a pílula, mexe-se, faz um esforço, arregala uns olhos de espanto e começa... a latir) - Au au!

NARIZINHO (Entusiasmada) Ela falou, doutor!

CARAMUJO: Claro! Foi para isso que ela tomou a pílula.

EMÍLIA (Desandando a latir mesmo): Auauau! Auauau! Au!

NARIZINHO: Agora chega, Emília. Fale direito!

EMÍLIA (Latindo em tom de "não posso"):

Auau! Auauau!

NARIZINHO: Que brincadeira é essa, Emília?

EMÍLIA (Desesperada) Auauauau! (Latido lamentoso, quase uivo)  
Auauuuuuu!

NARIZINHO: Doutor! Ela está latindo... e uivando... e ganindo!

CARAMUJO (Que prestou atenção, bate com a mão na testa): É mesmo! Que distração a minha: dei-lhe a pílula errada!

NARIZINHO: Errada?

CARAMUJO: Pois é. Em vez da pílula falante, de gente, dei-lhe a pílula latinte, de cachorro! (Emília late e gane, desesperada, pondo as mãos na cabeça)

NARIZINHO (Aflitíssima): Coitadinha da minha boneca! Não fique assim, Emília! Doutor, faça alguma coisa!

CARAMUJO: Não se afobe, Narizinho. Vamos já dar um jeito nisso. (Para EMÍLIA) Calma, dona Emília. Calma... A senhora precisa pôr para fora esta pílula, dona Emília... Precisa cuspi-la, já! Vamos, força! Enfie o dedo na garganta... assim... Força! (EMÍLIA, num esforço supremo, bota para fora a pílula e cospe-a longe)  
Pronto! (EMÍLIA escorrega lentamente do toco e cai sentada no chão, meio tonta)

NARIZINHO: EMÍLIA! Você está melhor agora? Ela não diz nada, doutor!

CARAMUJO: Claro, ela está tão muda como antes. Vou dar-lhe agora a pílula certa, não tenha receio. (Procura com muito cuidado no punhado que tira do bolso, escolhe uma e oferece a EMÍLIA, que fecha a boca e faz que não, desconfiada)

NARIZINHO: Vamos, Emília. Você não quer falar? Vamos, sente-se no toco direitinho... (Ajuda-a) Assim... É abra a boca... (EMÍLIA faz que não)

CARAMUJO (Oferecendo a pílula):  
Vamos, dona Emília! Coragem!

NARIZINHO (Suplicando): Por favor, Emília! Emíliazinha do meu coração! Você não quer falar como gente, não quer conversar comigo? (EMÍLIA faz que sim, comovida) - Então, engula a pílula! Vamos, abra a boca... Assim... Depressa, doutor!  
(CARAMUJO enfia a pílula na boca aberta da EMÍLIA)

NARIZINHO e CARAMUJO (Juntos): Um... dois... e três! (EMÍLIA engole)

NARIZINHO: Pronto! Viu como foi fácil?

EMÍLIA (Começando a falar lentamente, muito admirada da própria capacidade, meio incrédula):  
Essa... essa... pílula... tem gosto de... gosma... (Entusiasmada)  
Gosma! Gosma. Gosma. Gosma. Gosma. Gosma. Gosma.

NARIZINHO: Parece disco quebrado!

CARAMUJO: É assim mesmo. Ela ainda não se acostumou. É palavra encravada. Vamos ajudá-la. (Pega EMÍLIA pelos ombros, enquanto ela fica repetindo "gosma, gosma", e dá-lhe uma chacoalhada)

EMÍLIA (Desencalhada): Gosma de casca de coruja. Doutor coruja. Foi a coruja do doutor. (Vitoriosa, apontando o DOUTOR CARAMUJO)  
Foi o Doutor Cara de Coruja!

NARIZINHO (Encantada): Muito bem, Emília. Só que não é Doutor Cara de Coruja, e sim Doutor Caramujo.

EMÍLIA: Cara de Coruja.

NARIZINHO: Caramujo. Doutor Caramujo, Emília.

EMÍLIA (Já teimando): Doutor Cara de Coruja - CARA DE CORUJA! O Doutor Cara de Coruja mandou c pa... po... pu... pílulas de falinha para o meu cuspe subir mas a casca que eu engoli era falinha de chichorro...



NARIZINHO: Chichorro, não: cachorro, Emília.

EMÍLIA (Teimosa): Chichorro! Então eu cuspi a casca de chichorro que estava no papo do sapo que cheirou a papoula e começou a roncar e daí o doutor cara de coruja meteu a pinça na pança do sapo e arrancou todas as casquinhas de falinhas e então eu comecei a latir que nem chichorro mas cara de coruja percebeu e meteu o dedo na goela e a garganta espirrou a casca de fala de chichorro e engoliu outra casca de falinha de gente daí a boneca começou a cantar melhor que gente e foi quando a rapadura percebeu que o açúcar tinha acabado e resolveu se queixar pro engenho. ( O fôlego de EMÍLIA, que fala tudo isso numa torrente só, vai acabando, e Narizinho aproveita para interromper)

NARIZINHO (Entre espantada e preocupada): Doutor Caramujo, o senhor não acha que é melhor fazer a Emília cuspir aquela pílula e engolir outra mais fraquinha?

CARAMUJO: Não é preciso. Ela que fale até cansar. Depois de algumas horas de falação, ela sossega e fica como toda gente. Isso que está acontecendo com ela é fala recolhida que tem que ser botada para fora...

EMÍLIA (Reanimando-se, recomeça): Ele estava comendo o último focinho quando o milho do rabicó desmanchou o laço de fita que o menino mandou pôr no chicote de cabo de bolinha porque a Tia Nastácia enchia a macela da frigideira com retrós preto, foi quando eu senti a picada na caranda e o livro começou a falar com tanta força que ficou todo quadragésimo de tanto papar pipoca e daí apareceu a velha que virou bengala e começou a dar bengaladas na formiguinha... (Durante essa fala comprida, Narizinho senta-se com ar de resignação e fica esperando acabar a fala recolhida. Dr. Caramujo cruza os braços e fica esperando também, enquanto o pano vai se fechando sobre a cena, e o NARRADOR aparece diante dele, com o livro na mão)

NARRADOR (Enquanto o pano se fecha e ainda se ouve, cada vez mais fraca, a voz de EMÍLIA, matraqueando sem parar): E assim, a boneca Emília aprendeu a falar. Revelou-se logo de início muito muito faladeira e asneirenta e, apesar de ter ficado mais de três horas botando para fora a fala recolhida, nunca mais deixou de ser faladeira e asneirenta como ela só!

## PANO

Observação: Esta peça pode ser representada por alunos de 5ª série em diante, para que a ela assistam também as crianças das séries iniciais



# 10 a 14 anos

(Aproximadamente)

A Sopa de Pedra  
Tatiana Belinky

Tratível de Práglutifitotinquelux  
Roberto Freire

Lambe-Beijos e seu Criado Cata-  
Farelos  
Fábio Gaia



A SOPA DE PEDRA  
Comédia em um ato de Tatiana Belinky

Inspirada num conto popular

PERSONAGENS:

---

A BELHA AVARENTA - Esfarrapada e descabelada.

BENZEDRINO - Um soldado, alegre e esperto.

MAGNÓLIO - Seu companheiro, soldado, tímido.

(Essas personagens podem também ser palhaços, migrantes, saltimbancos ou outro tipo de dupla cômica)

CENÁRIO

---

Um descampado, com algumas árvores. No canto, a casinha da VELHA AVARENTA, uma porta dando para o descampado e outra porta dando para os bastidores; no fundo, uma janela e, no canto, um fogão antigo, cama tosca, duas cadeiras e um armário. A casa da Velha é aberta para o público, naturalmente.

---

CENA 1

(Ao subir o pano, a VELHA AVARENTA está em sua cabana miserável, contando moedas que põe num cofre, resmungando o tempo todo)

VELHA: Cento e vinte uma, cento e vinte e duas, 123, 124, 125, 126, 127, 128, 129... Cento e vinte e nove moedas de ouro! Ah! Que maravilha! Como são bonitas! E pensar que cada uma delas vale cem moedinhas de cobre... (Pega um cofrinho com moedas miúdas e conta) Aqui já tem 75 moedas de cobre... Mais 25 e terei mais uma moeda de ouro... Só que não vai dar para completar as cem tão depressa... Eu tenho que comer! É um azar a gente ter que comer! É um tal de comprar sal, de comprar carne, de comprar verdura, de comprar arroz, de comprar feijão, de comprar

cebola... Não sei por que a gente não pode viver sem comer... Eu já tentei passar uma semana sem comer, mas aí eu fiquei tão fraca que não podia nem andar... Fiquei com medo que algum ladrão me assaltasse... Eu não poderia nem defender o meu rico dinheirinho... Então tive que comer outra vez... Ainda bem que tenho reservas de comida para algum tempo... E roupa, então! Toda hora a gente tem que comprar mais roupa... Porcaria de roupa que fazem agora! Custa os olhos da cara e não dura nada! Este vestido tem só vinte e dois anos, e olhe o jeito que ele está... Este avental... E o sapato, então! Nem vinte anos ele tem e já está furado... Vou ter que comprar um outro qualquer dia desses... Deste jeito, a gente pode ficar arruinada... E sem sapato eu não posso andar, com o frio que está

fazendo ... É uma desgraça! Este mês vou ter que gastar pelo menos umas cinco moedas... Deste jeito vai levar um século para completar as cento e trinta moedas de ouro! Brrr, que frio! Ainda por cima vou ter que acender o fogo para me esquentar... E gastar lenha... Ora bolas! (Acaba de guardar o dinheiro, fecha o cofre, que guarda embaixo da cama, e vai acender o fogo. Pega três achas de lenha, fica com pena, torna a guardar duas, põe uma no fogão e sai pela porta dos bastidores, resmungando)

## CENA 2

(Entram dois soldados pelo outro lado)

BENZEDRINO: Aqui é um bom lugar para uma partida de dados, não acha, Magnólio?

MAGNÓLIO: Acho. (Acocoram-se) - Que é que nós vamos apostar?

BENZEDRINO: O seu cachimbo.

MAGNÓLIO: O meu rico cachimbinho! Eu preferia outra coisa.

BENZEDRINO: Você não tem outra coisa. Tem que ser o seu cachimbo.

MAGNÓLIO: Está bem, vá lá. (Atira os dados)

BENZEDRINO (Depois de uma jogada floreada): Ganheeeeei! Passe pra cá o cachimbo.

MAGNÓLIO: Arre! Nunca vi um azar desses! E você vai mesmo querer ficar com o meu cachimbo, Benzedrino?

BENZEDRINO: Que pergunta! Aposto é aposta! Passe pra cá o cachimbo!

MAGNÓLIO: Meu rico cachimbinho ... Adeus! (Passa-lhe o cachimbo) Trata-o bem, hein, Benzedrino!

Com delicadeza!

BENZEDRINO: Com o máximo respeito, não se preocupe... (Acende o cachimbo) Hummm... É bom mesmo!

MAGNÓLIO: Se é bom... Eu tenho mesmo muito azar...

BENZEDRINO: Não se lamente, homem! Jogo é jogo!

MAGNÓLIO: Pois é... Quem mandou apostar o meu único cachimbo de estimação...

BENZEDRINO: Ué... Eu não queria apostar o cachimbo. Eu queria jogar a dinheiro.

MAGNÓLIO: A dinheiro! Quem é que tem dinheiro? Eu estou mais liso que a careca do meu avô.

BENZEDRINO: E eu também...

MAGNÓLIO: E isso me lembra uma coisa...

BENZEDRINO: Não precisa dizer mais nada! Eu já sei!

MAGNÓLIO: Já sabe o quê?

BENZEDRINO: A mesma coisa que você.

MAGNÓLIO: E o que é que você sabe que eu sei?

BENZEDRINO: Eu sei que você sabe que eu já sei que você sabe que...

OS DOIS (Em coro): Estou com fome!

MAGNÓLIO: Pois é.

BENZEDRINO: E não tenho nem um tostão furado para comprar uma batata que seja...

MAGNÓLIO: E nem eu...

BENZEDRINO: Que é que nós vamos fazer?

MAGNÓLIO: Sei lá...

BENZEDRINO: Quer jogar mais uma partida?

MAGNÓLIO: Pra quê?

BENZEDRINO: Pra tapear a barriga...

MAGNÓLIO: Então vamos.

BENZEDRINO: Mas você não tem mais nada pra apostar...

MAGNÓLIO: Que que tem? Aposto só você...

BENZEDRINO: Como assim?

MAGNÓLIO: Aposta só você...

BENZEDRINO: Aposto o quê? De que jeito?

MAGNÓLIO: Você aposta o cachimbo, se eu ganhar você me devolve o cachimbo.

BENZEDRINO: Ah, é? Muito engraçado! Eu já estou enjoado das suas lamúrias por causa do cachimbo!

MAGNÓLIO: Que lamúrias? Eu só queria jogar mais uma partidinha. Quem sabe a minha sorte vira...

BENZEDRINO: E se virar, que é que você ganha com isso?

MAGNÓLIO: Ganho o meu cachimbo de volta...

BENZEDRINO: Cachimbo não enche barriga.

MAGNÓLIO: Quem sabe enche...

BENZEDRINO: Como assim?

MAGNÓLIO: Vamos experimentar: você dá uma cachimbada, depois eu dou uma. Quem sabe a fome melhora.

BENZEDRINO: Vamos ver... Mas eu desconfio que você quer é fumar o meu rico cachimbinho.

MAGNÓLIO: Bem, isso também. Em todo caso, vamos tentar.

BENZEDRINO: Vamos.  
(Fumam o cachimbo, uma pitada um, uma pitada outro)

MAGNÓLIO: É gostoso, hein...?

BENZEDRINO: É gostoso, mas não enche a barriga.

MAGNÓLIO: Isso é verdade. E agora?

BENZEDRINO: Temos que arranjar comida, ué.

MAGNÓLIO: Arranjar onde?

BENZEDRINO: Sei lá, vamos andando, quem sabe a gente encontra alguma coisa...(Vão andando um pouco)

MAGNÓLIO: Arre! Esta mochila está pesada... Ainda se tivesse comida dentro...

BENZEDRINO: E o fuzil, então... Pesa que nem chumbo... Se eu pudesse

roê-lo, serviria para alguma coisa...

MAGNÓLIO: É uma idéia! (Rói o fuzil)

BENZEDRINO: Que tal?

MAGNÓLIO: Não gostei! Quer experimentar?

BENZEDRINO: Eu não! Deus me livre!

MAGNÓLIO: Olhe! Estou vendo uma coisa!

BENZEDRINO: Que coisa, onde?

MAGNÓLIO: Aqui mesmo!

BENZEDRINO: Oh! É uma casinha!

MAGNÓLIO: Quem sabe tem gente dentro!

BENZEDRINO: Gente que tem comida!

MAGNÓLIO: Ai! Já estou com água na boca!

BENZEDRINO: É... Mas nós não temos dinheiro para pagar a comida!

MAGNÓLIO: Ué!... Há tanta gente boa no mundo... A gente explica a situação e quem sabe eles dão alguma coisa pra gente...

BENZEDRINO: Nem que seja um osso...

MAGNÓLIO: Isso não! Eu não sou cachorro pra comer osso! O que eu queria era uma sopa... Hummm...

BENZEDRINO: Uma sopa ...

MAGNÓLIO: Uma boa sopa, bem gorda, bem forte, cheia de verduras e batata, com bastante cebola e ...

BENZEDRINO: Chi, Magnólio! Não fale assim que eu já estou começando a babar! Sopa é a coisa que eu mais gosto no mundo!

MAGNÓLIO: Eu também! Bem, chegamos... Vamos bater na porta!  
(Batem à porta. Velha aparece, entrando dos fundos)

VELHA (De dentro): Quem é?

AMBOS: Somos nós!

VELHA: Nós, quem?

AMBOS: Benzedrino e Magnólio!

VELHA: Benzedrino e Magnólio! O que é isso?

BENZEDRINO: Dois soldados! Praça

Benedrino e praça Magnólio!  
VELHA (Resmungando): Soldados! Era o que faltava! (Abre a porta) Que é que vocês querem?  
MAGNÓLIO: Entrar e descansar um pouquinho, dona...  
BENZEDRINO: Estamos tão cansados...  
MAGNÓLIO: E a senhora tem um ar tão simpático...  
BENZEDRINO: Parece tão boazinha...  
MAGNÓLIO: Deixe a gente entrar um pouquinho...  
VELHA: Se é só para descansar...Está bem, podem entrar.Mas só um pouquinho, hein?  
AMBOS: Sim senhora. (Entram)

### CENA 3

BENZEDRINO: Dá licença... (Senta-se numa cadeira)  
MAGNÓLIO: Dá licença... (Vai sentar-se na cama)  
VELHA: Aí não! Vai gastar o cobertor! Era o que faltava!  
MAGNÓLIO: Desculpe, dona... (Senta-se num tamborete)  
VELHA (Resmungando) : Ora já se viu... Vão entrando, querendo usar a casa da gente, já não basta que ficam sentados na cadeira gastando a cadeira, e ainda querem sentar na cama...  
BENZEDRINO: Dona...  
VELHA: Que é agora?  
BENZEDRINO: A senhora não podia nos arranjar um pouquinho de comida?  
VELHA: Comida??!!  
MAGNÓLIO: Estamos com uma fome de lobos... Desde ontem que não comemos nada...  
VELHA: Comida?! Vocês estão loucos! Pedir comida a mim!  
BENZEDRINO: Mas nós estamos com tanta fome...  
MAGNÓLIO: Nós pagaríamos pra senhora...

VELHA: Pagar? Quanto?  
MAGNÓLIO: Quanto a senhora quisesse...  
VELHA: Ah, é?  
BENZEDRINO: Mas é que não temos dinheiro...  
VELHA: Não têm dinheiro? E eu não tenho comida.  
BENZEDRINO: Como, não tem comida?  
MAGNÓLIO: Não tem nada,nada? Nem um pedacinho de pão?  
VELHA: Pão! Imagine se eu tenho pão! Eu não tenho nada!  
BENZEDRINO: Mas como... Como é que a senhora vive?  
VELHA: Os velhos como eu comem pouco... E eu já comi na semana passada... Agora não tenho mais comida.  
BENZEDRINO: Nenhuma,nenhuma?  
VELHA: Nenhuma.  
MAGNÓLIO: Nada de nada?  
VELHA: Nada.  
MAGNÓLIO: Arre! Que azar!  
BENZEDRINO: É mesmo. Um azar dos diabos.  
MAGNÓLIO: Estou ficando com frio.  
BENZEDRINO: É por causa da fome... Vou pôr mais uma acha de lenha no fogo... (Vai pegar lenha)  
VELHA: Tire a mão daí!  
BENZEDRINO: Como?  
VELHA: Você não desconfia? Avançar assim na minha lenha! Vai gastar lenha à toa! Era só o que faltava!  
BENZEDRINO: Desculpe, dona...  
VELHA: Vocês já não descansaram que chegue? É melhor vocês irem dando o fora.  
BENZEDRINO: Nós vamos logo, dona...  
MAGNÓLIO: Só mais um pouquinho...  
VELHA: Está bem. Mas só mais um pouquinho,hein?(Afasta-se, resmungando, e vai mexer no fogão)  
BENZEDRINO: Magnólio...  
MAGNÓLIO: Hein...  
BENZEDRINO: Essa dona, o que é, é avarenta...



MAGNÓLIO: É, pão-dura que nem o diabo...

BENZEDRINO: Ela tem cara de ter de tudo...

MAGNÓLIO: Mas bem escondido... E não vai dar nada a ninguém, de jeito nenhum. Nós vamos sair mesmo é de barriga vazia.

BENZEDRINO: Acho que não...

MAGNÓLIO: Como não?

BENZEDRINO: Eu tenho uma idéia... Escute... (Cochicha para ele)

MAGNÓLIO: Com os diabos! Que idéia-mãe! E é capaz de dar certo!

BENZEDRINO: Vai dar certo, sim... Espere só... (para a Velha) - Ó dona...

VELHA: Hein?

BENZEDRINO: Nós já vamos andando.

VELHA: Já vão tarde...

BENZEDRINO: Muito obrigado pela pousada... A senhora foi muito generosa...

VELHA: De nada. Adeus.

BENZEDRINO: Adeus. Vamos, Magnólio. (Alto para Magnólio, para a Velha escutar) - A dona é tão boazinha... Estou até com vontade de lhe fazer um presente... Daquilo...

MAGNÓLIO: Não me diga que você quer fazer... aquilo!

VELHA: Hein? Você disse alguma coisa?

BENZEDRINO: Disse, dona. Falei que estava com vontade de fazer um presente para a senhora. É uma coisa que eu sei fazer. Só eu que tenho esse segredo.

VELHA: O que é, hein?

MAGNÓLIO: Ele é o melhor cozinheiro do mundo. Sabe fazer cada comida...

VELHA: Cozinheiro! Não me interessa! Não tenho nada para cozinhar.

MAGNÓLIO: Mas é que ele não precisa de nada.

VELHA: Como, não precisa? Você quer dizer que pode cozinhar sem...sem...

BENZEDRINO: Sem nada. Quer dizer,

nada, nada, não. Preciso só duma coisa

VELHA: Ah! logo vi.

BENZEDRINO: Preciso de uma pedra.

VELHA: Pedra?

MAGNÓLIO: Ele faz sopa de pedra... É uma receita mágica que ele tem.

VELHA: Sopa de pedra?

BENZEDRINO: Pois é, dona. Eu faço uma sopa de pedra que é uma delícia. Gostosa e nutritiva...

MAGNÓLIO: Cheia de vitaminas!

VELHA: Vocês estão loucos! Estão caçoando de mim!

BENZEDRINO: Nunca, dona! Garanto-lhe que faço uma sopa de pedra maravilhosa!

VELHA (à parte): E se for verdade mesmo? Não custa nada tentar... Se ele fizer isso, não precisarei gastar nada... (Alto) - Mas você sabe fazer isso mesmo?

BENZEDRINO: Juro. (Faz pelo-sinal) - Mas preciso de uma pedra bem boa...

VELHA: De que jeito? Que pedra?

BENZEDRINO: Tem que ser uma pedra... Assim... Mais ou menos deste tamanho... (Mostra com as mãos) - Nem muito clara, nem muito escura... Nem muito grande, nem muito pequena...

MAGNÓLIO: Nem muito mole, nem muito dura...

BENZEDRINO: Cale a boca, bobo! Tem que ser dura, sim! Dura que nem pedra! A senhora pode arranjar uma pedra assim?

VELHA: Posso, posso! Lá fora tem uma porção de pedras assim...

BENZEDRINO: Então a senhora quer que eu faça a sopa para a senhora?

VELHA: Quero, sim! Vou buscar a pedra, já, já! (Sai)

BENZEDRINO: Desta vez vamos comer!

MAGNÓLIO: Nem fale! Já estou com água na boca outra vez!

BENZEDRINO: Psst! Lá vem a velha!

VELHA (Entrando com algumas pedras):

Aqui tem algumas. Quer ver se servem?

BENZEDRINO: Esta não... Esta aqui também não... É muito gorda... Ah, esta está perfeita! Vai dar uma sopa maravilhosa!

VELHA: Acha mesmo?

BENZEDRINO: Acho, não...! sei! A senhora tem uma panela grande, dona?

VELHA: Tenho, tenho... (Tira a panela do armário) Esta serve?

BENZEDRINO: Serve... (Põe a pedra dentro) - Vou precisar de um avental, dona...

VELHA: Para quê?

BENZEDRINO: Não posso sujar a farda do governo.

VELHA: Ah... (Tira o seu avental esfarrapado) - Aqui está...

BENZEDRINO: Obrigado. (Põe o avental) - Bonito, este avental...

MAGNÓLIO: Muito... Parece renda, não é?

BENZEDRINO: Agora, precisa água...

VELHA (Que já fora buscar o balde): Aqui tem... (Despeja)

BENZEDRINO: Muito bem... Magnólio!

MAGNÓLIO: Sim, Benzedrino?

BENZEDRINO: Ponha mais umas achas de lenha no fogão... (A velha vai protestar) - Senão a sopa não pode cozinhar! (Magnólio obedece) - Muito bem. Agora vamos começar. A senhora tem uma colher?

VELHA: Tem, tem. Aqui está. (Dá-lhe uma concha)

BENZEDRINO: Muito obrigado. (Mexe na panela) - Isto vai ficar muito bom. Já está quase fervendo... Precisa ferver bastante, sabe? Pedra é assim... Precisa de muita fervura... Deixe provar... Hummm... Está começando a ficar bom. Só que falta um pouquinho de tempero. A senhora tem um pouquinho de sal, dona?

VELHA: Sal? Tem... (Vai buscar) - Aqui...

Mas não muito.

BENZEDRINO: Eu não preciso de muito. Uma pitadinha só. Assim, muito obrigado. (Prova de novo) - Está ficando, está ficando. Agora, sopa de pedra fica muito bem com cebola. Cebola combina pra chuchu com sopa de pedra. A senhora tem um pouco de cebola, dona?

VELHA: Cebola? Tenho, tenho, sim. Já vou buscar...

MAGNÓLIO ( Lambendo os beiços): Ai cebolinha...

BENZEDRINO: Psst! Fique quieto. Lá vem ela...

VELHA Aqui está a cebola... (Traz uma réstia): Não gaste muita, hein?

BENZEDRINO: Eu não preciso de muita... Isso aqui chega... (Arranca uma cebola, que devolve à velha, e joga a réstia na panela) - Um pouquinho só já chega... Sopa de pedra tem um gosto tão bom que quase não precisa de tempero...(Prova) - Hummmmm... Está ficando bom. Quer provar, Magnólio?

MAGNÓLIO Quero. (Prova e vai fazer careta, mas Benzedrino lhe dá um beliscão): É, está muito bom mesmo...

VELHA: Deixa eu provar, moço?

BENZEDRINO: Ah, não! A senhora, não! A senhora só vai comer a sopa pronta! (Prova) - Hummm... Agora precisava de um pouquinho de pimenta... E cheiro-verde... A senhora tem?

VELHA: Pimenta e cheiro-verde? Tenho sim. Aqui estão.

BENZEDRINO: Obrigado. Agora está quase pronto. O que é que falta mesmo agora?... Ah, toucinho! Um pouquinho de toucinho dá uma graça especial à sopa de pedra! A senhora tem toucinho, dona?

VELHA: Tenho toucinho, tenho sim... Aqui

está, moço...

BENZEDRINO: Obrigado. (Põe todo o toucinho na sopa ) - Hummm... Está sentindo o cheiro, dona?

VELHA: Estou, estou sim... Acho que vai ficar bom mesmo. Puxa! Nunca vi fazer sopa de pedra!

BENZEDRINO: Sabe, Magnólio... O que ia ficar bom mesmo, aqui, é um pouco de batata, e abóbora, e... e... uns tomates. Essas coisas vão bem com sopa de pedra. Mas acho que a dona não tem essas coisas...

VELHA: Batata e tomate e abóbora, tenho, tenho sim! Vou buscar já!

BENZEDRINO (Cotucando Magnólio): Viu? Está funcionando!

MAGNÓLIO: Puxa, você é gênio mesmo!

BENZEDRINO: Pssst! Ah, aqui está ela de volta.

VELHA: Aqui estão, moço. (Segura uma cesta cheia de coisas)

BENZEDRINO: Com licença! (Vai pegando batatas, cenouras, tomates etc.)

MAGNÓLIO: Acho que um pouco mais de batatas... Não é? ...

BENZEDRINO: Pode ser... Mais umas batatas...Ai! Sinta só o perfume, dona. O cheiro dessa iguaria sem igual... Agora, só falta manteiga... Um pouquinho de manteiga...

VELHA: Manteiga? Está aqui...

BENZEDRINO: Obrigado. Esta vai ser a melhor sopa de pedra que já fiz na minha vida.

MAGNÓLIO: Nossa! Já não agüento mais!

VELHA: Então, moço, já está pronta?

BENZEDRINO: Quase pronta... Quase, quase... (Prova) - Praticamente pronta... Agora só falta uma coisa... Uma coisinha de nada... E aí, a sopa de pedra está pronta para ser comida...

VELHA: O que é que falta, moço?

BENZEDRINO: Um pouquinho de carne... Um pedacinho só e pronto!

VELHA: Carne?

BENZEDRINO: Carne. Uma carne qualquer, de bicho... A senhora tem um pouquinho?

VELHA: Tenho... Tenho um pouco, sim...

BENZEDRINO: Com licença! (Vai pegando batatas, cenouras, tomates etc)

VELHA: Vou já! (Sai e traz um pedaço de carne) Aqui está, moço... Aqui está a faca... Corte o pedacinho que precisa...

BENZEDRINO: Um pedacinho só... (De fato, corta um "pedacinho" só, joga na panela o pedaço inteiro e devolve o pedacinho à velha)

VELHA: Mas como! O pedacinho... Que é isso?

BENZEDRINO: Oh, Desculpe, dona! Eu me enganei! Imagine, que distração! Em vez de jogar o pedacinho menor, joguei o maior! Mas não faz mal... A sopa de pedra não fica estragada por causa disso... Não fique triste, dona... A senhora já vai ver o que é uma sopa de pedra de verdade! Está quase pronta... Magnólio!

MAGNÓLIO: Hein?

BENZEDRINO: Ajude a dona a pôr os pratos na mesa. E vá buscar umas colheres.

MAGNÓLIO: Vou voando! Onde estão os pratos, dona? ... Ah, já vi! (Tira umas tigelas do armário ) - Isto é melhor que prato! Como é, Benzedrino, vai demorar muito?

BENZEDRINO: Nada! Está pronta a sopa de pedra!

VELHA: Está pronta? Deixe ver! Deixe provar!

BENZEDRINO: Pois não, dona... Cadê o seu prato?

MAGNÓLIO: Aqui, aqui!

VELHA: Aqui.

BENZEDRINO (Enchendo as tigelas com a

concha): Um, dois, três... São  
tigelas bem fundas, não é? Ótimo,  
ótimo... Esta aqui é minha...  
(Enche a terceira tigela) - Assim...  
(Começam a comer vorazmente)  
MAGNÓLIO: Hummm! Que delícia!  
BENZEDRINO: Não está bom, mesmo?  
VELHA: Está, está! Você é mesmo um  
colosso, moço! Nunca vi uma  
coisa dessas! Sopa de pedra!  
Parece mentira!  
BENZEDRINO: Parece, não é?  
MAGNÓLIO: Parece e é mesmo...  
VELHA: Hein? O que foi que você disse?  
BENZEDRINO: Ele disse que parece  
mentira e é mesmo...  
VELHA: Como! A sopa que eu estou  
comendo não é de mentira...  
BENZEDRINO: A sopa não é de mentira...

VELHA: Então o que é de mentira?  
MAGNÓLIO: Mentira é que ela é de  
pedra...  
VELHA (Começando a compreender): O  
quê... Você quer dizer que...  
OS DOIS: Com pedra ou sem pedra,  
seria a mesma sopa!  
VELHA (Compreendendo): - Ooooohhh!  
Fui roubada! Bandidos! Ladrões!  
(Chora e se descabelava)  
(Benzedrina e Magnólio saem  
abraçados, marchando e  
cantando)  
BENZEDRINO E MAGNÓLIO: (Cantando) -  
"Nós somos da Pátria amada fiéis  
soldados por ela amados. Tarará,  
tararam pam pam, tararim pim  
pim, etc)

PANO

# TRATIVELINDEPRAGLUTIFITOTINQUELUX

Peça em um ato de ROBERTO FREIRE

Especial para "Teatro da Juventude"

Um dia, depois de passar algumas horas com meus filhos num terreno baldio, ensinando-os a empinar papagaio, comprei um jornal. Na primeira página havia enorme fotografia de um menino morto a bala, estirado no pátio de um Reformatório. Ele tentava evadir-se com outros meninos e o guarda o matou. Não foi por querer que ele fez isso, claro. O menino era um marginal perigoso e a sociedade corria grande risco com a sua fuga... Por isso é que o amor, nesta peça, chama-se trativelindepraglutifitotinquelux.

## PERSONAGENS:

---

ZÉ - Rapaz magro, muito pálido e louro. Treze anos. Olhos sempre muito abertos de quem vê muito mais do que pode compreender. Está, no começo da peça, na véspera de se tornar um homem. Veste macacão do reformatório. Por cima deste, ocupando toda a frente do tronco, enorme curativo com gaze e esparadrapo.

JUCA - Mulatinho de ar assustado. Doze anos. Mesma roupa, com curativo idêntico.

JOÃOZINHO - Pretinho gordo. Cara gulosa. Não sei por que foi parar no reformatório, mas, pelo seu jeitão, imagino-o sendo preso após haver assaltado uma padaria e comido todos os doces das vitrinas. Onze anos. Macacão e curativo.

TRATIVELINDEPRAGLUTIFITOTINQUELUX - Menina de treze anos, linda. Vestido feito de fitas coloridas.

## CENÁRIO:

---

Um muro ao fundo e, por cima deste, o céu. No muro, vários desenhos infantis, o nome da peça, dos personagens etc., em má caligrafia.

Quando abre o pano, apenas o muro e os meninos estão iluminados, mas com bem pouca luz. Joãozinho, Juca e Zé estão sentados de costas para a platéia, em primeiro plano. Recostados uns nos outros, têm um braço erguido, segurando os fios dos seus papagaios, que sobem obliquamente por cima do muro. Fazem lentos movimentos de "empiná-los". Ouvir-se-á um coro de meninos que assobia e canta "O Pegador", versos do autor musicados por Caetano Zama.

**ASSOBIOS:**

Como os meninos da mesma turma costumam identificar-se.

“Era eu, era Joãozinho, mais o Juca e mais o Zé. Lá em cima do piano tem um copo de veneno; quem bebeu, morreu”.

**-ASSOBIOS.**

“Era eu, era Joãozinho, mais o Juca e sem o Zé. Lá em cima do piano tem um copo de veneno; quem bebeu, morreu”.

**-ASSOBIOS.**

“Era eu, era Joãozinho, sem o Juca e sem o Zé. Lá em cima do piano tem um copo de veneno; quem bebeu, morreu”.

**- ASSOBIOS.**

“Lá se foi também Joãozinho, junto com o Juca e com o Zé. E quando fiquei sozinho, vi sentado no piano, assistindo à brincadeira, o meu bom Jesus Cristinho, filho de nosso Senhor, que me dizia sorridente ser ele o “piques” da gente e ser eu seu “Pegador”.

**- ASSOBIOS.**

A luz do cenário sobe lentamente, enquanto fala, fora de cena, o menino narrador.

**MENINO NARRADOR** (Fala como as crianças recitam versos na escola):  
No Reformatório é tudo proibido.  
Mais proibido do que tudo é brincar.  
A brincadeira mais proibida de

todas é empinar papagaios por cima do muro. Quem desobedecer leva sermão, bolo nas mãos, fica de castigo fechado no quarto escuro sem beber água e sem comer até pão. Mas quem empina papagaio por cima do muro leva castigo ainda maior, porque empinar papagaio por cima do muro é pior que tentar fugir do Reformatório. Então, eles dão tiro de revólver e de metralhadora de verdade nos desobedientes. Pois foi isso o que aconteceu com o Juca, o Joãozinho e o Zé. Bem feito! Quem mandou empinarem papagaio por cima do muro do Reformatório, né? Os médicos operaram a barriga deles pra tirar de dentro as balas dos revólveres e das metralhadoras. Mas não adiantou nada, tá bom? De madrugada fugiram da enfermaria e lá foram pra junto do muro empinar papagaios. E vejam só o que aconteceu... (O fio do papagaio de Zé vai ficando em posição vertical. Os três olham espantados esse movimento. Zé ergue-se)

ZÉ: Essa, não! Como é que pode?

JOÃO: Taí um troço que eu nunca vi...

JUCA: Gozado, seo!

ZÉ: Nem tá ventando muito... Olhem só... Parou... Parou bem em cima... Que será que tá acontecendo? E por que só no meu papagaio acontece isso? (Zé dá voltas em torno de si mesmo, olhando para cima. Os outros se voltam para ver também, mas os fios de seus papagaios continuam oblíquos em direção ao fundo)

JUCA: Tá puxando?

ZÉ: Não ...

JOÃO: Parece que tá parado...

JUCA: Puxa... Puxa o fio pra ver se ele desce.  
ZÉ (Faz esforços, mas o fio não se move, como se estivesse amarrado): Chi, gente... Parece que enroscou...  
JOÃO: Enroscou no quê, seo? Lá em cima não tem nada...  
JUCA: Tem estrela... Tem lua...  
ZÉ: De dia, Juca! De dia o céu só tem nuvem... Ignorante! E hoje, nem nuvem tem...  
JUCA: Olha que até tem uma vantagem, esse teu papagaio, Zé...  
ZÉ: Assim é chato... Não tem graça nenhuma.  
JUCA: É que se a turma descobre a gente aqui empinando papagaio vai ser aquele forrobodó de novo... Mas você tem uma saída...  
ZÉ: Que saída?  
JUCA: Seu papagaio não está fora do Reformatório... Não passou o muro...  
ZÉ: E eles lá vão querer saber disso?  
JOÃO: Gosto mais do meu assim... Tá solto.. Eu puxo ele pra cá, pra lá... E tá fora... Tá pra fora do muro... Que gostosura...  
JUCA: Eu também... Vê só... Que delícia! (Zé olha chateado os movimentos deles)  
JOÃO (Corre pela cena): Eu puxo o meu pra onde quero e vê só como ele acompanha o movimento lá no céu...  
JUCA (Corre também): Dou fio e ele sobe... Puxo e ele desce... Corro e ele desliza... (Os dois param depois e olham Zé, que tenta correr e é travado. Depois da fio e este cai no chão)  
ZÉ: Que chato! (Tenta jogar fora a fieira, mas ela não descola de sua mão) - Nossa!  
JOÃO: Que foi!  
ZÉ: Enchi desse papagaio!  
JUCA: Joga ele fora!  
ZÉ: Foi o que fiz...  
JUCA: Fez nada... Joga fora a fieira!

ZÉ: Tentei... A fieira não sai da minha mão. Olhem... (Faz gestos de jogar fora, e a fieira não sai) - Gente, me ajuda! Me ajuda a tirar ela da minha mão... (Os dois vem olhar de perto)  
JOÃO: Você tá gozando a gente, Zé...  
ZÉ: Tou não, Joãozinho. Olha... (Novo gesto inútil): Juca, por favor... Quem sabe você puxando... (Juca pega a fieira da mão de Zé e tenta tirá-la. Não consegue)  
JUCA: Puxa, tá pesada... Tá grudada!  
ZÉ: Pega você também, Joãozinho! (Joãozinho, desconfiado, chega perto e pega também na fieira. Começam a fazer força os três. Nada. Dando um tranco, Zé cai sentado de um lado e os outros dois do outro, mas a fieira está firme na mão do Zé. Então o fio estica e, depois, dá um tranco para cima)  
ZÉ: Tá puxando! (O fio puxa mesmo, levantando o Zé do chão. Ele é obrigado a ficar na ponta dos pés)  
JUCA: Dá fio, Zé...  
JOÃO: Dá fio, sô!  
ZÉ (Ele dá fio e consegue voltar à posição normal): Moraram? O desgraçado ainda puxa... Se eu não der um jeito de sair dessa, quando acabar o fio... vou ser levado pra cima...  
JOÃO (Começa a rir): E o papagaio é que vai te empinar, Zé!  
JUCA (Ri também): Boazinha, João! O papagaio empinando gente!  
ZÉ: Vocês tão rindo, é? Não tem graça nenhuma! Se acontecer isso com o meu papagaio, pode muito bem acontecer com os de vocês também!  
JUCA: O meu tá solto ... A fieira sai da minha mão... (Joga a fieira para a outra mão)  
JOÃO: O meu também... (Faz os mesmos gestos) - Só o seu, Zé...  
ZÉ: Mas por que, hein? Por que justo

o meu?

JUCA: Vai ver é castigo!

ZÉ: Castigo por quê?

JUCA: Porque você é ruim.

ZÉ: Todo mundo que vem pro Reformatório é ruim.

JOÃO: Vai ver você é o mais ruim de todos.

ZÉ Sou, não ( Novo puxão no fio. Zé fica na ponta de um só pé, quase dependurado) Socorro!

JOÃO: Dá fio!

ZÉ: Se eu for dando fio, o fio acaba...

JUCA: Então faz força e puxa pra baixo!

ZÉ (Luta, debate-se, acaba ficando dependurado): Dá não... Me ajudem! Por favor, Juca... Me ajuda, Joãozinho! (Os dois se aproximam, meio assustados) - Depressa!

JUCA: Melhor dar fio...

JOÃO: Só um pouquinho mais, Zé...

ZÉ: Não dou! Me ajudem a puxar ele pra baixo!

JUCA: Mas você ainda tem muito fio... Que cara pão-duro...

JOÃO: Um palmo de fio e você está no chão...

ZÉ: Vocês falam assim porque não é no papagaio de vocês! De palmo em palmo o meu fio acaba... Vá, me ajudem! (Os dois se olham. Joãozinho vai agarrar as pernas do Zé, mas Juca o impede)

JUCA: Cuidado, Joãozinho! Já pensou se você fica grudado nele como a fieira tá grudada na mão dele? (Joãozinho se afasta)

JOÃO: Nossa! Dá fio, Zé!

ZÉ: Não dou!

JUCA: Então vai ficar aí dependurado... A gente não tem nada com isso. Aliás...

ZÉ: Aliás o quê, seo?

JUCA: Aliás, você já nos arranjou encrenca demais ultimamente.

ZÉ: Que encrenca! Me ajudem, meu braço tá doendo...

JOÃO: É isso mesmo... Foi por sua causa que a gente pegou essa mania de empinar papagaio por cima do muro...

JUCA: Foi você, sim!

ZÉ: Mas não é gostoso?

JOÃO: É ... Mas pegamos um bocado de bolo nas mãos...

JUCA: Um bocado de castigo no quarto escuro...

JOÃO: Um bocado de fome de pão e de água...

ZÉ: Me ajudem, por favor! Já não estou agüentando mais!

JUCA: Até que vieram com os tiros na barriga da gente...

JOÃO (Apalpa o curativo): Foi por sua causa que fizeram a operação...

ZÉ: Mas foram vocês mesmos que inventaram da gente voltar hoje a empinar papagaio...

JUCA: Agora a gente tá viciado... por sua causa! Dá fio, Zé, e não enche!

JOÃO: A gente não tem culpa de teu papagaio tar preso nas estrelas e... alguém tar te puxando de lá.

ZÉ: Mas do que é que vocês tem medo?

JUCA: De ficar preso em você... como a fieira...

JOÃO: É isso! E você é um egoísta, Zé! Tá cheio de fio ainda... É só dar um palminho dele e está no chão...

ZÉ: Mas vocês não compreendem!? (Novo puxão e Zé sobe um pouco mais) - Tão vendo? Se tivesse dado fio... Já tinha ido



meio metro... Vocês vão me ajudar ou não?

JUCA: Não!

JOÃO: Não! (Nesse momento começa a soprar vento forte, trovões, relâmpagos e ruído de chuva forte. Juca e João têm de fazer grandes esforços para controlar seus papagaios. É um "ballet" estranho. Os dois estão muito assustados. Zé dá fio e vem ao chão. Pega Juca, e, João pelos braços, e com a mão livre, segura os fios de seus papagaios. Faz grande esforço enfrentando o vento. Este vai passando aos poucos. De repente tudo se normaliza. Zé entrega o fio primeiro a Juca e depois a Joãozinho.

JUCA: Brigado...

JOÃO: Um só não segurava...

ZÉ: Pois é ...

JUCA: Que vento, seo!

JOÃO: Que chuva!

JUCA: Viu só os relâmpagos?

JOÃO: E cada trovoada, nossa!

ZÉ: Mas do que é que vocês tinham medo?

JUCA: Que... que o meu papagaio ficasse como o seu...

JOÃO: Eu também... Teve uma hora que eles ficaram quase juntos lá em cima, vocês viram? ( Zé está de costas para a platéia e os outros dois, de frente. Nesse instante começa a descer um arco-íris tosco atrás do muro. Pára em cima dele. Sentada bem no meio do arco-íris está uma menina. Olha séria para eles)

ZÉ (Vendo o arco-íris e a garota): Olhem! Olhem! Que legal! (Os

dois olham e se assustam. Vêm para trás de Zé)

JOÃO: Que é isso?

JUCA: Quem botou isso aí?

ZÉ: Desceu do céu enquanto vocês falavam... Olhem que beleza!

JOÃO: (Os dois escondem a cabeça atrás de Zé, não vendo nada) - Mas o que é isso?

ZÉ: Um arco-íris...

JUCA: Arco-íris? E aquele negócio em cima?

ZÉ: É uma menina... linda, sô! Olhem! Olhem! ( Os dois descobrem-se aos poucos. Depois olham francamente) - Faz tanto tempo que eu não vejo uma menina... Fui até me esquecendo como era bonito...

JUCA: Mas é um arco-irisinho de nada! Nunca vi tão pequeno...

JOÃO: Que cara carrancuda que ela tem!

ZÉ: Vamos falar com ela...

JUCA: Tá pro lado de lá do muro, Zé. Cuidado!

ZÉ: (Dá uns passos, mas o fio o retém. Pára) - Bom dia! ( A menina sorri)

ZÉ: De onde é que você vem nesse arco-íris? (Ela continua sorrindo) - Quer vir conversar e brincar com a gente? ( Ela faz que sim)

JUCA: Tá maluco, Zé! Isto é Reformatório só de meninos! (Ela estende o braço, esperando que Zé a ajude a descer. Juca avança e fica entre a menina e Zé) - Não senhora! Nada disso! Já temos galho demais aqui. Passa a mão no teu arco-irisinho e se arranca daqui, faz favor!

JOÃO: (Vai para junto de Juca) - Pronto, já vimos o seu

showzinho. Muito bacana ter um arco-íris particular... Mas agora vai baixar com ele em outra freguesia...

ZÉ (Ela baixou os braços e ficou triste): Saiam daí! Não liga pra eles não, menina! Vem, vem brincar comigo! (Ela sorri e ergue os braços novamente)

JUCA: Vai embora e leva esse arco-íris daí! Vai chamar a atenção dos guardas e eles acabam descobrindo a gente aqui empinando papagaio! (A menina olha para o céu para espiar os papagaios)

JOÃO: Ela se faz de surdinha, Juca. O negócio vai ter de ser a pedrada, não tem jeito.

JUCA: É! Vamos tocar ela logo dali antes que apareça alguém...

ZÉ: Não! Não façam isso! (Quer avançar, mas o fio o retém) - Se vocês jogarem uma só pedra nela, vão ver comigo!

JUCA: Vão ver o quê? Você tá grudado aí nesse fio, mesmo que os guardas apareçam não vai poder fugir. Mas a gente tá livre... Ainda não tá perdido... Egoísta!

ZÉ: Tô avisando!

JOÃO: Não dá bola, Juca. Vamos espantá-la de uma vez... (Os dois apanham as pedras. Fazem o movimento de jogá-las. Zé olha com tristeza para a fieira. Puxa ainda uma vez. Ela não cede. Então dá fio, avança e agarra os braços dos dois, jogando-os no chão)

ZÉ: Eu avisei vocês! Mais uma gracinha e eu amasso o focinho dos dois!

JUCA: Olha só, Joãozinho... Pra

proteger a garota ele não economiza fio...

JOÃO: (Debochado) - Gamou, Juca... O Zezinho tá gamado pela garota do arco-íris. Olha só a cara dele...

ZÉ ( Os outros dois continuam sentados, olhando o Zé, que chegou ao fim do fio que deu na fieira e não consegue chegar mais perto do muro): Você... Você não consegue descer sozinha? (Ela faz que não) - Nem baixar um pouco mais o arco-íris? (Ela faz que não) - Eu... É que esse fio... Meu papagaio... (Um tranco no fio arrasta Zé para mais longe, ficando o fio vertical novamente) - Está vendo? Perdi bem uns dois metros... - (Ela continua sorrindo com os braços esticados para Zé)

JUCA: Bem feito!

JOÃO: Vai embora, menina!

ZÉ: Vocês bem que podiam ajudar ela a descer...

JUCA: De jeito nenhum. Acho bom você acabar logo com essa gamação...

JOÃO: Dá fio, Zé... Dá fio e vai até o muro...

ZÉ (Olha a fieira): Não tem mais quase fio... Por favor... (Os dois se levantam e vão ver de perto o arco-íris)

JUCA: Gozado... Nunca tinha visto um arco-íris de perto...

JOÃO: Parece ser de vidro...

ZÉ: É só vocês esticarem a mão... Não custa nada...

JUCA: Nada... Só mais uns tirinhos na barriga... Outra operaçãozinha... Nada...

JOÃO: Menina, seja boazinha... Vai embora e leva esse arco-íris escandaloso daí...

ZÉ (Tira um pião do bolso): Eu dou meu pião... (Os dois vêm correndo ver o pião)

JOÃO: Dá mesmo? Mas não é de estimação?

ZÉ: É... Eu dou se você ajudar a menina a descer do arco-íris.

JOÃO: Sozinho não consigo...

JUCA (Com ar disfarçado, de pouco interesse): Aquele seu estilingue é muito bacana...

ZÉ (Tira-o do bolso): É seu, Juca... (Entrega o pião e o estilingue. Os dois pegam. Vão em direção ao muro. Juca segura o braço de Joãozinho)

JUCA: Espera... Zé, e se a gente não for tirar ela de lá? Pegar a gente você não pode... O fio não dá...

ZÉ: Seria traição, Juca... Eu gosto muito do estilingue e do pião... É tudo o que eu tenho... Vocês não vão fazer isso comigo?

JOÃO: Não... Eu não, Zé...

JUCA: Eu também... Mas só queria dizer que a gente podia fazer isso se quisesse... (Os dois chegam junto ao muro. Apoiando o pé nas mãos de Joãozinho, Juca sobe no muro. Pega as mãos da menina. Ela vem para o muro. Olha Juca, sorrindo)

MENINA: Obrigada, Juca.

JUCA: É de vidro, o seu arco-íris?

MENINA: Não... É de comer.

JUCA: Comer?

JOÃO: O que foi que ela disse? Eu ouvi "comer"? Heim, Juca, ela disse que é de comer?

MENINA: É muito gostoso...

JUCA: Posso dar uma lambidinha?

JOÃO: Também quero!

MENINA: Me ajudem a descer...

JUCA: Mas a gente pode dar umas lambidinhas?

MENINA - Mas só lamber, heim? Se vocês comerem eu não tenho com o que voltar para a estrela...

JUCA: Estrela?

ZÉ: Deixa de conversa, Juca!

JUCA (Baixo, para a menina): Aquele gamou de vez...

MENINA: Gamou? O que é isso?

JUCA: Deixa pra lá... Segura a minha mão... O Joãozinho apóia o teu pé... (começam a descê-la do muro. Joãozinho a apóia. A menina desce. Fica de longe, olhando Zé. Juca pula no arco-íris)

JOÃO: Me ajuda a subir, Juca! Também quero provar!

JUCA: Espera... Vou dar umas lambidas. Se for bom eu te subo. (Juca deita-se no arco-íris e começa a lambê-lo. Joãozinho o observa. Zé e a Menina estão naquela base do maior encanto. Sorriem e se olham feito cobra e passarinho. Zé quer andar para ela, mas não consegue, por causa do fio)

ZÉ: Chega mais perto...

MENINA: Não consigo...

ZÉ: Por quê?

MENINA: Seu jeito de me olhar...

ZÉ: O que é que tem?

MENINA - Me faz ouvir música... Fico toda na música...

ZÉ: Que música?

JUCA: Que delícia!

JOÃO: Então me sobe!

MENINA: Você não está ouvindo?

ZÉ: Não... Chega mais perto...

MENINA: Quer ouvir?

ZÉ: Quero, mas chega até aqui...

JUCA: O violeta tem gosto de batata roxa... Demais, seol!

JOÃO: Não seja egoísta! Me dá a mão, quero provar também! (Joãozinho dá uns pulos, tentando alcançar o muro)

MENINA: Vou aumentar a música... Ouve... O que eu sinto olhando você é uma música... Você está ouvindo agora?

ZÉ: Não... Mas por que não vem para junto de mim?

MENINA: A música não baixa... Se eu me mover ela pára... É tão bonita... Agora você vai ouvir... Quanto mais eu sinto... Quanto mais eu sinto o seu olhar, mais ela cresce, fica mais bonita... (Entra baixo e vai crescendo "Over the rainbow").

ZÉ: Estou ouvindo!

MENINA: É porque você está sentindo o mesmo que eu...

JUCA: (Depois de uma longa provada no arco-íris) - O azul é salgado como o mar...

JOÃO: Nunca vi, nem provei o mar... Compara com outra coisa...

JUCA: Lágrima...

JOÃO: Gosto tristre...

JUCA: Não, não é triste... É muito bom...

ZÉ: Que bonito! Vem... Vem, menina... (Tranco no fio. Ele fica na ponta dos pés) - De novo... Que pena, justo agora que você apareceu... Vem logo, por favor!

MENINA: Se eu andar, acaba a música.

ZÉ: (Dá fio e examina o resto, que é pouco, na fieira) - Paciência... Que acabe a música! Vem, menina... Vem!

JUCA: Joãozinho, o verde! O verde!

JOÃO: (Vibra, dando uns pulos de

guloso) - Diz... diz, gôsto do que tem o verde, Juca?

JUCA: (Deita-se no arco-íris, degusta o gôsto do verde) - Gosto de... gosto de manhã bem cedinho... Logo depois que o sol nasceu...

JOÃO: Manhã bem cedinho...

JUCA: Você abre a porta... Sai pra fora... Tá clareando... Tem orvalho em tudo... Nuvenzinha sobe da terra... A gente respira fundo...

JOÃO: Respira fundo! Que delícia! Fala mais...

ZÉ: Faz parar essa música, menina!

MENINA: Por que você me chama de menina? Meu nome não é esse!

ZÉ: Pára a música!

MENINA: Então não me olhe mais...

ZÉ: (Tenta com esforço desviar os olhos dela. Acaba conseguindo. Quando vira as costas, a música pára) - Pronto... Ah!, parou. Você ainda está ouvindo?

MENINA: Baixinho...

ZÉ: Agora... Agora dá pra você andar?

MENINA: Acho que sim. (Tenta e dá uns passos)

ZÉ: Você está vindo, menina?

MENINA: (Ela pára) - Por que você faz assim! Viu? Já não consigo mais andar...?

ZÉ: (Ele se volta) - O que foi que eu fiz?

MENINA: Menina... O que é isso?

ZÉ: Desculpe... Qual é o seu nome?

MENINA:

Tratívelindepraglutifitotinquelux...

ZÉ: O quê?

MENINA: (Aborrecida) -

Tratívelindepraglutifitotinquelux!

JUCA: (Debruçado sobre o arco-íris, lambe outra cor) - O alaranjado, Joãozinho! O alaranjado...

JOÃO: Tem gosto de laranja, é ou não é?

JUCA: É. Mas como é que você sabe?

JOÃO: Inteligência! Inteligência!

ZÉ: Trativelinde...

MENINA: Isso, Zé...

ZÉ: Pragluti...

MENINA: Fitotin...

ZÉ: Fitotin...

MENINA: Quelux!

ZÉ: Quelux!

MENINA: Agora você sabe. Não é bonito?

ZÉ: É muito comprido, difícil... O meu é mais fácil...

MENINA: Zé...

ZÉ: Trativelindepraglutifitotinquelux!

MENINA: Zé!

ZÉ: Trativelindepraglutifitotinquelux!  
(Ela caminha lentamente para ele, novamente os dois na base do olho no olho, braços meio abertos)

JUCA: Agora vamos ao vermelho, Joãozinho!

JOÃO: Manda brasa!

JUCA: Vamos adivinhar antes, tá?

JOÃO: Tá, já sei... O vermelho tem gosto de tomate!

ZÉ: (Estão a menos de um metro um do outro) - Como é que você veio até aqui?

MENINA: No arco-íris...

ZÉ: Eu sei... Mas de onde?

MENINA: De uma estela...

ZÉ: Estrela?

JUCA: De beterraba!

MENINA: Encontrar você...

ZÉ: Você me conhece?

JOÃO: De groselha... Garanto que o gosto do vermelho é de groselha!

MENINA: Seu papagaio não é aquele? (Aponta)

ZÉ: É... Está me puxando... Não posso mais soltar a fieira... O fio está acabando...

MENINA: Pois é, eu sei... Por isso eu vim...

JOÃO: Prova, Juca... Prova o vermelho...

ZÉ: (Ele estende o braço. Sua mão toca o rosto da menina. Acaricia-a) Você é muito bonita... muito, Trativelindepraglutifitotinquelux... Foi muito bom você ter vindo... (Tranco violento no fio. Zé é erguido)

MENINA: O que foi?

ZÉ: Me ajuda... Falta muito pouco fio... Me ajuda a puxar,

Trativelindepraglutifitotinquelux!

(Ela chega bem perto dele) - Me abrace, me abrace... (Ela o abraça) - Agora puxe para baixo... Com força... (Ela tenta puxá-lo. Nada consegue, mas continua abraçada) - Não adianta... (Ela quer soltá-lo, mas Zé a abraça também com o braço livre) - Não... Não me solte! Vou dar fio... (Ele volta ao chão. Estão abraçados. Olham-se. Vão para o beijo)

JUCA: (Beijou o vermelho e ergue-se no arco-íris, inquieto) - Me ajuda a descer, Joãozinho!

JOÃO: Que foi? Que gosto tem o vermelho? Quem foi que acertou: eu ou você?

JUCA: Me ajuda, Joãozinho, quero descer!

JOÃO: Diz antes! Que gosto tem o vermelho?

JUCA: Tem gosto de... Tem gosto de sangue! (Salta para o muro e vai descendo. Joãozinho o segura. Ele desce)

JOÃO: Sangue, Juca? Sangue?

JUCA: É, é muito ruim! (Os dois vêm, então, Zé e a Menina no abraço. Aproximam-se (Olham espantados)

ZÉ (Terminou o beijo. Olha a menina): Estou ouvindo novamente a música... (Entra a música)

MENINA: Eu também...

JUCA: Tem gosto de sangue...

JOÃO: Sangue...

ZÉ: Trativelindepraglutifitotinquelux...

MENINA: Zé...

ZÉ: O que quer dizer o seu nome?

MENINA: Isso que a gente está sentindo...

ZÉ: Mas o que é que a gente está sentindo?

MENINA: Isso... Não é lindo? Não é bom?

ZÉ: É tudo... tudo... Como é lindo... Como é bom... (Eles continuam abraçados; Juca e João estão bem próximos, espantadíssimos)

JUCA: Menina... Zé...

JOÃO: O arco-íris...

JUCA: O vermelho...

JOÃO: Ele provou...

JUCA: Tem gosto de sangue...

JOÃO: Muito ruim... Muito feio...

JUCA: Muito triste...

ZÉ: Trativelindepraglutifitotinquelux!

MENINA: Zé! (Tranco no fio, que levanta os dois, abraçados, a um metro do chão)

ZÉ: Acabou! Acabou o fio!

MENINA: Eu sei...

ZÉ: Juca! Joãozinho!

JUCA: Dá fio!

JOÃO: Mais fio, Zé!

ZÉ: Acabou!

JUCA: O vermelho, Zé!

JOÃO: Tem gosto de sangue!

ZÉ: Segurem a gente! Não deixem! Acabou o fio! Juca, Joãozinho! O

papagaio vai nos levar... Por favor, segurem, não deixem!

JUCA (Olha Joãozinho): Mas e se a gente ficar grudado? A menina ficou...

JOÃO: Solta ela pra gente ver, Zé!

ZÉ: Não consigo...

MENINA: Não me solte, Zé!

ZÉ: Quero, mas não consigo!

JUCA (Olha o arco-íris, que subiu também um pouco): O arco-íris

JOÃO: Tá subindo também!

ZÉ: Agarrem logo! Por favor! Tou sentindo... Vai puxar de novo... Juca! Joãozinho! (Tanto o arco-íris como Zé e a Menina sobem mais. Estes já estão fora do alcance dos dois. Começa a ventar. Relâmpagos, trovões e ruído de chuva. A música fica cada vez mais forte. Juca e Joãozinho lutam com seus papagaios, no "ballet" meio desesperado. O arco-íris, Zé e a menina vão subindo lentamente) - Trativelindepraglutifitotinquelux!

MENINA: Zé! (Ficam repetindo os nomes, enquanto sobem. Desaparecem. O vento passa e o resto também. Silêncio. Joãozinho e Juca estão imóveis. Depois se olham. Correm um para o outro e se abraçam, assustados)

JUCA: Que vento.

JOÃO: Que chuva!

JUCA: Que relâmpagos!

JOÃO: Que trovões! (Olham para o muro. Não vêem o arco-íris)

JUCA: O arco-íris sumiu...

JOÃO: Melhor... Tinha gosto de sangue!...

JUCA: Só o vermelho... Mas o violeta, o azul, o verde, o amarelo, o alaranjado... Que delícia, se o!

JOÃO (Volta-se. Procura o Zé. Não encontra): Juca!  
JUCA (Volta-se também): Cadê o Zé?  
JOÃO: Lembra? Ele tava subindo...  
Acabou o fio... A menina tava agarrada nele...  
JUCA: Ele pedia pra gente segurar...  
JOÃO: Eu ia segurar...  
JUCA: Eu também...  
JOÃO: Aí veio o vento...  
JUCA: Pois é... Aí veio a chuva...  
JOÃO: Os relâmpagos...  
JUCA: Os trovões...  
JOÃO: Tive que controlar meu papagaio... Tava fogo, se!  
JUCA: Dureza...  
JOÃO (Olha para cima): Olha, Juca!  
JUCA (Olha): Lá estão eles... Que bacana... Junto com os papagaios da gente... Tão sendo empinados... Que legal, não?  
JOÃO: Bárbaro. Mas repara: eles se movem ao contrário dos nossos...  
JUCA: É... Como se estivessem sendo empinados do outro lado...  
JOÃO: Do alto...  
JUCA: É... De cima para baixo...  
JOÃO: Genial!  
JUCA: Mas tão enrolando a fieira, lá...  
Repara... Estão sumindo... Indo embora...  
JOÃO: Vamos fazer o mesmo, Juca?  
Acho que por hoje chega...  
JUCA: É melhor... Antes que o pessoal dê pela falta da gente na enfermaria... (Os dois voltam à posição do início da peça, sentando-se, em primeiro plano, de costas para a platéia. Começam a enrolar as fieiras. A luz vai baixando. Ficam apenas iluminados o muro e os dois meninos. O fio do papagaio de

Juca vai ficando perpendicular e ele pára de fazer os movimentos de enrolar a fieira. Joãozinho, embora seu fio permaneça blíquo ainda, pára também de enrolar a fieira e observa o que se passa com o fio de Juca. Entra o coro de meninos cantando o "Pegador")

## CORO

- ASSOBIOS:

Era eu, era Joãozinho,  
mais o Juca e mais o Zé.  
Lá em cima do piano  
em um copo de veneno;  
quem bebeu, morreu.

- ASSOBIOS.

Era eu, era Joãozinho,  
mais o Juca e sem o Zé.  
Lá em cima do piano  
tem um copo de veneno;  
quem bebeu, morreu.

- ASSOBIOS.

Era eu, era Joãozinho,  
sem o Juca e sem o Zé.  
Lá em cima do piano  
tem um copo de veneno;  
quem bebeu, morreu.

- ASSOBIOS.

Lá se foi também Joãozinho,  
junto com o Juca e com o Zé.  
E quando fiquei sozinho,  
vi sentado no piano,

assistindo à brincadeira,  
nosso bom Jesus Cristinho,  
filho de Nosso Senhor,  
que me dizia sorridente  
ser ele o “piques” da gente  
e ser eu seu “Pegador”.

- ASSOBIOS.

(Acabam os assobios. Apaga-se a luz  
sobre os meninos. Apenas o muro  
iluminado)

- MENINO NARRADOR: Pois foi isso o que  
aconteceu, porque é proibido  
brincar. (Apaga-se a luz do muro e  
fecha o pano)

FIM



"LAMBE-BEIÇOS E SEU CRIADO CATA-FARELOS"  
Peça Infantil em 1 Ato de FÁBIO GAIA

( 1º lugar do "Prêmio Narizinho", 1968)

PERSONAGENS:

---

FLORISTA  
FRUTEIRO  
SALSICHEIRO  
VERDUREIRO  
VENDEDOR DE GUARDA-CHUVA (UMBRE)  
LAMBE-BEIÇOS  
CATA-FARELOS  
populares e curiosos

CENÁRIO:

---

Feira livre; barracas coloridas, em pequena praça com bancos, coreto e árvores. Ao fundo, escada fronteira à igreja. Destaque para as barracas de frutas, verduras e salsicharia. Ao abrir-se o pano, pessoas se movimentam, enquanto os vendedores fazem seus pregões.

---

FLORI: Olha as flores! Todas as cores!  
Flores!

FRUTE: É boa e barata... Vai levar?  
(diante da recusa do passante)  
Não sabe o que perde!

SALSI: É aqui, é aqui, é aqui! É água na boca!  
É de hoje, freguesia! (enfia um queijo sob o nariz do interessado) Maravilha!  
Gorgonzola!

FRUTE: (oferece) - Vai levar?

SALSI: (ante o fato de o freguês afastar-se de mão no nariz) - Vai morrer de fome!

FRUTE: É saborosa!

FLORI: Olha a flor!

VERDU: (cantando) - Verdura, verdura, verdura!

FLORI: Quem leva? Camélias e cravos!

SALSI: O salsichão...

FRUTE: A boa fruta!

FLORI: A bela flor!

VERDU: (continuando) - Sabor e gostosura!...

FLORI: (oferecendo a uma freguesa) - Vai levar, freguesa? ( a mulher nega e olha as frutas) Rosas?

FRUTE: Quantas, senhora? (a mulher dirige-se ao verdureiro)

FLORI: (insiste com a mulher) - Cravos? Olhe, jasmims...

VERDU: (empurra FLORI) (para a mulher) - Que leva?

MULHER: (franzindo o nariz) - Hum! tudo murcho!

FLORI: (zombando do verdureiro) - Ah, ah, ah... Tudo murcho, compadre... (foge ao empurrão do outro)

VERDU: (ameaça) - Murcho o nariz de alguém!

SALSI: Salsicha! Salsicha! (apregoa esticando as sílabas) É queijo, é queijo bom... (a mulher passa, indiferente)

FRUTE: (Durante este tempo, alguns interessados param nas bancas; uns compram, outros não; como

numa movimentada feira-livre).  
Olha as frutas!  
UMBRE: (entra carregando um guarda-chuva colorido e franjado; traz às costas apetrechos de profissão e vários guarda-chuvas de cor; apregoa cantarolando) Guarda-chuva para os dias de sol!  
Guarda-sol para os dias de chuva!  
FRUTE: Olha as frutas!  
SALSI: Salame!  
FLORI: Margaridas e jacintos!  
VERDU: Verdura, verdura, verdura!  
FRUTE: É já, é já, é jabuticaba!  
FLORI: (apanhando uma jabuticaba) - É má, é má...  
FRUTE: (enxota-a) - É boa!  
FLORI: (de sua banca, exibindo a flor) - É margarida!  
VERDU: Pepino!  
UMBRE: Guarda-sol para os dias de chuva! Guarda-chuva para os dias de sol!  
VERDU: Abobrinha!  
UMBRE: (que é gordo) - Falou comigo?  
VERDU: (mostra) - Abobrinha!  
UMBRE: Ah!...  
SALSI: Salsichão!  
UMBRE: (volta-se para o salsacheiro) - Quem?  
SALSI: (finge indiferença) - Ricota!... Macia...  
FLORI: Hoje não se vende, hem?  
VERDU: Vai mal!  
SALSI: É a crise!  
FRUTE: A gente faz força e essa aí estraga tudo!  
FLORI: (admirada) - Eu?  
FRUTE: Está se vendo!  
VERDU: Fica correndo atrás dos outros!  
FLORI: (desculpa-se) - Preciso vender!  
FRUTE: Berra mais que uma cabra!  
SALSI: Agarra todo mundo!  
FLORI: Vocês também berram, como bodes!  
VERDU: Malcriada!  
SALSI: Devia deixar os fregueses em paz!

FRUTE: Como nós!  
SALSI: Não agarrar, nem enfiar flores nos narizes! (Para os outros) - Não é?  
VERDU e FRUTE: (apóiam) - É.  
FLORI: (outro tom) - Cuido do meu negócio!  
FRUTE: Vender flores é negócio?  
FLORI: Tão bom quanto outro qualquer!  
SALSI: (zomba) - Ah!...  
FLORI: Que há de mal?  
VERDU: Isto aqui fica parecendo velório!  
FRUTE: (apontando a escada da Igreja) - Por que não vende lá?  
FLORI: Aqui o ponto é melhor!  
SALSI: No meio de minhas mortadelas?!  
VERDU: Lugar de flores é lá!  
FLORI: Por que não vai você? (para o SALSI) - E você?  
VERDU: Na porta da igreja não se vendem verduras!  
SALSI: Nem lingüiças!  
FLORI: Experimenta!  
VERDU: Está tonta!  
FLORI: (com firmeza) - Eu é que não vou!  
VERDU: Tem muita graça o padre rezar "Ave Maria" e eu berrar: abobrinha!  
UMBRE: (mete o nariz na conversa) - Guarda-chuva?  
VERDU: Não conheço abobrinha guarda-chuva!  
UMBRE: (para o SALSI) - Guarda-sol?  
SALSI: Não amola!  
FRUTE: Não tem graça eu também gritar na hora da missa: melancia!  
VERDU: E o padre exclamar: "Ave Maria!"  
FLORI: E eu posso ir berrar na porta do padre?  
VERDU: São flores!  
SALSI: O padre adora flores!  
FRUTE: Podes cantar: "rosa, ó rosa".  
UMBRE: (intervém) - Guarda-chuva?!  
FLORI: (sentida, afasta-se para oferecer a um curioso) - Vai?  
HOMEM: Estou só olhando.  
UMBRE: Guarda-sol para os dias de chuva! Guarda-chuva para

os dias de sol!  
FLORI: (insistindo para o homem, que se afasta) - São baratinhas, perfumadas.  
VERDU: (irônico) - Ó comadre... Vai vender na porta do cemitério... (os outros riem, apoiando)  
FLORI: Vai você!  
VERDU: (grita) - Chicória! (para FLORI) - Meu lugar é na feira.  
FLORI: O meu também.  
SALSI: Está tomando o lugar que seria para mim!  
FRUTE: Para mim, isso sim!  
FLORI: Cheguei primeiro!  
SALSI: Minha mercadoria vale mais!  
FLORI: Vale nada!  
FRUTE: Alguém come flor?  
VERDU: (aparteia) - Só couve-flor!  
FLORI: Só de comida se vive?  
VERDU: Claro!  
FRUTE: Sem dúvida!  
SALSI: Meu estômago ronca, só em falar: comida!  
FLORI: Não vejo beleza num pé de repolhos!  
VERDU: Mas se come!  
FLORI: (junto da barraca do SALSI) - Minhas flores são perfumadas, mas esses queijos! Ah! Que fedor!  
SALSI: (protesta) - Aroma! E isso se come...  
FLORI: Não se põe em vaso! Queria ver alguém colocar numa jarra um ramo de lingüiças enfeitado com rodela de mortadela; ou ter em casa um jardim de requeijão!  
VERDU: Adianta ter jardim?  
FRUTE: Ter vasos de flores?  
SALSI: Vaso cheio e barriga vazia?  
FLORI: As flores alimentam a alma!  
VERDU: A alma não faz força!  
FRUTE: Não gasta energia!  
FLORI: Vocês estão com inveja!  
VERDU: (chama) - Guarda-chuveiro, venha cá.  
UMBRE: (interessado) - Guarda-sol?  
VERDU: Não, não. Escuta aqui.

UMBRE: (atento) - Hum!  
FLORI: Vai atrapalhar o trabalho do pobre...  
VERDU: Escuta: você almoça?  
UMBRE: Lógico!  
VERDU: Janta?  
UMBRE: Às vezes sim, às vezes não.  
SALSI: Afinal, janta ou não?  
UMBRE: Dia sim, dia não.  
FLORI: (para VERDU) - Larga o homem; precisa trabalhar.  
UMBRE: (procura sair) - Preciso trabalhar.  
FRUTE: (agarra-o) - Espera!  
UMBRE: (choringando) - Guarda-sol para o dia de chuva! Guarda-chuva para...  
FRUTE: (Curiosos achegam-se e eles disfarçam limpando a roupa de UMBRE. As pessoas se afastam). Cala a boca!  
UMBRE: Está bem: se ficam contentes eu digo que janto todos os dias. (outro tom) Mas não é verdade.  
VERDU: O que importa é que você come!  
FLORI: Todo mundo come!  
SALSI: Aí é que está.  
VERDU: (para UMBRE) - Que é que come ao almoço?  
UMBRE: Comida.  
FRUTE: Burro!  
UMBRE: (contesta) - Isso nunca provei; cabrito e leitão, sim.  
SALSI: Burro não se come!  
VERDU: Toda gente come é comida!  
UMBRE: Quando se tem.  
VERDU: Que flor você comeu ontem?  
UMBRE: (refletindo) - Ontem?...  
FRUTE: Deve ter comido capim!  
FLORI: Não ofenda o coitado!  
SALSI: Tem miolo de tonto!  
UMBRE: Não, miolo não comi.  
VERDU: (insiste) - Que flor comeu ontem?  
UMBRE: (amuado) - Não gritem comigo...  
FLORI: (coloca o braço afetuosamente em UMBRE) - Escute: eles querem saber que flores você comeu

ontem. Você não come flores?  
UMBRE: Couve-flor?  
VERDU: (irritado) - Por exemplo: comeu girassol?  
UMBRE: Não.  
VERDU: Boninas?  
SALSI: Camélias?  
UMBRE: Não.  
FRUTE: Margaridas?  
VERDU: Rosas?  
UMBRE: (em dúvida) - Rosas?... Rosas...  
FRUTE: Não me diga que comeu!  
UMBRE: Claro que não! Têm espinhos!  
FRUTE: Burro!  
FLORI: (ri, caçoando) - Ah, ah, ah!  
Chamam-no de burro, mas quem está fazendo perguntas tolas?  
UMBRE: (ri também) - Ah, ah, ah!  
SALSI: Pode rir, mas ninguém vive de flores!  
FRUTE: Ninguém toma flores no café da manhã!  
VERDU: Ninguém almoça salada de flores!  
FLORI: E daí?  
VERDU: Estás vendendo uma coisa inútil!  
FLORI: Ah... Eu gostaria de ver um jardim só de abacaxi coberto com requeijão e enfolhado com salsichas! Hem, que me dizem?  
SALSI: Tolices!  
FLORI: Quem embeleza esta feira?  
FRUTE: Grande coisa!  
FLORI: Onde há alegria, onde há festa, ninguém aparece com tomates e abóboras para enfeite. (para UMBRE) Não é?  
UMBRE: (concorda) - As flores são alegrias.  
FLORI: (saltita, apregoando) - Flores, flores!  
VERDU: Tomate!  
FLORI: Rosas, minha gente!  
FRUTE: Mexerica! Sem semente!  
SALSI: O provole... Ricota!  
UMBRE: (circulando) - Guarda-sol para os dias de chuva! Guarda-chuva para os dias de sol!

FLORI: Margaridas! Palmas-de-santa-rita!  
FRUTE: É melancia!  
VERDU: Pepino!  
FRUTE: É já, é já, é já...  
FLORI: (provocando-o) - É japonês!  
FRUTE: ...buticaba!  
FLORI: Pensei que queria um japonês para ajudar.  
FRUTE: (empurra-a) - Não amola, vendedora de coisa alguma!  
SALSI: (ameaça) - Se não calas, acabo com a barraca!  
FLORI: Estás vendo? Se gostasses de flores, terias um espírito tranqüilo; se tivesses espírito tranqüilo, não brigarias; não brigando, não acabarias com a minha barraca! Logo, deves amar as flores, para te comportares humanamente!  
VERDU: Abobrinha!  
FLORI: (aproxima-se) - O quê? Não tem outra coisa para vender?  
VERDU: (empurrando) - Cuida das flores e me deixa em paz!  
FLORI: (passa pelo FRUTE) - É já... É já...  
FRUTE: (tom de ameaça) - Estou só olhando...  
FLORI: (sorrindo) - Não é já, é depois...  
SALSI: Olha que vai acabar!  
FLORI: Cravos?  
FRUTE: Laranja, laranja! É doce... É do Rio!  
FLORI: (provocando) - Comprem a laranja-peixe!  
FRUTE: Que peixe!?  
FLORI: Se é do rio, é peixe!  
FRUTE: Já é demais! (avança para a barraca de FLORI)  
FLORI: (protesta) - Eh! Não sabem nem brincar?!  
VERDU: (ajudando o outro) - Passou da conta!  
SALSI: (enquanto espalham as flores, desmontando a barraca) - Vai ver que lição.  
FLORI: (catando as flores) - Elas não têm culpa!  
SALSI: (empurrando FLORI) - Vá

atrapalhar noutra lugar!  
FLORI: (chorosa) - Minhas flores... Minhas  
pobrezinhas...  
VERDU: *Vê se arranja coisa mais útil!*  
SALSI: O que interessa é comida!  
FRUTE: (em direção a FLORI, que vai  
sentar-se afastada) - Barriga cheia  
é o que conta!  
UMBRE: (apanhando flores) - Vocês são  
uns tontos!  
FRUTE: (com os pés espalha as flores  
que UMBRE junta) - Não junte essas  
porcarias!  
UMBRE: (atira as flores fora) - Vocês  
mandam. (zombando) - Grandes  
senhores... (quando dão as  
costas, apanha-as rapidamente e  
aproxima-se de FLORI, que  
enxuga as lágrimas) Shhh!... Não  
chore...  
FLORI: Não estou chorando...  
FRUTE: Melancia!  
SALSI: É o presunto!  
UMBRE: Que é isso que escorre desses  
olhinhos?  
FLORI: Lágrimas.  
VERDU: É pra acabar, dona Maria; olha  
que vai dar meio-dia!  
UMBRE: Hum! Na minha terra lágrima é  
choro!  
FLORI: Na minha não é!  
UMBRE: Se não é, o que é?  
FLORI: Cisco!  
UMBRE: Ah!...  
FLORI: (cedendo) - Está bem... É choro!  
UMBRE: (contesta) - Não! É lágrima!...  
FLORI: Faz diferença?  
UMBRE: Choro é um berreiro; como  
fazem os bebezinhos. (imita)  
Hemhé! Hemhé!  
FLORI: (ri) - Você é gozado!  
UMBRE: Lágrima é coisa de gente, de  
quem tem coração. Quando a  
gente sente aqui dentro, lá no  
fundo do peito. É diferente, não é?  
FLORI: (concorda) - É.  
UMBRE: Então... (dá-lhe as flores) - Salvei  
estas...

FLORI: (beija-as) - Coitadas.  
UMBRE: Ainda servem.  
FLORI: (indicando a barraca) -  
*Quebraram tudo!*  
UMBRE: A gente arruma... (tenta armar  
desajeitadamente a barraca) -  
Vê? É fácil (nada consegue,  
enxuga o suor) Ficou quase o que  
estava!  
FLORI: (rindo) - Não adianta! (outro tom)  
- Eles não me deixam vender  
flores aqui.  
SALSI: Salsichão!  
UMBRE: A praça não é deles!  
FLORI: Até com você eles implicam!  
UMBRE: Eu não ligo!  
VERDU: Olha a abobrinha!  
UMBRE: Vê? Sempre que passo ele fala  
em abobrinha; o outro berra:  
salsichão. É comigo, porque sou  
gordo.  
FLORI: Pensei que você não notasse.  
UMBRE: Às vezes a gente deve bancar o  
tonto.  
FLORI: Não acho!  
UMBRE: Por questão de caridade!  
FLORI: Eu não gosto.  
UMBRE: (explica) - Ele me chama de  
abobrinha e fica contente. Eu não  
ligo, ele fica mais contente ainda.  
Fica sendo um homem feliz. Eu  
gosto de deixar os outros felizes!  
FLORI: Ah...  
UMBRE: Se você fica feliz, me pondo um  
apelido, não me incomodo.  
FLORI: Não gosto de apelidar ninguém.  
UMBRE: Isso é bom.  
FLORI: Não vai trabalhar? Anda, grita  
sua mercadoria.  
UMBRE: (rapidamente dá uma volta,  
recitando ligeiro, sem disposição)  
Guarda-chuva-para-os-dias-de-  
sol. Guarda-sol-para-os-dias-de-  
chuva! (senta-se junto de FLORI) Já  
gritei!  
FLORI: Assim você não vende!  
UMBRE (Abrindo um guarda-chuva só  
de varetas) - Para os dias de sol...

FLORI: Não faz sombra!  
UMBRE: O sol é vida, não devemos fugir dele!  
FLORI: E para os dias de chuva?  
UMBRE (que fechara, torna a abrir o mesmo guarda-chuva) - Pronto!  
FLORI: Passa água!  
UMBRE: Desde quando água faz mal?  
FLORI: Assim ninguém compra! Você vende coisas inúteis!  
UMBRE (leve tom de censura) - Ah, estás falando igualzinho àqueles três ali! Só pensam no que serve para o corpo.  
FLORI (envergonhada) - Desculpe...  
UMBRE: Meus guarda-chuvas valem tanto quanto suas flores. Não são para o corpo, são para a alma.  
FLORI: Por que falas ao contrário?  
UMBRE: Imaginação!  
FRUTE: É a mexerica!  
FLORI: Me explica.  
UMBRE: O mundo seria muito chato se tudo fosse exatamente ao pé da letra! O homem nada criaria se só se contentasse com a realidade. Nós precisamos de imaginação, de sonho, de fantasia...  
FLORI: De beleza também! De muitas flores!  
UMBRE: Alegria!  
FLORI: De... de...  
FRUTE: Melancia!  
VERDU: Couve-flor!  
FLORI e UMBRE: (ao mesmo tempo) - Também de melancia e couve-flor! (riem)  
UMBRE: Vê? Com meu jeito de vender, todos ficam alegres!  
FLORI: (olhando a barraca destruída, choraminga) - Como é que vou vender?  
UMBRE: Faça como eu! Carregue tudo nas costas.  
FLORI: Vou carregar vasos nas costas?  
UMBRE: (concordando) - É mesmo; pesa pra burro!  
FLORI: Vou embora.

UMBRE: Eles vão rir de você!  
FLORI: Que me importa?  
UMBRE: (faz pouco) - Ah, ah, ah! Onde está a menina valente?  
FLORI: Vou andar com as flores na mão?  
UMBRE: Vale tudo!  
FLORI: (apanhando as flores) - Não tenho jeito...  
UMBRE: Vendedor ambulante é mais divertido. Depois, se não gostar, pode ficar na porta da igreja. É um ótimo lugar!  
FRUTE: Mexerica e pêra do Rio!  
SALSI: Ricota!  
FRUTE: É já, é já... é jabuticaba!  
UMBRE: Eu te ensino um pregão, quer?  
FLORI: Pode ser cantado?  
UMBRE: Tem que ser cantado!  
FLORI: O padre não vai reclamar?  
UMBRE: Você vai quebrar a igreja?  
FLORI: Não, é lógico!  
UMBRE: Então ninguém reclama; você está na praça. A praça é de todos.  
FLORI: Como vou cantar?  
UMBRE: (canta) - Tenho flores, flores belas vermelhas e amarelas... Para as moças que são caladas, para as velhas tagarelas...  
FLORI: Nossa!  
UMBRE: Que tem?  
FLORI: Vão brigar comigo!  
SALSI: Muzzarela!  
UMBRE: Vai ser notada; quem é notado, faz negócios.  
FLORI: (apanha o resto das flores) - Vamos ver...  
UMBRE: (adverte) - Nada de lágrimas! (passa junto às barracas, cantando) Guarda-chuva para os dias de sol! Guarda-sol para os dias de chuva!  
FLORI: Tenho flores, flores belas, vermelhas e amarelas... (segue os passos de UMBRE) Para as moças que são caladas, para as velhas tagarelas...  
VERDU: Pensei que fosse burro,

mas é louco!  
SALSI: Ela também!  
FRUTE: Ficou gira, porque destruímos a barraca!  
SALSI: É loucura de palavra!  
VERDU: Não conheço; sei de cachorro louco!...  
SALSI: (esclarece) - A pessoa ouve o que a outra diz; se esta outra é bastante louca no falar, a outra fica louca só de ouvir e sai falando loucura por aí, entende?  
VERDU: Nem um pouco!  
SALSI: Burro!  
FRUTE: Além de cachorro louco, posso dizer que vi gente fora do juízo!  
FLORI: (já na escada) - Flores, senhora? Flores, senhores? Colhidas hoje; ainda trazem o perfumado orvalho da manhã (vai vendendo a interessados). Têm nas pétalas o ouro do sol, a pureza da chuva, o calor da terra...  
VERDU: Está ouvindo?  
FRUTE: Sou burro, não sou surdo.  
SALSI: Então atente, burro ouvinte: ela está vendendo.  
VERDU: Mais do que aqui.  
FRUTE (grita, afoito, procurando atrair freguês): jabuticaba-manga-melancia-abacate-tangerina-carambola-uva-banana-maçã-pêra-caqui! (vai repetindo até ficar sem fôlego; ao mesmo tempo, VERDU e SALSI vão apregoando as mercadorias de suas bancas).  
SALSI: Lingüiça, salame, salsicha, mortadela, ricota, muzzarela, requeijão, queijo minas, provolone, gorgonzola!  
VERDU: Tomate-pepino-quiabo-beterraba-alface-chicória-pimentão!  
FLORI: Olha as boninas, para as meninas. Rosas para as formosas.  
UMBRE: (canta, aumentando a confusão) - Guarda-sol para os

dias de chuva! - Guarda-chuva para os dias de sol!  
FLORI: Flores, flores belas, vermelhas e amarelas...Para as moças que são caladas, para as velhas tagarelas...  
SALSI: (bufando) - Ah, ah, ah!  
FRUTE: Não agüento mais!  
VERDU: Nem eu!  
SALSI: Ninguém nos ouve!  
FRUTE: Ninguém vem comprar!  
SALSI: Ela pegou o melhor ponto.  
VERDU: Veja como vende!  
FRUTE: Trabalha com o melhor!  
VERDU: Desde quando flor é melhor que nossas coisas?  
SALSI: Nunca foi!  
FLORI: (para um interessado) - Sinta... o aroma do sol nas pétalas da rosa! (para um outro) A alegria da vida nas cores das dalias... (para um terceiro) A maciez da chuva na suavidade do lírio... (a todos vende).  
FRUTE: Nós não podemos dizer: melancia para os amores, batatinhas para todas as dores!  
SALSI: O aroma do sol nas fatias de mortadela ou nas pétalas da alface.  
VERDU: A alegria da vida no gorgonzola ou nas cores da jabuticaba!  
FRUTE: A maciez da chuva na suavidade do abacaxi ou da alcachofra!  
SALSI: Ela leva vantagem!  
VERDU: Ficou no melhor lugar!  
SALSI: Tem de sair de lá!  
VERDU: É uma ofensa ficar na porta da igreja!  
FRUTE: É claro!  
SALSI: Atrapalhando a missa!  
VERDU: É claro!  
SALSI: Temos de defender a igreja!  
FRUTE: É claro!  
SALSI: O nosso comércio!  
FRUTE e VERDU: Também é claro! (dirigem-se a FLORI)

VERDU: Quem deu ordem de ficar aqui?  
FLORI: Ninguém!  
SALSI: Então não pode ficar aí.  
FLORI: Por que não?  
VERDU: Atrapalha a rua!  
UMBRE: Ela não está na rua.  
VERDU: Está na igreja!  
FLORI: (protesta) - Nem na igreja!  
FRUTE: Está na escada!  
UMBRE: Escada não é igreja!  
VERDU: Está atrapalhando a escada!  
UMBRE: Não é dos senhores!  
SALSI: (empurra UMBRE) - A escada é da igreja!  
FRUTE: Logo, atrapalha a igreja.  
UMBRE: E tu és o padre?  
FRUTE: Não.  
FLORI: Então nada tem com as escadas e a igreja!  
FRUTE: Ficando na escada, atrapalha a missa!  
UMBRE: Que missa?  
SALSI: A que estão rezando!  
FLORI: Não estão rezando nada!  
VERDU: Vão rezar!  
FLORI: Quando?  
UMBRE: A igreja está fechada!  
FRUTE: Não interessa. (os fregueses param para apreciar a discussão, tomam partido e aprovam ou desaprovam com gestos e exclamações)  
SALSI: Vai abrir!  
FLORI: Quando?  
SALSI: Abre quando o padre quiser; ou quer mandar na igreja também?  
FLORI: Não mando em nada!  
VERDU: Não manda mesmo!  
SALSI: Está atrapalhando!  
VERDU: Essa cantoria incomoda a gente!  
FLORI: Que gente?  
VERDU: (faz um gesto amplo) - A gente do mundo!  
FLORI: Ninguém reclamou!  
FRUTE: Estamos reclamando!  
VERDU: E somos gente!  
SALSI: Gente do mundo!

VERDU: Não há missa por tua culpa!  
FLORI: Minha?!

FRUTE: Quem é que está na escada?  
SALSI: Quem é que vende flores?  
VERDU: Faz barulho?  
FRUTE: Impede a passagem?  
SALSI: Aqui não pode ficar!  
FLORI: Lá vocês não deixam!  
SALSI: Nem lá!  
FLORI: Então onde?  
UMBRE: Sim, onde? No nariz de quem?  
SALSI: Se quiser vender coisa útil, não nos importamos. Mas flores não!  
FRUTE: Está decidido!  
UMBRE: Quem decidiu?  
FRUTE: Nós.  
FLORI: Nós, quem?  
SALSI: A gente.  
FRUTE: A gente do mundo! Somos gente do mundo! Abaixo as flores! Viva a comida!  
Enquanto estão dando vivas, entram LAMBE-BEIÇOS e seu criado CATA-FARELOS, que, à parte, apreciam a cena, que se desenrola com apoio dos curiosos, que dão vivas também).

UMBRE: Abaixo a comida!  
FLORI: Viva as flores!  
VERDU: A comida!  
FLORI: As flores!  
VERDU: Viva a beterraba!  
FLORI: Viva a margarida!  
FRUTE: Viva a melancia!  
FLORI: Viva o lírio!  
SALSI: Viva a mortadela!  
FRUTE: Viva a tangerina!  
VERDU: Viva a abobrinha!  
UMBRE: (agradece) - Obrigado.  
FLORI: Viva a rosa!  
VERDU: Viva a batata-doce!  
UMBRE: E viva o doce que é doce!  
FRUTE: Abaixo as flores!  
FLORI: Abaixo a comilança!  
FRUTE: Abaixo,abaixo... abaixo qualquer flor!  
VERDU: (aparteia) - Menos a couve-flor!  
LAMBE (quando ouve falar em comida,



sacode a cabeça apoiando afirmativamente em direção ao companheiro. Quando falam em flor, sacode a cabeça negativamente. Seus gestos são sempre imitados pelo outro)  
Ah, ah, ah!

CATA (em tom diferente) - Ah, ah, ah!

LAMBE: Hum, hum!

CATA: Hum, hum!

FLORI: Viva o miosótis e a violeta!

SALSI: Viva o requieirão!

FRUTE: Viva o morango!

LAMBE (completando) - Com chantili!

CATA: Com chantili!

UMBRE: Viva também o guarda-chuva!

FRUTE: Não atrapalhe!

VERDU: Viva o pimentão!

UMBRE: Esse não!

VERDU: Então que viva a pimenta!

UMBRE: Essa arde!

VERDU: (insiste) - Viva a cebola!

UMBRE: Essa faz chorar!

VERDU: É para chorar! (apanha as flores de FLORI e as atira fora; acerta em LAMBE)

SALSI: Fora, fora daqui!... (Empurram FLORI, a quem LAMBE procura defender, sem resultado. Não conseguem se manter na escada e saem. FLORI fica a chorar num banco, consolada por LAMBE).

VERDU: (apanha outra flor e atira longe, mais uma vez acertando em LAMBE)

LAMBE: (grita) - (FLORI pára de chorar; FRUTE, VERDU e SALSI param na atitude em que estão e, à medida que LAMBE avança, com pose e imponência, seguido de CATA, os curiosos abrem passagem e se empoleiram nos bancos para assistir). Chega! (faz-se silêncio) Chega!

CATA: (Com os dedos nos lábios, pedindo silêncio) - Shhh!...shhh!...

LAMBE: Não respeitam o lugar? Não vêem que estão numa praça?

Num lugar público!? Na porta de uma igreja? (pausa) Uma praça merece respeito!

CATA: Respeito respeitador!

LAMBE: O público merece respeito.

CATA: Respeito respeitador respectivo!

LAMBE: Uma igreja merece respeito!

CATA: Respeito respeitador respectivo respeitabilíssimo!

LAMBE: (interrogativo) - E que fazem?

UMBRE: Vendo guarda-chuva.

LAMBE: (sem tomar conhecimento) - Que fazem? - pergunto eu.

VERDU: Vendo verduras...

FRUTE: Eu, frutas.

LAMBE: (zangado) - Que fazem?!

UMBRE: (à parte) - O homem não fica contente!

LAMBE: (bate o pé) - Fazem uma confusão! Uma cê-ó-ene-efe-u-esse-a-til-ó! CONFUSÃO!

CATA: Isso; cê-ó-ene etc. e tal... FUSÃO!

LAMBE: Um desrespeito! E para cúmulo, me agridem!

CATA: Agridem!

LAMBE: Atirando pedras?

UMBRE: (de seu canto) - Não seria mau!

LAMBE: Atirando-me balas?

CATA: Respondam!

LAMBE: (intervém) - Não, não me respondam...

CATA: Não, não, não. Não respondam não!

LAMBE: (fanfarrão, fingido) - Oh, não! Atiram-me flores! Oh! Céus! Atiram-me flores! Flores!

FLORI: São tão belas!...

LAMBE: Mil vezes me atirassem batatas.

CATA: Mil tomates!

LAMBE: Mil vezes me atirassem ovos!

CATA: (esclarece) - Cozidos, para não sujar!

LAMBE: Mil vezes me atirassem batatas, pepinos, queijos, pimentões, mortadelas, jabuticabas...

CATA: Melancia!

LAMBE: (bate-lhe) - Dói pra burro!

CATA: (para os outros) - Não joguem

melancia!

LAMBE: Mas, oh infelicidade, me atiram flores. Mil flores que me ofendem e me torturam!

VERDU: (desculpa-se) - Não fomos nós!

SALSI: Nem temos flores!

FRUTE: Nem uma!

VERDU: Só couve-flor, que não é bem uma flor, não é?

LAMBE: Não têm flores?

VERDU: Nem uma!

FRUTE: Venha ver (arrasta LAMBE, que se faz de rogado, não querendo ir)

LAMBE: Não estão me enganando?

SALSI: Venha ver!

LAMBE: Está bem... (aproxima-se, inspeciona as mercadorias, aspirando gulosamente) Ah!

CATA: Ah!...

LAMBE: (apanha um salame) - Maravilha!

CATA: Maravilha maravilhosa!

LAMBE (toma-lhe o presunto) - Deixa aí, CATA-FARELOS!

CATA: Sim...

LAMBE: Sim, o quê? Vamos, como é que deves dizer...? (ante a indecisão do outro) Anda, já esqueceste?

CATA: Ah! (solene) Sim, senhor Juiz!

LAMBE: Agora melhorou.

VERDU: Estamos diante de um juiz?

FRUTE: Que será que veio fazer aqui?

VERDU: Fiscalizar?

SALSI: A mando do governo!

FRUTE: (para VERDU) - Você está com tudo em ordem?

VERDU: Não...

SALSI: Estamos mal!

FRUTE: E fomos agredi-lo!

LAMBE: (enquanto vai petiscando tudo que encontra) - Hum, hum!

CATA: Hum, hum!

FRUTE: Quem foi que atirou as flores?

VERDU: Você.

FRUTE: (aponta para FLORI) - A culpada é ela!

SALSI: Nós atiramos as flores; ele viu!

VERDU: De quem são as flores?

SALSI: Dela.

VERDU: Quem trouxe?

FRUTE: Ela.

VERDU: Quem ficou na escada?

FRUTE: Ela.

VERDU: Quem é a culpada?

SALSI e FRUTE: Ela!

FRUTE: Vamos nos desculpar... (para LAMBE) Excelência...

LAMBE: (com a boca cheia) - Que é?

SALSI: Viemos pedir desculpas...

FRUTE: Não jogamos as flores por mal.

LAMBE: Me acertaram!

VERDU: Foi culpa dela.

LAMBE: Logo vi. (aproxima-se de FLORI) Assim que começou a chorar, eu percebi. (Outro tom) Ah! nem me lembro mais de qual foi a última vez que vi tantas lágrimas!

CATA: Foi quando saímos do restaurante sem pagar.

LAMBE: (bate-lhe) - Cala-te!

CATA: (explica) - O dono chorava!

LAMBE: (empurra-lhe uma fruta) - Vê se te engasgas com isso!

FRUTE: Estamos desculpados?

LAMBE: Quem vai pagar pela ofensa?

VERDU: (puxa FLORI pela mão) - Ela!

UMBRE: Ela é inocente!

CATA: É preciso um julgamento!

FRUTE: Estou de acordo.

SALSI: Eu também.

LAMBE (com falsa modéstia) - Já que insistem... Vamos, CATA-FARELOS, ao trabalho.

CATA: (Dirigem-se ao coreto, onde se instalam como num tribunal) - Sim, excelência...

LAMBE: (limpa a garganta) - Humhum! Já que insistem.

FLORI: Nada fiz de mal.

UMBRE: Ela é inocente!

LAMBE: (adverte) - Não dei a palavra à defesa!

CATA: (solene) - Está aberta a sessão! Em pauta o caso Flores contra Frutas, Verduras, Legumes, Salsicharia e Queijos.

LAMBE: Por falar nisso, me reserve aí uns queijinhos!  
CATA: (apregoa) - Queijos para senhor juiz!  
SALSI: ( traz pressurosamente) - Aqui estão.  
LAMBE: Hum! hum... Ótimo. (outro tom) Onde está a arma do crime?  
UMBRE: (que recolhera as flores) - Aqui.  
LAMBE: (atira-as de lado) - Onde está a vítima?  
FRUTE: Aí, excelência.  
LAMBE: Não é preciso me aplaudir.  
CATA: Ele quer dizer que o senhor é a vítima.  
LAMBE: Ah! Nesse caso tenho direito a uma reparação: me tragam aí alguns tomates e pepinos.  
VERDU: (atendendo) - Sim, excelência!  
LAMBE: (como a despertar) - Mas eu sou o juiz!  
CATA: Claro!  
LAMBE: Devo então ser agraciado! Que sejam laranjas e tangerinas.  
FRUTE: (traz as frutas) - Às ordens...  
LAMBE: (para CATA) - Vai guardando, vai guardando.  
CATA: (abre uma sacola e vai enchendo) - Sim, excelência!  
SALSI: Ela é uma pessoa perigosa!  
FRUTE: Encheu a feira de flores!  
VERDU: Um atentado contra a vida humana!  
LAMBE: Isso é grave!  
CATA: Gravíssimo!  
LAMBE: Tão grave que é melhor recolher alguns quilos de batatas, não é, CATA-FARELOS?  
CATA: No mínimo!  
LAMBE: Traga verduras também (para CATA, que se dirige às bancas) Não esqueça a lingüiça para o guisado! (Enquanto CATA limpa as bancas, o julgamento continua). Que tem a dizer?  
FLORI: Eles implicaram comigo!  
LAMBE - Você provocou?  
FLORI: Não...

FRUTE: Provocou sim!  
FLORI: Eles chamavam o guarda-chuveiro de abobrinha!  
LAMBE (para CATA) - Não esqueça: abobrinha. (para FLORI) E daí?  
FRUTE: Ela cantava uma musiquinha!  
LAMBE - Que musiquinha?  
FLORI: Que me ensinaram, para vender.  
LAMBE: E vendeu?  
FLORI: Bastante.  
(CATA apanha mais coisas e vai enchendo outro saco)  
LAMBE: Como era a música?  
FLORI: (declama) - Flores, flores belas,vermelhas e amarelas, para as moças que são caladas para as velhas tagarelas...  
VERDU: Não é para provocar?  
UMBRE: Vocês são velhas?  
SALSI: Cala a boca, salsichão!  
UMBRE: Seu cara de ricota!  
VERDU: Nariz de batata!  
FRUTE: Barriga de melancia!  
LAMBE: Parem! Exijo respeito! (para CATA) Não se esqueça do que ouviu: salsichão,ricota,melancia!  
CATA: Estou de orelhas abertas!  
LAMBE: Pelo desrespeito vai uma multa: três dúzias de bananas e trinta e cinco metros de lingüiça calabresa!  
UMBRE: (à parte) - Gostaria de saber o nome desse cara!  
CATA: (voltando carregado) - É LAMBE-BEIÇOS!  
LAMBE: - Ela é culpada!  
VERDU: Ah! vitória!  
SALSI: Conosco ninguém pode!  
FRUTE: Ganhamos!  
LAMBE: (empurrando CATA, procura escapar) - Vamos, vamos...  
VERDU: (agarra em tempo LAMBE) - Qual é a pena?  
LAMBE: Que pena?  
SALSI: O castigo.  
LAMBE: Tenho que dizer?  
VERDU: Não foi julgada?  
LAMBE: (sentenciando) - Ela está proibida!

SALSI: Ótimo! (Saem alegres, aos pulos, comemorando)  
FLORI: Proibida de quê?  
LAMBE: Acha que vou dar explicações a quem me ofendeu com flores?  
FLORI: Não fui eu!  
LAMBE: (escapando) - Dá no mesmo!  
FLORI: (fica chorando) - Eu não fiz nada!  
UMBRE: (senta-se, a rir, junto dela) - Ah, ah, ah! Ah, ah, ah!  
FLORI: Estou proibida e você fica rindo!  
UMBRE: (apanha FLORI pela mão e corre com ela às bancas vazias) - Você foi proibida de coisa nenhuma! Mas, olhe! Ah, ah, ah! Ah, ah, ah!...

FLORI: (vai recolher as flores pisadas) - Pobrezinhas! ...

SALSI: Ganhamos e o tonto fica rindo!  
FRUTE: Sempre foi bobo! (diante da banca vazia, coça a cabeça, intrigado)  
VERDU: (na mesma situação) - Por falar em bobo ...  
SALSI: (idem) - Não é ...  
VERDU: (olhando atrás da igreja) - Olha lá! ... (sai correndo)  
UMBRE: Ah, ah, ah ...  
SALSI: (sai correndo) - Minha ricota!  
FRUTI: Minha jabuticaba!  
UMBRE: Se andarem ligeiro, ainda podem salvar alguma coisa da barriga do LAMBE-BEIÇOS! Ah, ah, ah! ... (para FLORI, que tristemente apanhava as flores) Ora, enxugue as lágrimas e vamos vender alegria...

PANO

15 a 18 anos

(Aproximadamente )  
e para amadores adultos.

A Moreninha  
Miroel Silveira



A MORENINHA  
Comédia de Miroel Silveira

Inspirada no romance de Joaquim Manuel de Macedo

Personagens:

---

CAROLINA, a Moreninha	15 anos
JOANINHA, a Pálida	17 anos
QUINQUINHA, a Loura	16 anos
CLEMENTINA	17 anos
DON'ANA	60 anos
DONA VIOLANTE	50 anos
PAULA	30 anos
AUGUSTO	20 anos
FELIPE	20 anos
FABRÍCIO	21 anos
LEOPOLDO	21 anos
TOBIAS	35 anos
RAFAEL	30 anos
VELHO MORIBUNDO	70 anos
E mais CAROLINA e AUGUSTO quando crianças (ela 8 e ele 13 anos)	

ÉPOCA e AÇÃO

---

Entre 21 de julho e 19 de agosto de 1844, na Ilha de Paquetá

PRIMEIRO ATO

Na casa de Dona Ana, na Ilha de Paquetá. A cena se divide em duas partes. A D. é uma sala de estar ampla, que ocupa dois terços de palco. Essa sala tem ao F. uma porta grande e alta, levando por um corredor a outras salas; na B. se comunica por outra parte com gabinete de "toilette" das moças. À E. da sala, ocupando o restante um terço da cena, o terraço; percebe-se, assim, que ele circunda a casa e que dá para um jardim de árvores frondosas. Liga-se ao jardim por uma escada pequena e à sala por uma porta grande, no C., e por uma janela, na B. Ao F., uma mesa grande. Na B., poltronas e canapés.  
A cortina representa em azul e rosa

uma visão externa da casa colonial e da Ilha de Paquetá.

Antes de a cortina abrir-se, ouve-se a "balada" da Moreninha tocada como que por uma caixinha de música. Tobias, esportíssimo, e Paula, dengosa, aparecem à frente e olham para a platéia.

Uma escada em duas direções e a cortina é aberta por eles, mostrando a cena inteira, deserta. Tobias despede Paula com um gesto e avista algo à sua frente. Vai à porta chamar.

TOBIAS: Seu Filípi, us moço tão chegânu.

FELIPE: (entrando, contente) - Vá recebê-los, Tobias (Tobias parte para a platéia, ao F. da qual os rapazes aparecem) - Ajude a

trazer as coisas. Ora, viva!

TOBIAS: Faça um favô de entrada, seu Filipe tá aqui.

FABRÍCIO e LEOPOLDO: (aproximam-se)  
- Que faz o Sr. Felipe que não nos vem receber?

FELIPE: Sejam bem-vindos! Mas como vocês demoraram para chegar! (Eles se encontram e há abraços, apertos de mão. Tobias sobe para levar a bagagem)

LEOPOLDO: Isto aqui até parece o fim do mundo!

FABRÍCIO: (explodindo) - Tenha a santa paciência, o sacrifício foi enorme! Felipe, dou minha palavra de honra: estou quase morto de inanição! Passamos todas estas horas em cima d'água, e eu sem nada para levar à boca!

FELIPE: (rindo) - Bem, o mal não é irremediável. (para Tobias, que vem voltando) - Tobias, vá buscar qualquer coisa para entreter o estômago do Sr. Fabrício até a hora do chá.

TOBIAS: Qualquer coisa? (faz sinal de coisa pequena)

FABRÍCIO: (rápido) - Não! Qualquer coisa... (faz sinal de coisa grande. Tobias sai)

FELIPE: Mas o Augusto não veio com vocês? Que é feito dele?

FABRÍCIO: Disse que não queria de modo algum perder a aula de partos.

FELIPE: Que absurdo! Trocar nossa reunião de hoje, cheia de moças bonitas, por insípidas aulas de medicina! (Tobias entra com um prato cheio de doces. Fabrício atraca-se a eles e põe-se a comer. Tobias sai levando mais bagagem.)

LEOPOLDO: (insinuante) - Talvez não tenha querido vir justamente por causa dessas moças bonitas...

FELIPE: Isso, medo de perder a aposta!

Você sabe como ele é mulherengo... Não quis arriscar-se a vir para não arriscar-se a perder.

FABRÍCIO: (de boca cheia) - Perder? Perder o quê?

LEOPOLDO: A aposta que fez ontem com Felipe.

FELIPE: (tirando do peito um papel) - Aliás, Fabrício, você terá que assinar como testemunha também, ouviu?

FABRÍCIO: ( segurando o papel) - Mas que foi que vocês apostaram?

FELIPE: Uma aposta romântica! Leia alto, está aí.

FABRÍCIO: Eu? Minha boca não pode perder o seu precioso tempo. A natureza nos fez muito errados: devíamos ter duas bocas, uma para falar e outra para comer; assim, não se dariam conflitos de atividades... (devolve o papel e atraca-se a um doce)

FELIPE: (começa) - "No dia 20 de julho de 1844, sendo testemunhas os estudantes Leopoldo e Fabrício"...

LEOPOLDO: Não interrompa!

FELIPE: (continuando) - "... resolveram Augusto e Felipe, estudantes também, apostar que, se até o dia 20 de agosto do corrente ano de 1844, o primeiro tiver amado a uma só mulher durante quinze dias ou mais, será obrigado a escrever um romance em que tal acontecimento confesse; e, no caso contrário, igual pena sofrerá o segundo" ... quer dizer, eu.

FABRÍCIO: Mas você perdeu a cabeça, Felipe? Apostar uma coisa dessas com o Augusto? Então você não sabe o quanto ele é inconstante?

FELIPE: Você diz isso porque não conhece as moças que hoje virão ao sarau. Conhece as minhas primas... (dá o papel para Fabrício assinar)

LEOPOLDO: Com que então as suas



primas são gentis e você não nos dizia nada, hein?

FELIPE: A mais velha chama-se Joaquina, tem cabelos negros, belos olhos da mesma cor, e é pálida.

LEOPOLDO: (interessado) - Hein? Então ela é pálida?

FELIPE: Pálida. Mas perca as esperanças. Segundo me informaram, aqui o nosso Fabrício anda enrabichado por ela. (Fabrício fica sem jeito, engole mais doces e, suspira, enlevado.

LEOPOLDO: Ora!... Eu que gosto tanto das pálidas!

FELIPE: Tenho outra prima, pouco mais moça que a pálida. É loira, tem olhos verdes, faces cor-de-rosa...

LEOPOLDO: Como se chama?

FELIPE: Joaquina. Na intimidade, Quinquinha.

LEOPOLDO: Quinquinha? Que nome adorável! Então é com ela que vou fazer meu pé de alferes.

FABRÍCIO: Mas, se não me engano, Felipe, você também disse que tinha uma irmã.

FELIPE: Bem. Tenho, sim. (depreciativo) É moreninha.

LEOPOLDO: Moreninha? Eta diabo.

FELIPE: Bem, mas a liberdade de amar que dou a vocês vai só até as minhas primas. E depois minha irmã é uma criança. Uma criança endemoninhada, vocês nem calculam.

LEOPOLDO: (romântico) - A pálida... A loira... A moreninha... Ainda bem que não fui eu que apostei! Coitado do Augusto...

FELIPE: Mas vamos conhecê-las, que é melhor. Devem estar todas com vovó no jardim.

FABRÍCIO: Eu fico aqui. Quero ser o primeiro a me encontrar com Augusto. Tenho coisas muito importantes a conversar com ele.

LEOPOLDO: Você quer ficar é com os doces...

FELIPE: Eu direi à prima Joaquina que venha fazer-lhe companhia...

FABRÍCIO: (num repente) - Não! Não preciso! Estou aqui tão preocupado com os meus pensamentos...

FELIPE: (à porta) - Querendo mais dos "pensamentos", ( faz gesto de comer) é só chamar Tobias... ( saem, rindo, para o terraço. Assim que eles saem, Fabrício os fica espiando, depois vai ao F. e chama)

FABRÍCIO: Tobias, oh Tobias!

TOBIAS: (entrando) - Pronto, sinhô.

FABRÍCIO: Arranje-me aí umas coisas mais substanciosas.

TOBIAS: (depois de uma indecisão) - Lêiti?

FABRÍCIO: Substanciosas! (fazendo gesto com as mãos) - Sólidas, compactas!

TOBIAS: (imitando-o) - Compactas?... Ah!... Já entendi! (sai)

JOANINHA: (entrando) - Senhor Fabrício! Chegou e não me veio cumprimentar!

FABRÍCIO: (engolindo um bocado) - Perdoe-me, D. Joaquina. Mas a senhora precisa compreender que um coração apaixonado, como o meu... (põe na boca outro bocado e engole-o rapidamente)... necessita criar coragem antes de defrontar o objeto dos seus devaneios... (defronta-a como quem enfrenta o patíbulo)

JOANINHA: (abaixando os olhos) - Ah! Sr. Fabrício, fico até encabulada!

TOBIAS: (entrando com uma pequena sanfona) - Prôntu, tá qui, seu Fabríçu. (estende-lhe a sanfona)

JOANINHA: Ora, pra que é que o senhor quer uma sanfona?

FABRÍCIO: Tobias, que significa isso?

- TOBIAS: (apertando a sanfona em gesto de "compacto") - Então o sior num pidiu uma coisa compacta?
- FABRÍCIO: D. Joaninha, esse seu negro está ficando cada vez mais tonto.
- JOANINHA: Vamos para o jardim antes que lhe dê na cabeça de nos trazer algum rabecão! (saem pela E.)
- TOBIAS: (indo para a D.A. e no ritmo das sanfonadas) - Ô êli... tá lôco... ô eu ... é qui drumi ônti... sem rezá... pru meu são Binidito... (sai. Cena deserta um instante. Ao longe, ouvem-se gritos de "Pega!... Pega!..." e passos de quem corre. Carolina aparece ao F; em seu encalço vem Felipe. Carolina pára um pouco no meio da cena, indecisa. Felipe aparece ao F., ela faz-lhe um gesto de caçoada e esconde-se no "toilette" das moças).
- FELIPE: "Abra,abra!"
- CAROLINA: (de dentro) - Não senhor! Aqui é o gabinete das moças, você não pode entrar.
- FELIPE: Então saia! Preciso me vingar daquele beliscão que você me deu. Sabe que você está ficando impossível? (Silêncio; ela não responde; ele se põe à escuta) - Não pense que me escapa, não senhora! Eu ficarei aqui até que você resolva sair. (ao F. Carolina aparece, entra devagarinho, na ponta dos pé, esconde-se atrás de um canapé que está junto à janela da E. B.) Para não me cansar, vou até esperar aqui sentado. (puxa uma cadeira e senta-se de frente para a porta do gabinete, dando as costas para o lugar em que está Carolina).
- CAROLINA: (erguendo a cabeça, marota, e falando com voz branda) - Não adianta... Onde eu estou você não me pega. (esconde-se novamente).
- FELIPE: (voltando-se de súbito) - Parece que a voz dela vinha daqui... (bate à porta) - Carolina! Saia que eu perdô...
- CAROLINA: (Esganiçando a voz) - Ahn!... estou bem aqui... (ergue outra vez a cabeça) (Felipe quase a vê. Leopoldo surge no terraço. Põe o braço pela janela e pega-a pelo cabelo).
- LEOPOLDO: A fugitiva está presa! Vingança, agora, vingança!
- FELIPE: (correndo para Carolina e segurando-a de verdade, enquanto Leopoldo dá a volta e entra pela porta da E. ) - Você me paga! Já arranjei o castigo. ( com enegia marcial) - Vamos, imediatamente, um beijo aqui neste lado! (Carolina beija-lhe a face) - Outro aqui, já! (aponta o outro lado e Carolina obedece, isto é, finge obedecer, pois na verdade dá-lhe uma dentada e sai correndo para esconder-se novamente no gabinete das moças) - Ai, malvada!
- DON'ANA: (entrando pela E.) - O que foi que houve? Do jardim estou ouvindo a voz de vocês!
- FELIPE: É a Carolina, vovó. Anda fazendo das suas.
- CAROLINA: (surgindo do gabinete) - Vovó, ele é que puxou os meus cabelos!
- FELIPE: Ela me deu uma dentada!
- DON'ANA: (doce, indulgente) - Minha netinha, quando é que você cria juízo? (Carolina aproxima-se dela, abraça-a, enquanto ela a afaga)
- CAROLINA: (como criança mimada) - Ah! vovó, o Felipe... Eles são maus...
- DON'ANA: Mas você precisa ser boazinha... Hoje à noite só quero ver como você se porta no sarau...

- CAROLINA: (com olhos maliciosos, fazendo sinais ameaçadores para os dois rapazes) - Pode ficar descansada, vovozinha. Eu me comportarei como um anjo... (Afastando-se bruscamente, porque vê Chiquinha entrar com Tobias) - Oh! Quinquinha, você me abandonou e eles judiaram de mim!
- QUINQUINHA: (meio à parte) - Eu não podia largar aqueles dois, a Joaquina e o Sr. Fabrício, sozinhos... (olha para fora, depois diz a Tobias) - Tobias, diz a Joaquina que venha para dentro já-já.
- TOBIAS: (saindo, para si) - Só si ela fô boba! Aquílu lá tá tão bão! (faz gesto de quem se está abraçando. Sai)
- DON'ANA: Chega de folia, meninas. Venham sentar um pouco para ver se a cabeça entra no lugar. (Todas vêm se sentar, de má vontade. Na passagem, Don'Ana toca uma sineta)
- PAULA: (aparecendo) - Prôntu, sinhá.
- DON'ANA: Daqui a pouco escurece, é bom ir preparando o chá.
- PAULA: Cum bolínhu, sinhá? (Fabrício e Joaquina entram, meio encabulados. Atrás, o negro Tobias, todo serelepe, fazendo olhares maliciosos para os dois)
- DON'ANA: Com bolinhos, Paula.
- FABRÍCIO: (alertado) - Ouvi dizer que aqui também se comem umas quitandas deliciosas.
- DON'ANA: E sirva também as quitandas, Paula. (Paula se inclina e sai. Tobias faz menção de sair atrás)
- FABRÍCIO: E por acaso não haverá também...
- JOANINHA: (cortando) - Não. Aonde vai, negro?
- TOBIAS: (como apanhado em flagrante) - Dá umas vorta...
- JOANINHA: (sentando-se) - Não, senhor. Venha me abanar que estou com calor (ele vem e abana, contrafeito)
- FABRÍCIO: (que esteve olhando, ansioso, para todos os lados) - O Augusto ainda não veio?... Está atrasadíssimo! E eu precisando tanto falar com ele!
- CAROLINA: (para Felipe) - Você disse que ele saía de lá às dez horas, mas nós até jantamos e ele ainda não apareceu!
- FELIPE: Talvez esteja arrependido... (cotuca Leopoldo) - A aposta...
- FABRÍCIO: Vou até a praia ver se alguma barca se aproxima. Com licença, minhas senhoras.
- DON'ANA: Esteja à vontade, senhor Fabrício. (Fabrício inclina-se e sai pela E. Paula aparece ao F. e fica ajudando a negra. Para isso, entrará e sairá de cena algumas vezes, levando e trazendo coisas)
- JOANINHA: Que é isso, Carolina? Você ajudando a negra! Trabalhando!
- QUINQUINHA: Que horror! (Carolina faz trejeitos de antipatia)
- DON'ANA: Carolina tem adoração pela Paula. Ela serviu-lhe de ama; nada mais natural, portanto.
- JOANINHA: Negros só para trabalhar! (Tobias, por trás dela, faz uma careta) - Vamos, Tobias, não esmoreça! (Tobias apressa-se e enxuga o suor do rosto com um lenço vermelho)
- QUINQUINHA: Tobias, credo em cruz! Isso é lenço que você ande com ele?
- TOBIAS: (guardando-o depressa) - Custô um patácu; qui é qui sinhá tá pensânu? (avistando Augusto) - Ih! Seu Ogusto!
- AUGUSTO: (aparecendo pela plátéia com Rafael) - Perdoem-me o atraso!
- FELIPE: (adiantando-se) - Sempre se

espera pela pior figura!  
(abraçam-se)

AUGUSTO: (indo a Felipe depois de deixar o chapéu e a bengala com Rafael) - O vento estava muito fraco, viemos quase que só a remo.

FELIPE: E a distância não é pouca...  
(Chegaram diante de Don' Ana) - Vovó, quero apresentar-lhe Augusto, colega a respeito de quem já lhe tenho falado tantas vezes.

DON'ANA: (dando a mão a Augusto, que a beija) - Creia que é recebido com verdadeiro prazer. Esta casa também é dos amigos do meu neto.

AUGUSTO: Que pena a vovozinha também não poder ser repartida... (riem. Tobias, aproveitando a distração de Joanhinha com a chegada de Augusto, sai de fininho, dá com Rafael, parado ao F. que nem palerma, e arrasta-o com gestos convidativos para o interior da casa.)

FELIPE: Venha conhecer agora as outras senhoras. Apresento-lhe aqui minha prima Joanhinha. (ao ouvido de Augusto) - A pálida...

AUGUSTO: (inclina-se, um pouco cínico, beija-lhe a mão) - A formosura de V.S. chegou até mim, evidentemente, através de retratos inábeis...

JOANINHA: (num requebro) - Pode-se saber quem foi o perverso retratista?

AUGUSTO: Bem... Isso eu não estou autorizado a revelar...

FELIPE: (puxando-o ao ouvido) - Que derrotado! Você vai mesmo perder a aposta... Minha prima Quinquinha... (ao ouvido de Augusto) - A loira!... (Carolina entra ao F., ajudando Paula a arrumar a

mesa. Vê Augusto e a mesura que este vai fazer a Quinquinha. Franze o cenho e põe-se ao trabalho, espiando de soslaio a cena)

AUGUSTO: (inclinando-se para beijar-lhe a mão) - Pelo que vejo, a formosura e a simpatia são privilégios desta família...

QUINQUINHA: (sonsa) - O senhor acha? (finge corar) .

AUGUSTO: (observando-a, enlevado) - Mas a senhora corou! Foi como se o sol tivesse subitamente enrubescido um céu sem nuvens...

QUINQUINHA: (agora envergonhada, mesmo) - Ah! Senhor Augusto, por quem é! (Augusto olha para o F. e dá com Carolina, que o fita e lhe faz uma careta, pondo a língua, antes de sair novamente com Paula pela D.A.)

FELIPE: Quanto ao nosso emérito Leopoldo, é desnecessário apresentá-lo...

AUGUSTO: (fazendo um cumprimento cômico) - Sim, já tenho a infelicidade de conhecê-lo... (dão as mãos, Leopoldo o puxa um pouco à parte)

DON'ANA: Meninas, por que não jogam uma partida enquanto se espera pelo chá?

JOANINHA: (batendo as mãos) - Ótimo, boa idéia!

DON'ANA: Felipe! Vá buscar aquela mesa pequena. Quinquinha, traga as cartas. (os dois fazem o recomendado)

LEOPOLDO: (a Augusto, à parte) - Então? Qual delas vai lhe fazer perder a aposta?

AUGUSTO: Nenhuma! Contra esses encantos trago comigo um poderoso talismã. (Tira do peito um breve que beija com paixão)

LEOPOLDO: Que é isso?

AUGUSTO: (guardando o breve) -

Chouriço! (ao F. entra Carolina com flores. Deixa-as cair. Pisa-as com raiva) (Com um gesto para o F.) - É a irmã de Felipe?

LEOPOLDO: Ela mesma. Dona Carolina. A moreninha!... Que tal? Não é galante?

AUGUSTO: Impertinente, isso sim... Ainda agora me pôs a língua... (pausa) - Traços pouco finos... (pausa) - Quase antipática.

FELIPE: (lembrando-se) - Augusto, perdoe! Esqueci-me de lhe apresentar minha irmã... (Felipe se adianta, vai até o F. Carolina não se move) - Este é o meu colega Augusto, Carolina (os dois se fitam em silêncio, como à espera de qualquer coisa. Augusto vai estender a mão para beijar a de Carolina, quando ela faz uma pequena reverência rápida, esquivando-se. Entra Fabrício. Felipe já veio para a B., onde acaba de arrumar a mesa de jogos com as primas e com Leopoldo, enquanto Don'Ana os fita com benevolência)

FABRÍCIO: Augusto! Até que enfim! Estou ansioso por dar duas palavrinhas a sós com você...

CAROLINA: Com licença... (vai retirar-se, Augusto a retém)

AUGUSTO: Não é indispensável que seja imediatamente, não é, Fabrício?

FABRÍCIO: Se a senhora Dona Carolina permitisse, eu estimaria conversar já.

CAROLINA: Oh! Por mim não seja... (afasta-se)

AUGUSTO: (seguindo-a) - Minha senhora, eu ouvirei o Fabrício mais tarde. (já os jogadores, na B., estão na primeira rodada. Ouvem-se risadas, palavras indistintas)

CAROLINA: Não... Não quero que o senhor Fabrício me olhe com

maus olhos... Além do que, devo ir apressar o chá, pois leio no seu rosto que a travessia lhe deu apetite, um grande apetite... Um apetite, mesmo, de...

AUGUSTO: Acabe...

CAROLINA: De estudante. (sai correndo pela D.A.)

FABRÍCIO: (puxando Augusto pelo braço) - Vamos ao terraço, onde poderemos conversar a sós (vão saindo, Augusto relutante, olhando para as moças com ares ávidos. Ao sair, Fabrício lança um adeusinho hipócrita para Joaninha).

AUGUSTO: (agastado) - Você está me saindo um maçante de primeira! A sala cheia de moças bonitas e você...

FABRÍCIO: Não sinto o menor remorso. Você está pagando agora o mal que indiretamente me fez.

AUGUSTO: Eu? Você está desvairado!

FABRÍCIO: (segurando-o com energia) - Foi o senhor quem me arrastou para uma paixão romântica que está me desgraçando.

AUGUSTO: (agastado) - Nem sei de que se trata...

FABRÍCIO: É a dona Joaninha...

AUGUSTO: Dona Joaninha? A pálida?

FABRÍCIO: (apontando para a sala) - Psui! Podem ouvir-nos... É melhor irmos conversar na praia. (pega-o pelo braço e vão andando lentamente em direção à escada que leva ao jardim) - Eu a conheci no teatro. Ela estava num camarote. Pus-me a olhá-la, mas, como não conseguisse sua atenção, recorri a um escravo, por quem lhe mandei um recado. O escravo era esse negro sem-vergonha, o Tobias, fonte maior de todas as minhas desgraças... (somem no jardim)

TOBIAS: (cuja cabeça emerge de entre

as folhas) - Ê, ê! Meu nômi na boca di brâncu... T'isconjuro! (Benze-se) - Vem, Rafaé, tem medo não. (Rafael também aparece, com a cara palerma, assustada; os dois vêm sentar-se nos degraus da escada do terraço)

RAFAEL: Di repênti chega brâncu... Óia!

TOBIAS: Chega nada!... Si chegá eu dô u contragórpi.

RAFAEL: T'ixprica, nêgu, eu num intendi essas palavra difíci.

TOBIAS: Então! Us brâncu dão um góрпи na gênti, a gênti dá então uns contragórpi nêlis... Pur inzemplo... Já vi que tu é búrru memo! U seu Fabríçu tava falânu ni mim, né? É o góрпи dêli. Agora eu vô dá u contragórpi: vô falá nêli.

RAFAEL: (animado) - Áhn!... góрпи... contragórpi... (desanimado) - Num intindi.

TOBIAS: Tu dévi tê nascido numa sexta-fera santa... Apóstu cúmu tu num guarda dinhêru pra comprá as arforria!

RAFAEL: Forria, forria... Áchu qui já mi faláru íssu!

TOBIAS: Puis eu júntu dinhêru pra comprá as minha arforria. Búrru! Arforria é um negóçu que ocê compra e fica lívri, qui nem brâncu...

RAFAEL: Fica brâncu, é? Onde é qui tem díssu? Áhn?

TOBIAS: Búrru! Brâncu tu só fica si passá arvaiádi... Óia, iscuta bem pra vê se tu ilumina essa sexta-fera santa! Us brâncu dão os góрпи purqui prêndi a gênti, num é? A gênti é iscravo, num é? Num é gênti, é? (Rafael acompanha todas essas perguntas desorientado) - Intão vem us contragórpi: a gênti arranja dinhêro, compra as arforria i vira gênti tomêmu...

RAFAEL: Di qui jeito, fio?

TOBIAS: Munto fácir! As minhas sinhazinhas são bonitinha, num são?

RAFAEL: São. I daí?

TOBIAS: Daí, búrru, ôndi tem moça bunita tá ansim di pixonado... I ôndi tem pixonado tem mina di oro... (Imitando como faz) - Sinhô qué um recadínhu pra dona Joana? Intão iscorrega um cruzádu!... I us búrru iscorrega, Rafaé! A dispois eu chego pruma delas: "Dona Quinquinha, aquele moço qui a siora gosta mandô pidí mecha di seu cabêlu"... Sinhazinha pega i dá mecha di cabêlu. Chegu pru moço i pergúntu: "Quântu ocê dá prus cabelínhu di sinhá"?

RAFAEL: É mêrmu! Tão fácir! I eu qui nunca nun tinha pensádu níssu!

TOBIAS: Tu nunca pensô! Tu pensa qui pensa, mas tu num pensa não...

RAFAEL: (Como quem descobriu a pólvora) - Tomém vô dá desses contra... Cúmu é mermo?

TOBIAS: Contragórpi. Qui bão! Tá fartânu só um tiquínhu pr'eu podê pagá as minha arforria! (ri-se todo, Rafael o acompanha bobamente)

PAULA: (surgindo do jardim) - Du qué que ocês tão si rínu? Andáru falano ni mim, é? Seus sem-vergonho!

TOBIAS: Inxirida! Nosso assunto é assunto di hômi, num méxi lá co'as saia...

PAULA: Nêgu atrevido! Pur isso é que eu mi dei bem co'seu Rafaé. Êssi é um môçu às direita! (Rafael fica todo dengoso, levanta, vai para perto de Paula. Fabrício e Augusto voltam pelo jardim, conversando. Tobias, Paula e Rafael desaparecem)

FABRÍCIO: (olhando para trás) - O regime em que dona Joaninha me traz, Augusto! Obrigame a passar

em frente à casa dela duas vezes de manhã e duas vezes de tarde. Não há, naquela vizinhança toda, quem não se ria nas minhas barbas quatro vezes por dia.

AUGUSTO: Isso não é sacrifício para quem ama.

FABRÍCIO: Mas eu não amo! Ela me obriga, mais, a escrever-lhe pelo menos quatro cartas por semana, em papel bordado, que custa quatrocentos réis a folha. Lá se vão as minhas empadas daquela semana!

AUGUSTO: Escrever à pessoa amada é uma alegria!

FABRÍCIO: Mas eu não amo, Jesus Cristo! E ela me obriga a ir ao teatro sempre que vai. Essa despesa arrasa-me...

AUGUSTO: (cortando) - Já sei, já sei! Lá se vai o dinheiro das empadas...

FABRÍCIO: (suspiro de alívio) - Finalmente você está começando a me compreender!... Eu preciso de um pretexto mais ou menos razoável para descartar-me de dona Joaninha. É este o meu plano. Você lhe faz a corte com assiduidade. Mesmo que ela não corresponda, você a peseguirá. Eu me mostrarei enfadado. Você não fará caso e continuará o requesto para adiante. Eu, então, desesperado, ciumento e delirante, aproveitarei o primeiro momento a sós com dona Joaninha para fazer-lhe um discurso contra a inconstância das mulheres. Dou-me por despedido de meus amores com ela, e, pulando fora de tão malfadada paixão romântica, correrei a apertar você contra o meu peito... (Abraça-o)

AUGUSTO: (repelindo-o) - Era só o que faltava!

FABRÍCIO: Vamos começar desde já o

nosso plano... (procurando em volta) - Onde estará o negro Tobias?

TOBIAS: (surgindo do jardim) - Tô aqui!

FABRÍCIO: Tobias, vais me levar um recado para a dona Joaninha.

TOBIAS: Prôntu, léstu i agúdu!

FABRÍCIO: Diz a dona Joaninha que hoje à noite não quero que ela dance com ninguém. Exijo que reserve todas as contradanças para mim.

TOBIAS: U recádu du meu sinhô é uma carambola qui báti nus meus ouvídu i vai lógu pará nus ouvídu di dona Joaninha. Ela vai ficá sastifeitíssima.

FABRÍCIO: Como o sabes?

TOBIAS: Si u sinhô nun qué qui ela dânci c'os otro, é sinar qui tem ciúmi... I si tem ciúmi, é sinar qui tá gostânu dela... Si tá gostânu... Chi! A dona Joaninha mórri di vontadi di casá!

FABRÍCIO: (para Augusto, à parte) - Veja você em que perigo estou metido! (para Tobias) - E como sabes que ela tem vontade de casar?

TOBIAS: Pêlus zóio si conhéci quem tem lumbriga, sinhô...

FABRÍCIO: Pois então trata de dar-lhe o meu recado. (Tobias não se move. Fabrício olha para Augusto) - Eu te recompensarei, se te desempenhares a contento.

TOBIAS: Mais prôntu, mais léstu, mais agudo! (Não se move, fica olhando cinicamente para Fabrício, que lança um olhar desesperado para Augusto. Augusto ri e Tobias estende a mão, como distraído)

FABRÍCIO: (Pondo-lhe uma moeda na mão, a contragosto) - Por agora toma este cobres...

TOBIAS: Prontíssimo, lestíssimo, agudíssimo! (sai e ao F. mostra o produto da expedição a Rafael e Paula, que aparecem um instante,

olham admirados e depois desaparecem no jardim.

AUGUSTO: Bem, já está quase na hora do chá. Provavelmente estão estranhando nossa ausência. (vai sair)

FABRÍCIO: Espere! Você ainda não me respondeu! Então, aceita? Augusto (perverso) - Não, não posso ajudá-lo. Acho uma infâmia ter você trazido a moça toda cheia de amor durante três meses para depois desprezá-la sem a menor aparência de razão.

FABRÍCIO: Estou começando a pensar que você enlouqueceu! Meu amigo, saiba que as moças de hoje costumam usar o infinitivo de três verbos - iscar, pescar e casar; por isso nós, rapazes, para contrabalancear tão perniciosas disposições, temos que inscrever em nossos escudos o infinitivo de três outros verbos: fingir... rir... e fugir...

AUGUSTO: Pois fingir você já fingiu. Agora só lhe falta rir... E fugir...

FABRÍCIO: Impossível! Já que você se meteu nisto, avante! Além do que, dona Joaninha é um peixão. Pálida...

FABRÍCIO: Amarela...

AUGUSTO: Lânguida...

FABRÍCIO: Desenxabida... Pelo amor de Deus, Augusto, não me deixe entregue ao Tobias! Livre-me das cartas de amor que tenho que inventar!

AUGUSTO: Não.

FABRÍCIO: Olhe que você se arrepende! Sou capaz de vingar-me...

AUGUSTO: Vingue-se!

FABRÍCIO: Desacredito-o na opinião das moças (ouve-se bater uma sineta)

AUGUSTO: Melhor! Achar-me-ão mais interessante!

FABRÍCIO: Nesse caso, durante estes

dois dias, guerra!

AUGUSTO: Bravíssimo, Augusto: guerra!

FABRÍCIO: Antecipo-lhe que meu primeiro ataque terá lugar durante o chá.

FELIPE: (surgindo à porta) - Não ouviram a sineta? O chá está na mesa... ( Augusto e Fabrício se entreolham antes de entrar na sala. A sineta soa novamente. Terminou o jogo e o chá passa a ser servido. A mesa do F. foi trazida para a B., e em volta dela se sentaram todos. Augusto e Fabrício pegarão xícaras na mesa e tomarão o chá sentados no braço das poltronas. Como a tarde já caiu quase completamente, Paula agora acende os últimos candelabros)

DON'ANA: (para os dois recém chegados) - Venham tomar uma chávena de chá... Senhor Fabrício, aqui estão as quitandas.

FABRÍCIO: (dando a volta e pegando o prato) - Muito obrigado, parecem deliciosas... (Traz um prato e uma xícara de chá para o seu lugar na poltrona e põe-se a comer desabaladamente)

CAROLINA: (para Augusto) - Aqui está seu chá, senhor Augusto.

AUGUSTO: Apesar da travessia, posso assegurar-lhe que o meu apetite não é ... (olha para Fabrício)... de estudante. (risadas)

QUINQUINHA: (para Augusto) - O senhor como chegou tarde!

AUGUSTO: (olhando-a, à espera de um sim) - Deveras que pensa isso, minha senhora?

QUINQUINHA: (enrubescendo) - Penso...

AUGUSTO: (galanteador) - Só agora reconheço ter chegado tarde demais... Ou melhor: cedo demais.

QUINQUINHA: (erguendo-se para conversar melhor) - Cedo demais?

AUGUSTO: Certamente: não se chegará



sempre cedo demais quando se corre algum risco?

QUINQUINHA: (sonsa) - Aqui, portanto... Não compreendo!

AUGUSTO: Digo que, vendo eu hoje dois olhos que por sua cor e brilho se assemelham a belos astros de luz, escutando uma voz tão doce como devem ser as melodias dos anjos e aspirando um perfume...

CAROLINA: (interrompendo) - Quinquinha! Espero que terá finalmente compreendido o que o senhor Augusto tanto se empenha em lhe explicar!

QUINQUINHA: Minha prima, você o compreendeu desde o primeiro instante, não foi assim?

CAROLINA: Certamente! O senhor Augusto, além de falar com habilidade e fogo, pôs em ação três dos cinco sentidos: o olfato, a visão e a audição... E eu só não entenderia se tivesse querido fazer como fazem muitas: fingir não compreender para dar oportunidade a mais vivas finezas...

DON'ANA: Carolina!

CAROLINA: Quanto ao quinto, o do tato, não direi palavra... Porque, se as mãos do senhor Augusto se conservaram em posição correta, quem sabe lá os transeles por que não passaram os pés de minha prima? (risadas)

DON'ANA: Menina!

AUGUSTO: Consinta que ela continue, minha senhora. É uma honra ser objeto de tão rica demonstração de espírito!

CAROLINA: Obrigada, muito obrigada! Já entendi tudo: o senhor quer comprar meu silêncio com esses elogios... Negócio fechado, não falo mais nada.

FABRÍCIO: (já com o prato vazio) - Apesar de amigo e colega de

Augusto, não posso deixar de lastimar dona Quinquinha pela triste conquista que acaba de fazer.

CAROLINA: Por quê? O conquistador será tão indigno assim?

FABRÍCIO: Augusto é o protótipo da inconstância. Para ele não houve, não há nem pode haver amor que dure mais de três dias. (todas as senhoras olham reprovadamente para Augusto)

JOANINHA: Misericórdia!

CAROLINA: Será possível? (olha com espanto e dá uma risada nervosa; ocupa-se do chá)

FABRÍCIO: Sim, ele é um jovem inconstante, acessível a todas as belezas, que logo repudia para correr atrás de outras... (Todas as senhoras viram o rosto a Augusto. D. Quinquinha se afastou dele e voltou a sentar-se. Augusto, fingindo indiferença, põe-se a servir-se de qualquer coisa)

DON'ANA:(condescendente) - Não creio que a culpa do rapaz seja tão grande quanto quer fazer crer... (pequeno silêncio, todos olham para Augusto)

AUGUSTO: (com aparente calma) - Obrigado, don'Ana. Peço a palavra...

CAROLINA: (vibrante) - Isso, defenda-se! (Todos olham para esse súbito grito. Ela tapa a boca e faz olhares maliciosos)

AUGUSTO: Obrigadíssimo pelo incentivo... mas não penso em defender-me. Poderia, ao contrário, acusar... (olha para Fabrício) - Mas também não o farei. (pausa) -Minhas senhoras, sob certo ponto de vista, meu colega Fabrício disse a verdade: com efeito, sou o mais inconstante dos homens em matéria de amor...

FELIPE: O cínico ainda repete!

AUGUSTO: Mas quem conhece direito conclui, no fim das contas, que não há amante mais firme do que eu.

CAROLINA: O sr. Augusto deu para compor enigmas.

DON'ANA: Não o interrompam: deixem-no apresentar o seu programa amoroso.

JOANINHA, CLEMENTINA, CAROLINA: Isso, isso!

AUGUSTO: (cínico) -Eu vejo uma formosa senhora: amo-a não porque seja mulher...mas porque é formosa; logo, o que eu amo é beleza... e esse atributo não foi dado exclusivamente a uma única senhora; quando o encontro em outra, seria cometer uma injustiça desprezar nesta aquilo mesmo que eu tanto admirei na primeira...

FELIPE: Muito bem, Augusto! Estou começando a achar um não-sei-quê de aproveitável no seu sistema! (Carolina dá-lhe um beliscão e faz-lhe uma careta) - Ui!

DON'ANA: Juízo, meninos! Já terminou, Sr. Augusto?

AUGUSTO: Ainda não, minha senhora.

FABRÍCIO: Atenção! Ele vai acabar provando que é constante...

AUGUSTO: Mais do que ninguém, minhas senhoras, eu repreendi meu coração pela sua volubilidade. Vi, porém, que era trabalho perdido querer extinguir essa disposição para a inconstância.

CAROLINA: Réu confesso!

AUGUSTO: Em vão procurei uma jovem que soubesse prender-me em cativo eterno: não consegui. Tive, então, de recorrer a mim mesmo para tornar-me constante.

FABRÍCIO: Eu não disse que ele ia acabar provando a mentira?

AUGUSTO: Consegui-o do seguinte modo: tornando-me firme adorador de uma só criatura, que não tem existência real.

QUINQUINHA: Como pode ser isso? A quem ama então?

JOANINHA: A sua sombra, como Narciso?

CAROLINA: Alguma estátua da Academia de Belas Artes?

AUGUSTO: Não, não! A todas as mulheres, resumidas num só ente ideal. À custa dos belos olhos de uma, das madeixas de outra, do talhe elegante daquela, eu formei meu belo ideal, a quem tributo meu amor mais constante. Reúno o que de melhor está repartido, e faço mais ainda: aperfeiçoô minha obra todos os dias: por exemplo, retirando-me desta ilha, creio que vestirei o meu belo traço ideal de novas formas...

DON'ANA: Viva o cumprimento!

AUGUSTO: Foi assim, minhas senhoras, que me pude tornar constante, e, graças ao meu proveitoso sistema, posso amar a todas as senhoras a um tempo, sem ser infiel a nenhuma. Tenho dito. (senta-se).

FELIPE, LEOPOLDO: Muito bem, muito bem!

FABRÍCIO: Muito bem... Só que não valeu nada! (Paula aparece trazendo um porto com cálices).

FELIPE: Proponho um belo meio de terminar estas discussões, convidando todos os senhores para um brinde, no qual Augusto, para castigo de sua inconstância, não nos poderá acompanhar.

FABRÍCIO, QUINQUINHA, JOANINHA: Apoiado! Muito bem!

FELIPE: É costume entre mancebos, após tomar um gole de vinho, que cada qual pronuncie a letra com que se inicia o nome da

mulher amada.  
FABRÍCIO: Ótimo! E Augusto não beberá conosco.  
CAROLINA: Não senhor, ele há de beber também.  
AUGUSTO: Ah! Minha senhora! No beber não haverá dúvida: a dificuldade será escolher, entre tantos nomes, um que se seja mais amado do que os outros...  
LEOPOLDO: (Esvaziando o cálice) - Erre.  
QUINQUINHA: Erre?... Quem será?  
FELIPE: (Também) - Cê...  
CAROLINA: Clementina! Eu sei! Ela mais à noite deve estar aí...  
FELIPE: Psiu, indiscreta!  
FABRÍCIO: (Balbuciando) - Jo... ta...  
(Augusto tem um acesso de tosse por querer sufocar o riso. D. Joaquina cora)  
CAROLINA: Eia, ânimo, Sr. Augusto! É chegada a sua vez.  
AUGUSTO: (Demorando um pouco) - Mas que letra hei de dizer, minha senhora? O máximo que poderia fazer seria reduzir as amadas de que me lembro a um mínimo: 17...  
DON'ANA: Virgem Maria!  
FELIPE: Nada disso, nesta saudação não entra o número plural.  
CAROLINA: Mas isso não impedirá o Sr. Augusto de erguer seu brinde. Para que existem os substantivos coletivos? Sr. Augusto, beba à saúde do alfabeto inteiro!  
AUGUSTO: Esplêndido, minha senhora! Pois ao alfabeto inteiro, então!  
(Bebe. Carolina está achando graça, de repente se amua. Dá as costas a Augusto, põe-se a tirar a mesa com Paula. Já todos se ergueram. Tobias a um lado bebe à saúde dizendo "Psilone").  
DON'ANA: Meninas, acho bom se recolherem um pouco para não estarem cansadas mais logo.  
JOANINHA: Ah! Eu não fico cansada!  
QUINQUINHA: Eu também não quero ir

para o quarto!  
DON'ANA: Vão, sim senhoras. Depois de os convidados chegarem é que não poderão descansar. (Pega-as e as vai empurrando meigamente. Elas relutam. Acabam saindo pela D. E. D. Joaquina dá um adeus mimoso para Fabrício, que faz uma cara enjoada mal ela desaparece. Leopoldo puxa Augusto para a B.).  
LEOPOLDO: Então, Augusto, você vai perder a aposta...  
AUGUSTO: Nunca!  
LEOPOLDO: De qual destas meninas está mais apaixonado?  
AUGUSTO: Das três, como sempre.  
LEOPOLDO: E o que está achando da irmã de Felipe?  
AUGUSTO: Quando cheguei, achei-a travessa, importuna e feia.  
LEOPOLDO: E agora?  
AUGUSTO: Descubri-lhe algum espírito, e censuro-me por havê-la julgado sem encantos.  
LEOPOLDO: E daqui a pouco?  
AUGUSTO: Eu direi. (Voltam para o grupo).  
FELIPE: Vocês não querem dar uma volta na praia?  
LEOPOLDO: Quero, sim. Vamos.  
FELIPE: Assim esperamos os convidados na ponte.  
FABRÍCIO: Você não vem, meu desmoralizado Augusto?  
AUGUSTO: Não. Gostaria de conversar um instante com Don'Ana, se minha presença não a aborrece.  
DON'ANA: (Vindo para a B. ao encontro dele) - De modo algum. Eu só teria medo de conversar com o senhor se ainda estivesse em idade de ser flechada por Cupido... (Senta-se).  
FABRÍCIO, FELIPE e LEOPOLDO: (Saindo pela E.) - Com licença... (Don'Ana faz um sinal de aquiescência).  
DON'ANA: (Para Paula, que acaba de

tirar a mesa e espera ordens) -  
Pode apagar os candelabros do  
fundo, Paula. Fique bem atenta à  
ponte, para iluminar o caminho  
aos convidados.

PAULA: Tá bem, sinhá. (Vai ao F. e  
apaga as luzes, só a B. fica  
iluminada. Sai pela D. A. ).

AUGUSTO: Tenho a impressão de que a  
senhora ficou espantada com as  
idéias que sustentei a respeito da  
constância no amor...

DON'ANA: Elas constituem um sistema  
perigoso, capaz de reproduzir  
grandes males.

AUGUSTO: Não vejo como.

DON'ANA: Muito simples. Se o seu  
sistema é bom, deve ser seguido  
por todos; e, se assim  
acontecesse, onde iria assentar o  
sossego das famílias e a paz dos  
esposos se lhe faltava a base, que  
é a constância? (Augusto silencia)  
- Creio que o senhor pensa de  
maneira muito diversa daquela  
pela qual se manifestou...

AUGUSTO: (Desarmado) - A senhora não  
anda longe da verdade,  
realmente...

DON'ANA: Oh! Folgo muito em ouvi-lo!  
Conte tudo, coragem...

AUGUSTO: Tudo o que disse sobre o  
meu belo ideal era falso... O certo  
é que sou e quero ser inconstante  
com todas para poder conservar-  
me firme no amor de uma só.

DON'ANA: Então o senhor já ama?

AUGUSTO: (Suspirando) - Creio que sim.  
(Tobias aparece à E. e volta.  
Percebe-se que ficou escutando).

DON'ANA: Ela mora na corte?

AUGUSTO: Ignoro-o.

DON'ANA: Vê-a muitas vezes?

AUGUSTO: Nunca.

DON'ANA: Como se chama?

AUGUSTO: Desejaria tanto sabê-lo!

DON'ANA: Quanto mistério!

AUGUSTO: (Suspirando após uma

pausa) - Vou retribuir a bondade  
com que a senhora me tem  
tratado, contando-lhe o que não  
contei nem contaria a nenhum  
dos meus amigos, porque eles  
provavelmente se ririam de mim.  
(Tira do peito o breve) - É a história  
deste talismã. (mostra).

DON'ANA: (Recostando-se) Um breve?  
Conte, sou toda ouvidos.

AUGUSTO: (Enquanto ele fizer a  
narrativa, à F. irá surgindo uma  
clareza; depois se verá uma  
praia, esfumada, e nela se irá  
desenrolando o que ele for  
descrevendo. A luz da B.  
diminuirá até que se transformem  
em vultos, apenas, os dois  
interlocutores) - Foi há sete anos.  
Eu tinha treze, portanto... Estava  
brincando na praia quando vi  
uma menina que não poderia ter  
ainda oito anos... (A partir daqui  
começa a aparecer a cena ao F.  
A menina, abstraída, olhando o  
mar) - Era linda, tinha cabelos  
negros e anelados... Aproximei-me  
devagarinho... (Aparece um  
garoto de treze anos) - A pequena  
distância parei, com vontade de  
saber o que ela estava pensando.  
Percebi logo o que era. Na praia  
brilhava uma concha, mas tão  
perto do mar que era preciso ser  
ligeiro e experiente para poder  
apanhá-la, pois as ondas  
rebatavam com força... (Ouve-se  
o rítmico arrebatamento das ondas) - A  
menina hesitava entre o desejo de  
possuir a concha e o receio de ser  
arrastada pelas vagas. Depois,  
pareceu haver tomado uma  
resolução: com as lindas  
mãozinhas arregaçou o vestido  
até o joelho, pôs-se na ponta dos  
pés e, quando a onda recuou,  
precipitou-se sobre a concha...  
Mas a areia escorregou-lhe por

baixo dos pés e ela caiu; ajudei-a a levantar-se depressa, pois já vinha outra onda. Ela correu comigo para trás e atirou-se nos meus braços, dizendo que ia morrendo afogada e que eu a tinha salvado... Depois ficou novamente melancólica, olhando para a concha inatingível. Eu não tive medo de nada, enfrentei o mar e apanhei a concha para ela. Esse acontecimento fez-nos logo bons camaradas. Corremos a brincar juntos, com essa confiança infantil que só nasce da inocência. Tínhamos esquecido o mundo inteiro com as nossas brincadeiras, pensávamos somente em nos divertir como bons amigos. De repente, a menina voltou-se para mim e perguntou se era bonita ou feia. Eu quis responder-lhe mil coisas... Corei, envergonhado, e finalmente consegui dizer: "Tão bonita!" Ela retrucou então que, se eu a achava bonita, quando fôssemos grandes haveríamos de nos casar. Eu concordei, enlevado, e a partir dali começamos a nos chamar de marido e mulher. Continuamos a brincar, e de repente vimos aparecer, quase se arrastando, um velho de longas barbas brancas (Aparece o velho). Ele parecia estar muito fraco, apoiava-se a um bordão e andava com dificuldade. Sentou-se na areia, extenuado, e enfiou a cabeça entre os joelhos. Aproximamo-nos dele e perguntamos-lhe o que tinha. Ele nos contou que morria de fome. Imediatamente minha companheira tirou do bolso uma moeda de ouro e deu ao velho. Eu tirei também do bolso uma

nota que meu padrinho me dera naquele dia e entreguei-a ao infeliz. Ele ficou radiante, e perguntou quem éramos nós. A menina disse que eu era o marido dela. O velho sorriu com benevolência, e tendo no rosto um ar de inspiração e em suas palavras um acento profético, exclamou: "Seja dado a um homem agonizante penetrar com seus olhares através do véu do futuro... Vejo lá... bem longe... o vosso desejo realizado! São dois anjos que se unem... Vede! Os meninos que mataram a fome do pobre, são abençoados por Deus e unidos em nome dele!... Meus filhos, eu vos vejo casados lá no futuro!" - Nós estávamos espantados; o rosto do ancião se havia tornado rubro, seus lábios tremiam, sua mão rugosa nos tinha abençoado três vezes. Ele tirou do paletó surrado dois pequenos breves, descoseu-os e depois se dirigiu a mim: "Menino, que trazeis convosco que podeis oferecer a esta menina?" - Só achei para entregar-lhe um lindo camafeu que meu pai me havia dado. Ele o colocou dentro do breve branco. Dirigiu-se depois à menina e perguntou-lhe: - "Que trazeis convosco que podeis oferecer a este menino?" - A menina entregou-lhe um botão de esmeralda que trazia no vestidinho. O velho o colocou dentro do breve azul. Depois pegou os dois breves e, dando-me o de cor branca, disse-me: "Tomai este breve: ele contém o vosso camafeu; se tendes bastante força para ser constante a amar para sempre este belo anjo, dai-lho, a fim de que ela o guarde com desvelo". Eu

entreguei o breve à linda menina, que o prendeu no cordão de ouro que trazia ao pescoço. Chegou a vez dela. O homem deu-lhe o outro breve dizendo-lhe: "Tomai este breve; ele contém a vossa esmeralda. Se tendes bastante força para ser constante e amá-lo para sempre, dai-lho, a fim de que ele o guarde com desvelo". Minha bela mulher executou o que o velho disse. E eu prendi o breve ao meu pescoço com uma fita que ela me deu. Quando tudo isso estava feito, o velho prosseguia ainda: - "Ide, meus meninos; cresci e sede felizes! Vós olhastes para mim, pobre e miserável, e Deus olhará por vós... Recebei a minha bênção..." - Isto dizendo, ele apertou nossa mão com força. Ainda hoje sinto sob os meus dedos o calor abrasador da febre que o matava... Nesse momento soou a Ave Maria. (soa o sino) - A menina disse que era tarde, que a mãe ia ralhar com ela, e pôs-se a correr. De longe ainda me deu um adeus, mostrando o breve. Também lhe mostrei o meu breve e gritei: " Eu o guardarei!" (aqui a cena ao F. escurece e vai desaparecendo) - Nunca mais vi nem tive notícias de minha interessante mulherzinha. Mas nem por isso a esqueci, minha senhora; porque, ou seja que meu coração a tivesse amado deveras, ou que esse breve possuísse alguma coisa mágica, o certo é que ainda hoje sinto e me lembro com saudades dessa criança tão travessa, porém tão bela. Trago sempre a sua imagem na minha alma, o seu sorriso engraçado, os seus cabelos negros... Ela é o amor do meu coração, enquanto que

todas as outras mulheres me servem apenas de divertimento. Eis porque me fiz inconstante, minha senhora. Temo apenas uma coisa: não encontrar a minha mulher. Onde andará ela, meu Deus? Qual será seu nome? Ter-se-á conservado constante ao voto que fizemos? (Inclina a cabeça, procurando).

DON'ANA:(Carinhosamente) - Gostei imensamente de ouvir sua história, porque ela me mostrou que o senhor tem coração. (Dando-lhe a mão, que ele respeitosa beija) - Deus é grande: ele fará com que o senhor encontre aquela a quem ama...

Pano rápido

SEGUNDO ATO

2º Quadro

Cena: A mesma do ato anterior. Alguns minutos mais tarde. Tobias e Rafael estão no terraço.

TOBIAS: Ih! U teu âmu, u seu Ogústu, contô pra Don'Ana uma história di brévi brâncu e di brévi azur qui vai mi dá múntu dinhêru!

RAFAEL: Di qui jêitu?

TOBIAS: Ué!... Vô dá u contra-górpi pur cima das moça! Elas mórri di vontádi di sabê, dessas história di amô...

RAFAEL: E i eu tomém póssu ixperimentá?

TOBIAS: Pódi. Ti concêdu-ti essa portunidádi!... Óia, lá vem d. Juaninha! T'iscôndi qui é pr'eu dá meu contra-górpi sussegádu... (Rafael desaparece no jardim).

JOANINHA: (Aparecendo no jardim, em vestido de noite) - Ó Tobias, você não viu o Sr. Fabrício?

TOBIAS: Não siora.

JOANINHA: (Entrando no terraço) -

Então me ajude a procurá-lo.  
TOBIAS: Sinhazinha... Chi!... Eu sei a história di um moço.  
JOANINHA: (Interessada contra a vontade) - De um moço? Quem é?  
TOBIAS: (Romântico) - Do seu Ogústo...É uma história bunita, du amô qui ele guarda nu coração...  
JOANINHA: (curiosa) - Deveras? Pois conte, conte logo!  
TOBIAS: (misterioso) - A moça qui êli gosta tem um brévi brâncu qui êli deu quântu era piquênu...  
JOANINHA: (cortando, emocionada) - Um breve branco?  
TOBIAS: I ela deu pr'êli um brévi azur...  
JOANINHA: (radiante) - Então é ele quem tem o breve azul? Que felicidade! Deus seja louvado! (tira uma moeda e dá a Tobias) - Você merece, Tobias! Deus seja louvado! (caminha para o F. do terraço. Tobias desaparece no jardim, feliz. Fabrício surge ao F. do terraço)  
FABRÍCIO: (enfadado com o inesperado encontro) - Minha senhora! (inclina-se, beija-lhe a mão, fazendo uma careta) - Não quis descansar?  
JOANINHA: Ah! Não estou cansada! Gente velha é que precisa de ir para a cama a todo momento... (carinhosa) - O senhor aonde ia?  
FABRÍCIO: (duro, contrafeito) - Eu... eu ia...(os músicos começam a afinar os instrumentos, como de longe se ouve) - Ia ver os músicos afinar os instrumentos... (vai andando) - Com licença...  
JOANINHA: (segurando-o pelo braço, fazendo-lhe mimos) - Ah! Sr. Fabrício, vejo que está sentido comigo...Já sei, já sei o que o aborrece! É que ainda não respondi o recado que me mandou pelo Tobias...  
FABRÍCIO: (furioso) - E por falar no

Tobias, saiba que aquele...  
JOANINHA: (Dengosa, não entendendo) - Mas, sr. Fabrício (tirando do peito um carnê) - Veja o meu carnê ... E, além do mais, chamaria por demais a atenção, se dançássemos todas...  
FABRÍCIO: (afastando-se, fingida zanga premeditada) - que é pouca vontade de vossa senhoria...  
JOANINHA: (numa insinuação) - Mas sr. Fabrício, somente noivos costumam dançar todas as contradanças...  
FABRÍCIO: (apavorado com a simples enunciação da palavra) - Noivos!...Noivos!... (num repente) - Não, isto não pode continuar assim!... (enérgico) - Ou a senhora dança todas comigo, ou então eu me verei na obrigação de...  
JOANINHA: (meio chorosa) - Mas, sr. Fabrício!... O carnê!  
FABRÍCIO: (falsa severidade) - Querendo, vossa senhoria poderá perfeitamente esquivar-se durante essas duas contradanças que prometeu.  
JOANINHA: ( após um momento em que pesa a situação) - Pois bem, sr. Fabrício: já que a isso me força, eu dançarei com o senhor as contradanças...  
FABRÍCIO: (sentando-se, aniquilado) - Obrigado, obrigado...  
JOANINHA: (puxa-o pela mão) - Não, vamos dar uma volta... (Fabrício levanta-se, saem pelo F. Tobias e Rafael surgem do jardim).  
TOBIAS: Viu só como é que si dá us contragórpi? A história dos brévi já mi rendeu êsti patácu! (joga para o alto a moeda e apanha-a na mão)  
RAFAEL: Agora deixa eu uma vez, tá ouvínu?  
TOBIAS: Tá bem... (apontando para o

jardim) - D. Carolina vem chegânu, inté parece di porpósito... Só qui essa é das braba!(sai com um sorriso perverso)

RAFAEL: (gabola) - Dex'ela pur minha conta! Tu vai vê só (encosta-se no gradeado do terraço e faz um ar "inteligente")

CAROLINA: (vestida para o sarau, chegando do jardim) - Você não é o negro do Sr. Augusto?

RAFAEL: Sô.

CAROLINA: O pessoal aonde foi? A Joaquina, o Sr. Fabrício, o senhor seu amo...

RAFAEL: U seu Ogústu? ( lembrando-se de que ia ser esperto. Misterioso) - Eu sei di um segrêdu que êli tem...

CAROLINA: (rindo) - Ah! Ah! Segredo de polichinelo...(com raiva) - Todo o mundo sabe que ele não passa do maior conquistador de toda a corte!

RAFAEL: Pur causa di um brévi qui ele tem guardádu.

CAROLINA: (levando um susto) - Um breve?

RAFAEL: Um breve azur, azur...

CAROLINA: (emocionada) - Minha Nossa Senhora da Penha! Será possível?

RAFAEL: Sinhazinha mi dânu um cruzádu eu exprícu túdu direitinho...

CAROLINA: (furiosa) - Ah! Então você estava inventando essa história só para merecer uma moeda, não é?

RAFAEL: (assustado, recuando) - Uma moeda piquinininha, sinhazinha!

CAROLINA: Não dou, não dou (perversa) - Chiii! Você aí no escuro, com esse olho arregalado, está direitinho uma mula-sem-cabeça!

RAFAEL: (passando a mão no rosto) - Credo, cruz, t'isconjuro! (corre para o jardim urrando) - Ai, ai!

(Carolina fica a sorrir. Depois vê qualquer coisa)

CAROLINA: (para si mesma) - Vovó e o Sr. Augusto... O que será que eles estão conversando? (afasta-se maliciosamente, à escuta. Don'Ana e Augusto entram concluindo a conversa de que presenciamos o início no fim do primeiro ato. Ao longe, o zumbir de cordas da orquestra)

DON'ANA:(terminando uma frase)... E aqui vivemos, num isolamento muito grande...

AUGUSTO: Um isolamento adorável...Ainda agora à tardinha estive dando uma volta pela ilha com o Fabrício e fiquei encantado. A praia é lindíssima! E que interessante aquela pedra ao fundo da qual há uma gruta...

DON'ANA: Não é mesmo?

AUGUSTO: E a água cristalina que ali nasce! Bebi largos tragos sem que ela me pesasse. (Carolina solta uma risada alegre, entrando establanadamente. Don'Ana assusta-se. Augusto vira-se para a porta num gesto brusco)

CAROLINA: (entre risos) - Ele bebeu daquela água, vovó!

DON'ANA:(franzindo a testa e séria) - Que susto, Carolina! Isso são modos de entrar numa sala?

CAROLINA: Não gosto de zanga, vovó! (aproxima-se de Don'Ana, olhando-a de perto e nos olhos) - Vá - sorria outra vez... (faz uma careta) - A senhora fica tão bonitinha quando sorri!

DON'ANA: (sorrindo) - Vamos. Sente-se e comporte-se.

AUGUSTO: (levantando-se, para Carolina) Mas por que deu risada quando falei que tinha bebido daquela água?

CAROLINA: (para Don'Ana) - Conto a história, vovó? Ou vamos



*condená-lo a morrer de curiosidade?*

AUGUSTO: Não, conte, por favor!

CAROLINA: É a história das lágrimas de amor.

DON'ANA: Uma história que minha avó já contava, calcule o senhor!

CAROLINA: (acariciando-a) - E que minha avó também me contou quando eu era pequena...

DON'ANA: Conte-a Carolina.

CAROLINA: Foi no tempo em que os portugueses ainda não haviam aportado no Brasil. Uma jovem tamoia, que habitava esta ilha, se apaixonara por um índio que aqui vinha caçar. Ele, no entanto, não notara a beleza da índia - os homens sempre foram bobos, não é, vovó?

DON'ANA: A história, sem comentários!

CAROLINA: Pois ele não se apercebia da formosura dela. - Nem do olhar com que ela o seguia sempre, fremente de amor. Era no alto dessa pedra que a índia o esperava todos os dias. E quando o esperava cantava um canto selvagem e triste...(pausa) - Dizem que um velho frade português, muitos anos depois, ouvindo-o da boca de uma velha índia, o traduziu para a nossa língua e fez dele uma balada.

AUGUSTO: Gostaria de ouvir essa balada...

CAROLINA: Deixe que eu termine. A pobre índia cantava para exprimir sua esperança de um dia ver-se amada. Mas... chorava também. O pranto descia abundante dos olhos formosos, e pouco a pouco foi transpassando a rocha. Ora, estando certo dia o índio adormecido na gruta que se cavara sob a rocha, algumas dessas lágrimas foram cair-lhe nos lábios. A partir daí, sentiu o índio

*que o sangue lhe corria mais quente nas veias... que a beleza da jovem tamoia o impressionava... que sem ela não poderia viver... Estava apaixonado! Procurou a índia e confessou-lhe o seu amor. A partir de então, ele não mais deixou esta ilha. Amaram-se, foram muito felizes até o fim da vida e... aqui acaba a história e morre a vitória. Quem souber de outra melhor, que conte...*

AUGUSTO: Melhor que uma história de amor que acaba bem não pode haver.

DON'ANA: Essa fonte é milagrosa, Sr. Augusto. Diz a lenda que quem lhe bebe a água não sai desta ilha sem amar alguém, e aqui volta em busca da criatura amada...

CAROLINA: E o senhor bebeu! (ri) - A largos tragos...

AUGUSTO: É impossível que isso a mim aconteça. A senhora bem sabe, Don'Ana, que só poderei amar a certa pessoa a quem já dei meu coração

CAROLINA: Mas dizem também que algumas gotas dessa fonte milagrosa bastam para fazer adivinhar os segredos de amor. (afastando-se em direção à porta da varanda e coquete) - Sr. Augusto, quem sabe se já adivinhou alguma coisa sobre o seu futuro sentimental? Quem sabe?(sai sorrindo e piscando o olho para a avó)

AUGUSTO: Don'Ana, queria pedir-lhe uma graça. (ouve-se no terraço, muito suavemente, o som de um violão)

DON'ANA: Peça.

AUGUSTO: Eu gostaria de conhecer a balada da jovem tamoia.

DON'ANA: Não será difícil. Carolina

sabe cantá-la. (Carolina, do terraço e ao violão, começa a cantar a balada que se vê adiante. Apenas trauteando a melodia. Ela a cantará até o fim, sem interrupção, a partir daqui)

AUGUSTO: Rogo-lhe, neste caso, que me facilite o prazer de ouvi-la.

DON'ANA: Ouça!... Não carece pedir... Não a ouve cantar?... É a balada...

AUGUSTO: (levantando-se) - Será possível?

DON'ANA: Adivinhou seu pensamento.

AUGUSTO: (hesitando) - Então... se a senhora me permite...

DON'ANA: Vá. Vá escutá-la. Não faça cerimônia. (Augusto chega até a porta do terraço e olha para fora, embevecido. O terraço está agora banhado pela luz de um luar que acaba de nascer, e ainda é mais ouro do que prata. Don'Ana escutará algum tempo sentada, depois se erguerá, olhará longamente para a figura enlevada de Augusto, sorrirá com malícia e sairá na ponta dos pés pela D. A. Carolina, encostada no balaústre, dedilha o violão.

CAROLINA: (cantando)

I

Eu tenho quinze anos  
Eu sou morena e linda!  
Mas amo e não me amam  
E tenho amor ainda.  
E por tão triste amor,  
Aqui venho chorar.

II

O coração tão puro  
Já sabe o que é amor.  
Aquele que eu adoro  
Ah! só me dá rigor!  
O coração, no entanto,  
Desfaz o amor em pranto.

III

Lá vem sua canoa,  
Cortando leve os mares.  
Lá vem uma esperança

Que sempre dá pesares:  
Lá vem o meu encanto  
Que sempre causa pranto.

IV

Somente pra teus beijos  
Te guardo a boca pura;  
Onde poderás  
Achar maior doçura?  
Meus lábios, murchareis,  
Seus beijos não tereis.

V

Não sabes que me chamam  
A bela do deserto?  
Empurras para longe  
O bem que te está perto?  
Só pagas em rigor  
As lágrimas de amor?

VI

Ingrato! Ingrato! Foge...  
E aqui não tornes mais,  
Que sempre que tornares,  
Terás de ouvir meus ais,  
E ouvir queixas de amor,  
E ver pranto de dor.

AUGUSTO: Muito bem! Mas essa balada é um sonho! (Ela vira-se para ele, olha-o nos olhos, vai falar mas muda de idéia - talvez com receio de que sua voz saia trêmula - e sai rapidamente. Augusto acompanha-a com o olhar e faz alguns passos automáticos, como se fosse segui-la)

LEOPOLDO: (entrando e chamando) - Augusto! Augusto! (ao segundo chamado pára, mas pára maquinalmente, sem saber por quê. Ainda está aéreo)

AUGUSTO: (como se respondesse a uma voz do outro mundo) - Hein?

LEOPOLDO: Aonde é que você ia, como um sonâmbulo?

AUGUSTO: Eu ia...? Não me lembro...

(olha em torno) - O luar, como está bonito, não? (fica enlevado)

LEOPOLDO: Augusto! Você está apaixonado pela irmã de Felipe.

AUGUSTO: (voltando à realidade) -

Você bebeu.  
LEOPOLDO: Vamos, diga, o que acha dela?  
AUGUSTO: (perturbado) - Bonita, apenas.  
LEOPOLDO: Ah! Já a acha bonita!... Nada mais?  
AUGUSTO: (displícite) - Tem uma voz agradável.  
LEOPOLDO: Você não a ama, então?  
AUGUSTO: (cínico) - Amo-a, sim... como a todas a outras. (Leopoldo faz um muchocho. Breve silêncio. Do jardim surgem Clementina e Felipe, enlaçados. Levam um pequeno susto ao darem com os dois)  
FELIPE: Oh!... Vocês estavam aí?  
LEOPOLDO: (erguendo-se) - Discutíamos aquela famosa aposta...  
FELIPE: Discussão em silêncio? Quero apresentar-lhes D. Clementina. Meus colegas Leopoldo e Augusto.  
CLEMENTINA: (meio encabulada, dando a mão a cada um deles, por sua vez) - Muito prazer... A praia estava tão linda que resolvemos dar uma volta... (ressalvando seu comportamento) - Mamãe já está lá dentro com Don'Ana... Ela estava um pouco cansada para nos acompanhar...  
AUGUSTO E LEOPOLDO: Naturalmente, naturalmente!  
FELIPE: Vamos entrar? Os convidados já chegaram.  
LEOPOLDO: Muita gente?  
FELIPE: Não muita... (para Clementina, com um apertinho de mão escondido) - Mas escolhida... (Clementina e Felipe vão sair da sala pelo F., em direção ao salão de dança, quando pela porta grande entram D. Violante e Carolina)  
D. VIOLANTE: (entrando) - Está tudo uma beleza, Carolina! (vendo

Clementina) - Clementina, onde é que você estava? Don'Ana já perguntou por você e eu nem soube dizer. Credo, o que vão pensar! (Ela fala sem parar e Clementina, que já sabe disso, fica à espera de uma pausa para falar) - Ah! Sr. Felipe! Desculpe - não o tinha visto... Não, é verdade, já nos cumprimentamos ao desembarcar! Ando muito esquecida, sabe, por isso não repare... (Augusto e Leopoldo, que vinham um pouco atrás, agora estão junto aos três)  
CLEMENTINA: (depressa e forte: é o único meio de ser ouvida) - Mamãe! São os srs.  
Leopoldo e Augusto...  
CAROLINA: Colegas de Felipe...  
D.VIOLANTE: (deixando que lhe beijem a mão) - Colegas do sr. Felipe? Então estudam medicina? (ouvem-se os primeiros compassos da primeira contradança. Clementina olha rápido para Felipe. Augusto olha para Carolina. Vai falar, mas Clementina fala primeiro)  
CLEMENTINA: Mamãe, prometi ao sr. Felipe a primeira contradança.  
FELIPE: Com sua licença, D.Violante. (ela está satisfeita demais, por se encontrar ao lado de futuros médicos, para responder. O casal sai pelo F. Augusto faz novamente menção de falar com Carolina mas D.Violante passa-lhe à frente. Carolina sorri compreendendo a intenção do rapaz)  
D.VIOLANTE: O sr. Felipe não parece que tenha lá grande vocação para a medicina... Vamos a ver se os meninos têm mais queda. (para Augusto, que está mais perto) - O senhor em que ano está?  
AUGUSTO: No quinto.  
D.VIOLANTE: Já cura?

AUGUSTO: Ainda não , minha senhora.

D.VIOLANTE: Pois, não sei por que , sinto inteira confiança no senhor. Parece-me que será o único a acertar com a moléstia de que sofro...

AUGUSTO: (para D.Violante, mas olhando para Carolina, que torna a sorrir) - Mas, minha senhora, eu ainda não sou médico. Só num caso de urgência me atrevera.

D.VIOLANTE: (para Leopoldo) - Ele é muito modesto!... Muito modesto! (para Carolina e Leopoldo) - Vão dançar, meninos, eu preciso referir a este moço certas particularidades da minha enfermidade...

LEOPOLDO: Com licença, minha senhora. (sai dando o braço a Carolina, ambos sufocando o sorriso. Augusto os vê partir com ar de cachorro que apanhou. D.Violante puxa-o implacavelmente para a B. A música do baile continua. Augusto escuta-a, desesperado)

AUGUSTO: Minha senhora, eu estou pronto a ouvi-la ; porém julgo que o tempo e o lugar não são os mais oportunos...

D.VIOLANTE: É só um instante, doutor... Eu lhe contarei tudo rapidamente... Acredite, meus padecimentos são coisas estranhas, originais, nunca vi. Tenho uma dor aqui no lombo que o senhor não pode calcular o quanto... (dá com os negros , que haviam entrado com pratinhos ; faz um olhar expressivo para Augusto) - Mas aqui poderemos ser ouvidos , e eu preciso lhe contar tudo, tudinho... Vamos para o jardim, onde estaremos mais à vontade ... (arrasta-o para o terraço; desaparecem. Rafael continua encostado à parede, com cara apalermada)

TOBIAS: Pru qui é qui tu num ajuda a servi, inveiz de ficá aí parádu qui nem macácu vigia?

RAFAEL:Tobias , tu é meu amigo?

TOBIAS: Sô amígu di ti, di túdu u múndu...

RAFAEL:Tu acha qui eu tênhu cara di mula-sem-cabeça?

TOBIAS: (ri-se) - Cúmu é que tu pódi tê a cara dela, si ela é sem cabeça?

RAFAEL: (fica paralisado um momento, até entender) - É mêrmu! Cúmu é qui eu num tinha pensádu níssu! ( a orquestra toca nova dança)

PAULA: (pegando dois pratos de doce na mesa ) - Don'Ana dissu pra nós cumeçá a servi lógu que começássi a sigunda contradança.

TOBIAS: Péra aí! Sábi u quê qui a Don'Ana dissu tomém?

PAULA: U quê?

TOBIAS: Qui a gênti pódi bebê inté treis caneca di vínhu cada um.

RAFAEL: (contente) - Cê jura? (subitamente triste) - Ah! É verdádi, eu num póssu bebê!

TOBIAS: Ué! Pru quê?

RAFAEL: Seu Ogústu mi proibiu. Diz qui faiz mar pru figu.

PAULA: Fígu? Qui é isso?

TOBIAS: Dexa di bestera , nêgu num tem figu, não. Isso é coisa qui só dá in brâncu...

PAULA: Será qui eu sírvu premero u vô ântis buscá us vinho pra nós?

TOBIAS: Premero us vínhu, essa é boa! U'stômu dus otro pódi isperá... mas é mior nós i bebê lá dêntro. I u vínhu qui era pru Rafaé fica pra nós dois. Tá bem?

PAULA: (indo para a D.A.) - Tá. I quem qui sérvu us dôci na sala?

TOBIAS: Ora, pra qui é que esse nêgu tá aí? (enérgico) - Rafaé! Pega êssis prátu i vai servi inquanto nós dois si dessedenta... (sai pomposamente com Paula pela

D.A. Rafael faz cara de vítima , pega os pratos e se encaminha para o F.D. Violante volta, entusiasmadíssima com o jovem estudante)

D.VIOLANTE: E também sinto um peso inexplicável na cabeça... São umas tonturas , assim como se tivesse uma argola de ferro apertando-me o crânio... Olhe... (mostra) - Aqui, bem aqui... Circularmente, compreende? Uma dor muito original , nunca vi alguém que a tivesse assim... Meu finado marido - que Deus o tenha em sua santa guarda! - dizia com toda razão que meus padecimentos tinham mesmo qualquer coisa de...

AUGUSTO: ( num pulo insopitável ) - Com licença de Vossa Senhoria!

D.VIOLANTE: (muito admirada) - Aonde ia?

AUGUSTO: A terceira contradança deve estar começando...

D.VIOLANTE: Esplêndido! Então não vamos para o salão! Lá eu teria vergonha... Essa mania de chamarem a gente de velha! Mas aqui... (começam os primeiros compassos da valsa) - Eu sou louca por uma valsa de corrupção... (arremessa-se nos braços do pobre Augusto e começam a rodopiar freneticamente, saindo. Carolina entra, seguida de Leopoldo e Fabrício )

CAROLINA: Acreditem-me, sinceramente: continuo sem disposição para dançar... (Leopoldo e Fabrício, cansados da insistência inútil, fazem uma pequena reverência e vão sair pelo F.D. Joaninha aparece, Leopoldo passa à frente, e ela dá um beliscão em Fabrício. Está furiosa... Desaparecem todos)

PAULA: (entrando pela D., alegre ) -

.azinha qué alguma coisa?

CAROLINA: Você precisa ficar lá dentro , Paula. Na cozinha você faz mais falta, agora que estão preparando a ceia.

PAULA: (contentíssima) - Tá bem, sinhazinha! Eu ténhu mermu qui fazê na cuzinha! (põe-se a andar)

CAROLINA: (depois de pequena indecisão) - Paula!

PAULA: (parando) - Qui foi , sinhazinha?

CAROLINA: Onde é que está o sr. Augusto?

PAULA: (meio confiada) - U seu Ogústu, né?

CAROLINA: (fazendo-se natural) - É, o sr. Augusto. (termina a valsa)

PAULA: U su Ogústu... (ri)

Ahn!...Ahn!...(subitamente vaga) -

Num sei... num sei... ( sai pela D.A. Carolina fica olhando-a sair, com estranheza. Procura com o olhar, aproxima-se da janela do terraço e certamente vê os dois. Tem um pequeno movimento de raiva. Depois sufoca uma risada e sai. D.Violante retorna, inflexível.)

D.VIOLANTE: ... Outra coisa que também me preocupa é a persistência de certas dores no ventre ... Não sei se será porque tenho diariamente dificuldades ... O fato é que meu finado marido - que Deus o conserve em sua guarda! - me dizia sempre que a singularidade dos meus padecimentos requereria uma junta da Sorbonne para dirimi-los... Tenho, no entanto, a máxima confiança no senhor...( saem. Rafael está entrando pelos fundos, trazendo dois pratos vazios. Tobias entra, atrás de Paula. Já estão bem tocados. Trazem canecas cheias de vinho na mão)

TOBIAS: Eta festança boa! Tô tirânu u meu vêntri da miséria! (emborca)

RAFAEL: Tu vai é ficá duênti du figu!

PAULA: (tonta) - Vâmu lá pra dêntro,  
Tubin; di repênti sinhá chega...

TOBIAS: (está valente) - Chega nada!  
Adispois, eu já tô quáji tirânu as  
minha arforria! Ninguém vai  
mandá mais ni mim!

RAFAEL: Iii! Eu quiria tântu aprendê essa  
história di contragórpi pra vê si eu  
tomém juntava dinhêru!

TOBIAS: (superior) - Eu t'insínu, Rafaé. Tu  
será u meu discíplu prifirídu!

RAFAEL: (acentuando a situação) - Mas  
cumo é que eu faço intão, fessô?

TOBIAS: É só imitá o que seu méstri fizé.  
U premero brâncu qui entrá aqui  
eu dô ôtru contragórpi. Tu fica  
escondido atrais da porta mi  
adimirânu...

RAFAEL: (alegre) - Qui bão! Olha,  
Tobias, pódí tê certeza que eu sô  
agradecídu: eu mându rezá uma  
missa pela tua arma.

TOBIAS: (furioso) - Vá agoirá tua raça  
excomungada, urubu! (emborca  
novamente. Paula, tonta, imita-o.  
Ao F. aparece D. Quinquinha. Eles  
escondem as canecas pondo as  
mãos para trás. Tobias faz sinal  
para que os dois desapareçam.  
Rafael sai para o F., onde ficará  
espiando, pondo a cabeça de  
vez em quando à porta. Paula sai  
pelo D. O. meio pesada. Pouco  
antes de desaparecer, dá um  
saltinho inesperado).

QUINQUINHA: (que está achando tudo  
estranho) - O que é que essa  
negra tem?

TOBIAS: (pernóstico) - Pódi-si lá entendê  
u coração das dama?

QUINQUINHA: Está querendo entrar no  
couro, Tobias?

TOBIAS: Tô querênu entrá mais é nu  
dinhêru...

QUINQUINHA: Vamos, deixe de  
bobagens, sirva-me um fresco.

TOBIAS: (sem se mexer) - Sinhazinha  
querênu eu li sivo coisa mió!

QUINQUINHA: O quê?

TOBIAS: Um segrêdu...

QUINQUINHA: De quem?

TOBIAS: Du seu Ogústu.

QUINQUINHA: (empalidecendo) - Do Sr.  
Augusto? O que é? (afrita) - Diga  
logo!

TOBIAS: (estendendo a mão) - Um  
cruzádu!

QUINQUINHA: (nervosamente, dá-lhe o  
dinheiro) - Diga, diga o que é!  
(Tobias cochicha ao ouvido de  
Quinquinha. Esta passa da  
curiosidade a uma expressão de  
mágoa. Finalmente explodirá em  
pranto, vindo para a B. Carolina  
surge à D., à porta do toilette).

CAROLINA: O que foi, querida? O que  
foi?(abraça-a carinhosamente,  
mas ela não pára de chorar) - O  
que foi, Tobias?

TOBIAS: (meio bêbado e sem entender)  
- Ela mi deu um cruzádu praquê  
quiria sabê... Dispois ficô  
sabênu...i chorô... Num  
cumprendi nada! (sai pela D. A.)

CAROLINA: O Tobias lhe contou...  
Aquilo, então?

QUINQUINHA: (entre soluços) - Perdoe,  
Carolina, mas quando soube que  
o Sr. Augusto tem o breve... o  
breve azul... (desata novamente a  
chorar)

CAROLINA: (afagando-a) - Pobrezinha!  
Não chore assim! Para tudo há  
remédio, a não ser para a morte.  
E você está vivinha, e tão gentil!

QUINQUINHA: (sempre) - Ele tem o  
breve... o breve azul ...

CAROLINA: (com um pouco de raiva) -  
Ah! Também ... De repente  
alguém chega e vê você  
chorando.

QUINQUINHA: (pára repentinamente de  
chorar) - E ele pode aparecer!  
Não quero que ele me veja assim,  
vamos embora!

CAROLINA: (levando-a para o toilette) -

- Venha enxugar esses olhos...  
Passar um pouco de pó... (saem)
- D. VIOLANTE: (entrando a galope com Augusto) - Como o senhor vê, meu caso é de uma originalidade extrema. Agora que já me ouviu, quero que, com toda sinceridade, me diga se conhece a enfermidade que tenho e o tratamento que devo seguir.
- AUGUSTO: (erguendo-se um pouco de seu sucumbimento, com o mais profundo ódio) - Então Vossa Senhoria dá-me licença para falar com toda a sinceridade?
- D. VIOLANTE: Não só dou licença como o exijo. Meu finado marido, que Deus...
- AUGUSTO: (cortando) - Pois, minha senhora, atento a tudo quanto ouvi, concluo, e todo o mundo médico concluirá comigo, que V.S. padece de...
- D. VIOLANTE: (excitada) - Diga, não tenha medo. Deve ser uma doença muito fora do comum!
- AUGUSTO: Ao contrário, é uma doença mais do que vulgar. Dá nos comilões, nos beberrões e em todos os que passam a vida sentados...
- D. VIOLANTE: Não devo sentar-me, então?
- AUGUSTO: Talvez não convenha dizer o nome da enfermidade em voz alta. Podem ouvir.
- D. VIOLANTE: Tem razão. Ao ouvido, ao ouvido! (Augusto inclina-se e berra ao seu ouvido)
- AUGUSTO: Hemorróidas!
- D. VIOLANTE: (vermelha de raiva) - O que disse?
- AUGUSTO: Exatamente o que Vossa Senhoria ouviu.
- D. VIOLANTE: (rindo sarcasticamente) - Ah! ah! ah!...
- AUGUSTO: Vossa Senhoria quer que lhe prescreva o tratamento conveniente?
- D. VIOLANTE: (mal-humorada) - Menino, tome o meu conselho: procure outro ofício... O senhor não nasceu para médico.
- AUGUSTO: (satisfeito com a vingança) - Talvez não tenha, mesmo, nascido para curar... Mas tenho certeza de que nasci para me divertir... Com licença, vou ver se ainda me resta alguma contradança... (inclina-se e sai pelos F. do terraço)
- D. VIOLANTE: (pondo-se de pé e encaminhando-se para a sala) - Este não nasceu para a medicina! (D. Violante vê que está sozinha, olha furtivamente para todos os lados. Aproxima-se da mesa e põe-se a comer, ao mesmo tempo que guarda no seio e na bolsa uma porção de guloseimas. Depois, com ar imperturbável, cruza a sala para dirigir-se ao salão. À porta do F. aparecem Clementina e Felipe, e D. Violante pára, vendo a cena)
- CLEMENTINA: (com uma bala de estalo na mão) - Segure na ponta. Mas não puxe antes!
- FELIPE: (segurando) - Não puxo. Ao mesmo tempo: um, dois, três... (a bala de estalo arrebenta, cai um papelzinho. Felipe se abaixa para pegar e dá para Clementina ler)
- CLEMENTINA: (lendo) - "Não fique triste, menina, com a sua solidão; pois inda este ano casa com um moço bonito..."
- FELIPE: (cômico) - Com um moço bonito? Devo então perder as esperanças?
- CLEMENTINA: (coquete, pondo-lhe a bala na boca) - Não!... O senhor até que não é dos menos favorecidos...
- D. VIOLANTE: Menina, isso são modos?
- CLEMENTINA: (assustada) - Mamãe! Eu não sabia que a senhora estava aí!

FELIPE: (político) - Aonde ia a senhora, D. Violante, roubando-nos o prazer de sua companhia?

D. VIOLANTE: (abrandada) - Voltava para o salão.

FELIPE: A senhora já se serviu?

D. VIOLANTE: (inocente) - Oh! Não... Estive apenas refazendo a "toilette".

FELIPE: Nesse caso, venha conosco provar alguma coisa! (dá-lhe um braço e outro para Clementina, e chegam-se à mesa. Paula aparece à D.A.)

PAULA: (dando um pequeno pulinho, aérea) - Senhorzinho qué alguma coisa?

FELIPE: Traga refrescos para todos nós. (Vendo o jeito dela) - O que é que você tem, Paula?

PAULA: (saindo, saltitante) - Nada. Tô filiz, filiz!... (os três começam a servir-se. Ao F. aparecem Fabrício e Joaquina)

JOANINHA: Assim vamos perder a quinta contradança, sr. Fabrício!

FABRÍCIO: D. Joaquina, estou com saudades daqueles bem-casados... A senhora não considera uma invenção sublime, unir dois pedaços de pão-de-ló pela meiguice de uma geléia? (lambe os beiços. Chegam à mesa, sorriem todos uns para os outros. Fabrício ataca por seu lado, imediatamente. D. Violante continua em suas atividades de costume. Os dois se lançam, de vez em quando, olhares desconfiados)

D. VIOLANTE: (puxando Clementina à parte) - Quem é esse moço? (Clementina lhe responde qualquer coisa ao ouvido) - Que glutão! Até causa repugnância!

FABRÍCIO: (quase ao mesmo tempo, puxando Felipe) - Quem é mesmo essa velha?

FELIPE: Minha futura sogra.

FABRÍCIO: Ah!... Pois parece morta-de-fome. Aposto como está levando aquela bolsa cheia de bem-casados... (Felipe o apazigua, tenta dissuadi-lo com qualquer coisa ao ouvido) - Tenho certeza, você vai ver! (dirige-se para D. Violante) - Vossa Senhoria assim não pode servir-se à vontade. Permita que eu segure a sua bolsa.

D. VIOLANTE: (desconfiada) - Não, muito obrigada, ela não incomoda...

FABRÍCIO: Modéstia sua, ela incomoda, sim. (segura a bolsa)

D. VIOLANTE: (segurando-a também com as duas mãos) - Não há necessidade, já lhe disse!

FABRÍCIO: Há, sim senhora! (puxa a bolsa e consegue tirá-la. Coloca-a sobre uma cadeira) - Aí ficará melhor, e a senhora não precisará se cansar. (apalpa a bolsa e faz piscadelas significantes para Felipe)

D. VIOLANTE: (está furiosa, mas procura conter-se; diz baixinho a Clementina) - Minha filha, os colegas do sr. Felipe são realmente muito extraordinários! (ao F. entram Leopoldo, Carolina e Augusto)

LEOPOLDO: A sexta contradança então é minha?

CAROLINA: Não. Eu não disse nada!

LEOPOLDO: Quem cala, consente...

CAROLINA: ...ou não quer cometer a indelicadeza de dizer, pela vigésima vez, não!

AUGUSTO: (para os da sala) - Com que então estamos em assembléia geral?

D. VIOLANTE: (maliciosa, referindo-se a ele e a Fabrício) - Com exemplares de todos os espécimes, desde os mais famintos até os mais ignorantes.



- (Paula entra com uma bandeja de refrescos. Serve primeiro Clementina, D. Violante, Joaninha, Felipe e Leopoldo, que estão atrás da mesa, de frente para o público. Fabrício, que já fez o circuito da mesa, Carolina e Augusto estão de costas para o público, na B.)
- PAULA: (indo de um em um) - Refrêscu... refrêscu...
- CAROLINA: (quando lhe é oferecido, está entre Fabrício e Augusto. Talvez por pique a este oferece) - Sr. Fabrício, aceita de minhas mãos um copo de refresco?
- FABRÍCIO: (sem se desentretar da comilança) - Obrigado, obrigado... Não posso perder tempo com líquidos... Vou diretamente aos sólidos...
- CAROLINA: (um pouco desapontada) - Mas eu faço questão, sr. Fabrício, faço questão! (Ele se aproxima distraído. Ela está de braço esticado, segurando o copo. Fabrício encosta nele os dedos, mas, como está com o rosto voltado para a mesa, não o pega bem. Quando percebe que o copo foi largado por Carolina (terá sido de propósito?) e que vai cair, Fabrício dá um pulo para trás, tropica e cai sentado sobre a cadeira em que está a bolsa de D. Violante. Mas não foi essa a única desgraça: Augusto ficou com as calças banhadas pelo refresco)
- FABRÍCIO: (levantando-se, apalpando-se e apalpando a bolsa amassada, que entrega a D. Violante) - Meus pêsames... pelos defuntinhos... Eram tão gostosinhos! (D. Violante pega a bolsa, furiosa, retira-se para o salão. Há gritos, perguntas sobre o acontecimento)
- CAROLINA: (inocente) - Queiram perdoar-me! Nem sei como aconteceu!
- FABRÍCIO: As causas são incertas, mas os efeitos bem visíveis... Olhem só as calças do Augusto! (Todos não podem deixar de rir)
- CAROLINA: (à Paula) - Trate de catar os cacos, Paula, e de limpar o tapete, senão mancha.
- AUGUSTO: Assim não poderei ficar... Você não tem uma calça que me empreste, Felipe?
- FELIPE: Tenho, sim. Vamos buscá-la. (para Clementina) - Com licença. Estarei no salão daqui a pouco.
- CLEMENTINA: A sexta contradança é sua.
- FELIPE: (saindo com Augusto pela D.A.) - Não me esquecerei... (a orquestra, justamente, começa a tocar. D. Joaninha puxa Fabrício. Leopoldo dá o braço a Carolina e a Clementina)
- JOANINHA: É a quinta contradança, sr. Fabrício. O senhor me fez prometer todas e agora só quer pensar nos bem-casados...
- FABRÍCIO: (acompanhando-a de olho ainda voltado) - É para esquecer os que não são... (suspiro) - Ou não o serão... (saem)
- CAROLINA: Sr. Leopoldo, como o senhor ficou dez minutos em seguida sem me pedir para dançar, sinto-me disposta a conceder-lhe esta...
- LEOPOLDO: (baboso) - É o maná caindo sobre o deserto. (saem os dois, sorridentes. Fica Paula sozinha, limpando o chão - Ela está meio esquecida do que está fazendo, quando de repente dá um pulo)
- PAULA: O Tubia dévi tá errânu na conta das caneca! Pera aí: êli tá pensânu qui pódi errá sozinho? (indo para a D.A.) - Ah! Eu quêru errá tomém. (sai rindo às

gargalhadas. À porta cruza com Felipe e Augusto, que entram. Ambos olham surpresos para ela. Depois riem e dão de ombros. Augusto segura na mão uma calça limpa)

AUGUSTO: (entrando) - Todos os quartos estão ocupados! Onde vou trocar de roupa?

FELIPE: (depois de pensar um pouco) - No jardim... Não, é perigoso... (olha em torno) - No gabinete das moças.

AUGUSTO: E se de repente alguém chega?

FELIPE: É pouco provável, enquanto estiverem dançando. Pedaco d'asno! Então você quer perder essa oportunidade de penetrar no recanto em que elas - elas! - se enfeitam para nos enfeitiçar?

AUGUSTO: Lá isso é verdade... Vale a pena arriscar... Mas fique tomando conta do caminho, então. (entra para o gabinete da D.B.)

FELIPE: (fechando-lhe a porta) - Não se demore, senão alguém pode vir. (põe-se a assobiar a melodia que a orquestra está tocando. Depois deixa-se arrastar pelo ritmo, começa a bailar sozinho, simulando conversa com uma parceira imaginária).

AUGUSTO: (voz de dentro) - O que está fazendo?

FELIPE: (sem parar) - Conquistando-a. Ela acaba de me dar o sim. (simula um abraço e um beijo)

AUGUSTO: (idem) - Não vem ninguém? (a música da orquestra parou. Felipe vai espiar ao F. Ouvem-se vozes de mulher ao longe)

FELIPE: (correndo para a D.B.) - Augusto! Augusto! Cuidado, acho que elas vêm para cá! (volta ao F. As vozes estão mais perto. Ele corre de novo para a B.) - Augusto, é

melhor você sair daí! Saia pela outra porta, por trás!

AUGUSTO: (voz abafada) - Minha Nossa Senhora! E ainda estou em trajes menores!(ao F. aparecem Carolina, Quinquinha, Joaninha e Clementina. Vêm rindo. Felipe se esconde no terraço)

CAROLINA: Como está quente! Nem parece que estamos em julho!

CLEMENTINA: Está quente, mas divertido. Tenho visto cada uma, hoje!

JOANINHA: Eu também! Vamos ao gabinete para conversar mais à vontade.

QUINQUINHA: (entrando) - O que me dizem vocês do vestido de chalin da D. Carlota?

CLEMENTINA: (entrando também) - Mais velho que a Sé de Braga.

JOANINHA: (entrando também) - Também, naquele corpo, nada assenta (Carolina entra também. Felipe surge do terraço. Cruza para a D.A. e chama para dentro. Augusto aparece, segurando as calças com a mão. As outras calças e o casaco traz enrolados)

AUGUSTO: E agora, Felipe?

FELIPE: Não há outro recurso! Vamos para o jardim. (caminha para lá. Ouvem-se novamente as vozes das moças. Não há tempo para alcançar o terraço, e Felipe empurra Augusto para trás do canapé que há na E. B. Carolina, que vem à frente, quase vê Augusto. As outras entrarão atrás dela)

CAROLINA: Você o que está fazendo aí, maninho?

FELIPE: (enroscado) - Nada, nada...

CAROLINA: Então vá fazer o mesmo lá dentro. Nós precisamos conversar.

JOANINHA: (entrando) - Não se pode estar aí no gabinete do "toilette".

QUINQUINHA: É um forno.

CLEMENTINA: Conversemos aqui

mesmo. (enquanto elas diziam isso, Felipe esteve indeciso entre partir, abandonando Augusto, ou ficar. Carolina puxa-o para o F., e ele sai a contragosto. As moças se ajeitaram pelas cadeiras na B.)

JOANINHA: Por que motivo será que a D. Carlota usa vestidos tão compridos?

QUINQUINHA: Na certa tem pernas de caniço.

CLEMENTINA: Pernas finas estão na moda.

JOANINHA: Deus me livre! Eu não poderia emendar a natureza, que me deu pernas grossas.

CLEMENTINA: Eu não lhe fico atrás... Vamos medir? (atrás do canapé, Augusto arregala os olhos)

QUINQUINHA: Eu não quero. Não vou arregaçar minhas saias agora!

CLEMENTINA: Que importância tem? Estamos a sós... (reclina-se no canapé voluptuosamente e deixa escorregar de propósito uma perna que se vê até o joelho) - Ai, quem me dera casar logo!...

QUINQUINHA: (levantando e mostrando a sua perna) - Isso não é difícil... a julgar pelo que nos dizem os cavalheiros. Olhe, eu vejo-me doida! Tenho 5 a me atormentar... e confesso que me correspondo com todos eles... Isso só para ver qual deles se decide a casar primeiro.

CLEMENTINA: (suspira novamente) - Ah! Quem me dera casar logo...

QUINQUINHA: Mas ontem me aconteceu um desgraça ... Imaginem que a preta que se encarrega de entregar minha correspondência fez uma troca e entregou a carta do sr. Joãozinho ao sr. Juca, e a do sr. Juca ao sr. Joãozinho...

CLEMENTINA: E daí?

QUINQUINHA: Cada um ficou mais

indignado que o outro... Mas eu sou tola! Conto tudo, e vocês, nada... (Carolina ouve os diálogos a exprimir agrado ou desgrado quanto às proposições)

CLEMENTINA: Bem... Eu me comprometi com o sr. Felipe a deixar esta noite, embaixo da quarta roseira que há na rua do jardim, um embrulhinho com uma madeixa de meus cabelos..

QUINQUINHA: Vejam que sonsinha! E você, mana, não diz nada?

JOANINHA: Eu? O que hei de dizer?

Digo que ainda não amo...

(Augusto faz um negativa, como se dissesse "É mentira!") Felipe aparece ao F.; preocupado, espia. Carolina acompanha a direção de seu olhar e desconfia de alguma coisa. Faz-lhe gestos de que deve sumir, e Felipe desaparece. Ela então vem olhar atrás do canapé e descobre quem ali está. Leva a mão à boca e guarda silêncio)

CLEMENTINA: E o sr. Fabrício? Que acham dele?

QUINQUINHA: Come demais.

JOANINHA: (furiosa) Come, nada! O coitado até que é sobrio...

QUINQUINHA: E que me dizem do sr. Augusto? (Augusto arregala os olhos. Carolina sorri)

JOANINHA: Mais vaidoso que um pavão.

CLEMENTINA: Como lhe fica mal aquela cabeleira!

QUINQUINHA: Juro que tem dentes postiços.

CLEMENTINA: E o que você acha dele, Carolina?

CAROLINA: (maliciosa) - Do sr. Augusto? Que é um mártir... (sai depressa pela D.A., contendo o riso)

CLEMENTINA: Essa não engana... Pelo jeito se percebe que está caidinha por ele... (Augusto

esfrega as mãos, satisfeito)  
QUINQUINHA: Mas se o sr. Augusto tem sobre o amor idéias as mais desagradáveis para o nosso sexo!  
CLEMENTINA: Deveras?  
QUINQUINHA: Dirige galanteios a todas as senhoras. Se nos pudéssemos vingar dele!  
JOANINHA: E por que não?  
CLEMENTINA: Isso! Vamos tomá-lo por nossa conta!  
QUINQUINHA: Pensemos num meio de zombar dele... (ficam um momento absortas. De repente) - Achei! (inclina-se para as outras e põe-se a cochichar. Augusto estica as orelhas. Da D.A. se escuta um grito de dor. As moças se levantam, espantadas)  
JOANINHA: Pareceu-me a voz da prima Carolina.  
QUINQUINHA: Coitada! O que lhe teria acontecido?  
CLEMENTINA: Vamos ver . (dirigem-se para a D.A. e desaparecem. Augusto reúne suas coisas afobadamente e sai para o terraço e para o jardim, onde some. À D.A. surge Paula, carregada pelas quatro moças. Carolina está aflitíssima. Trazem a negra até o canapé, onde a deitam)  
CAROLINA: (chorando) - Mãezinha, acorda, mãezinha! (sacode-a, abraça-a, desesperada) - Meu Deus, que será que ela tem?  
JOANINHA: Deve ser fraqueza!  
CAROLINA: Vamos dar-lhe qualquer coisa...(procura em torno. Na mesa enxerga uma garrafa de vinho. Pega um copo, que enche) - O vinho é um esplêndido cordial!... (levanta a cabeça de Paula e a faz tomar. Parte do vinho molha o vestido da negra)  
CLEMENTINA: Cuidado, você está sujando o vestido dela! (do salão

surgem Felipe, Leopoldo, Fabrício, Don'Ana, D. Violante. Da D.A. vêm Rafael e Tobias. Todos se aglomeram e fazem perguntas: "O que foi? O que houve? ")  
D.VIOLANTE: (peremptória) São maleitas! Quem olha para o nariz dela vê logo que são maleitas!  
DON'ANA: Qual nada! Devem ser lombrigas.  
D.VIOLANTE: Maleitas! Já vi curar-se uma mulher assim com cauda de cobra doida, torrada e depois desfeita num copo de água tirada de pote velho com um coco novo e com a mão esquerda pelo lado da parede. É fazer isto já!  
RAFAEL: (ingênuo) Num será atáqui di istupô?  
TOBIAS: Isso é carraspana, i das braba...  
CAROLINA: (indignada) Negro malcriado. Esse vinho que você está vendo no vestido dela foi derrubado por mim (chorosa) - A minha Paula nunca teve o vício de beber... Que maldade, eu assim aflita e ainda há gente que venha levantar calúnias sobre a mãezinha... (Tobias se escafede. Augusto surge do terraço)  
AUGUSTO: (aproximando-se do grupo) - Ela está mal? Mas assim é que não sara... Dêem-lhe ar... (examina-a, enquanto todos se afastam) - Isso, ela precisa é de ar fresco.  
CAROLINA: Então poderíamos levá-la para o terraço.  
AUGUSTO: Boa idéia. (pegando-a) - Ajudem-me (Felipe, Leopoldo e Fabrício pegam também a negra e levam-na para o terraço. Os outros vão acompanhá-los, mas Augusto os detém)  
AUGUSTO: Com licença! Vamos reunir-nos em conferência para dar um diagnóstico seguro.

(sai para o terraço)  
D.VIOLANTE: Se forem seguir o diagnóstico desse moço, a negra está perdida. Ele é a negação do médico.  
DON'ANA: São lombrigas!  
D.VIOLANTE: São maleitas! Se tivessem feito o que eu disse, a negra já estaria boa... (Carolina está no meio da sala, desanimada, ansiosa. Don'Ana a ampara e acaricia)  
FELIPE: (acabando de examinar a doente) - Não há dúvida alguma: a Paula tomou uma carraspana de primeira ordem.  
FABRÍCIO: Vamos então contar o que é, para sossegar as senhoras.  
FELIPE: Não, não! Minha irmã ficaria inconsolável, brigaria conosco e não nos acreditaria se lhe disséssemos que a Paula se embebedou.  
LEOPOLDO: Mas temos que dizer alguma coisa...  
FABRÍCIO: E se aproveitássemos para fazer uma brincadeira? Cada um de nós inventaria um diagnóstico absurdo. O que dissesse maior número de asneiras ganharia.  
FELIPE: Ótimo! Quem começa?  
FABRÍCIO: Eu. Depois Augusto. Depois Leopoldo. Você, como dono da casa, terá a vantagem de rematar a coleção de asneiras.  
AUGUSTO: Mas precisamos prescrever qualquer coisa de concreto, para não despertar suspeitas.  
FELIPE: Ora, bastará que lhe demos um escalda-pés... O resto do álcool se evaporará durante o sono.  
LEOPOLDO: Vamos! (entram na sala. Estão todos na expectativa)  
FABRÍCIO: (solene) - Depois de cuidadosamente examinada a paciente, cujo estado não é de inspirar cuidados, nós, em conferência médica, resolvemos

prescrever-lhe... um escalda-pés.  
CAROLINA: Um escalda-pés? Vou arranjar imediatamente. (para Tobias) - Venha me ajudar. (sai pela D.A.)  
TOBIAS: (para Rafael) - Venha mi ajudá. (sai Rafael atrás, resmungando)  
FABRÍCIO: Porém, minhas senhoras, o escalda-pés foi o único ponto a propósito do qual chegamos a acordo. Quanto à natureza da moléstia, fizemos diagnósticos inteiramente opostos.  
D.VIOLANTE: Não vejo motivo de dúvidas! Se são maleitas!  
DON'ANA: Lombrigas, D.Violante! Que teimosia!  
FABRÍCIO: Cada um de nós externará seu modesto parecer, a principiar por mim. A meu ver estamos diante de um caso de baquites.  
D.VIOLANTE: Ahn?  
FABRÍCIO: Baquites. Uma enfermidade que freqüentemente acoitava as bacantes e as baqueava nas bacanais...  
CAROLINA: (surgindo à D.A. com Tobias e Rafael. Este vem carregando um caldeirão cheio de água quente. Tobias vem lépido, segurando uma toalha) - Cuidado, olhem a água quente!  
FABRÍCIO: Em conclusão ao meu diagnóstico, proponho o seguinte tratamento: algumas gotas de éter sulfúrico numa taça de líquido fontâneo. E uma sangria que a alivie de duas libras, pelo menos, de líquido venoso.  
AUGUSTO: (com energia) - Sangue, sempre sangue! Eis a medicina retrógrada dos nossos "modernos" esculápios! (confusão. Fabrício faz uma cara ofendida)  
D.VIOLANTE: (para Don'Ana) Este é a negação da medicina, a negação!  
AUGUSTO: Quebrai vossas lancetas

sangüinárias, senhores! Já existe Hahnemann! Para curar a humanidade, bastam atualmente as doses mínimas dos princípios do *símilis similibus curântur*. Proponho que se aplique à doente uma fortíssima dose de *nihil nihilitátis* (perplexidade, bravos!)

CAROLINA: (para Tobias) - É preciso mergulhar os pés dentro da água quente, Tobias!

TOBIAS: A água tá pelânu, sinhá! Rafaé infia um pé de Paula dentro d'água...

RAFAEL: Deus mi lívri!

CAROLINA: Vocês são uns imprestáveis! A minha Paula vai morrer por culpa de vocês. Deixem que eu faço. (Ela mesma tenta dar o escalda-pés. Paula, tonta, reluta) - Me ajude, Rafael.

QUINQUINHA: (para Tobias) Veja se consegue pôr este bilhete no bolso do sr. Augusto hoje mesmo, e sem que ele veja.

TOBIAS: (pondo-se de pé) - Prôntu, léstu i agúdu, sinhá! (Quinquinha dá-lhe um níquel) - Prontíssimu, lestíssimu i agudíssimu! (sai)

RAFAEL: (fitando-o com admiração) - Méstri... Grândi méstri!...

CAROLINA: Com efeito, Quinquinha, a minha Paula passando mal e você pensando nessas bobagens.

LEOPOLDO: Minhas senhoras, quer me parecer que as etesias desenvolvidas pela decomposição dos éteres espasmódicos engendrados no alambique intestinal, ao passarem pelo canal colédoco em direção ao perióstio dos pulmões...

FELIPE: (cortando) Não, não! Restando-me dúvidas a respeito do diagnóstico, julgo útil recorrermos ao magnetismo animal a fim de que a enferma, levada ao

sonambulismo, nos traga uma mensagem sobrenatural, em que confesse a natureza das suas moléstias.

CLEMENTINA: (sozinha, os outros já estão desinteressados) - Muito bem! (Vê que está só, fica envergonhada. Ele se aproxima e pega-lhe a mão)

FELIPE: É a isto que eu chamo o aplauso das multidões...

DON'ANA: (para todos) - Voltem ao salão, por favor. O caso não teve maior importância...(rompe nova música. Joanhina pega no braço de Fabrício. Leopoldo, no de Quinquinha. Felipe, no de D. Clementina. Dirigem-se ao salão, D. Violante, atrás, vai resmungando "são maleitas!")

DON'ANA: São lombrigas. - Não vai dançar, sr. Augusto?

AUGUSTO: Por enquanto não, minha senhora.

DON'ANA: Parece triste. Falta-lhe alguma coisa?

AUGUSTO: (olhando para Carolina) - Nada, nada! (inclinando-se) - Mil vezes obrigado, minha senhora. (Don'Ana sai. Augusto dirige-se para Carolina) - A senhora queimando assim as lindas mãozinhas!

CAROLINA: (com carinho) - Ora, que mal há nisso? Foi ela quem me criou...

AUGUSTO: Mas algum escravo poderia incumbir-se disso...

CAROLINA: São uns estonteados! Olhe só a cara palerma desse Rafael... (ri, apesar dos olhos orvalhados de lágrimas. Rafael tem uma cara de mártir. Augusto ri também)

AUGUSTO: Nesse caso, encarregue-se a mim de fazer esse serviço.

CAROLINA: Ao senhor?

AUGUSTO: Valerei menos ainda que os escravos? (ajoelhando-se e

afastando Carolina delicadamente) - Veja se eu sei ou não dar um escalda-pés...

CAROLINA: (segurando Paula para substituir Rafael) - Pode ir, Rafael. (Rafael sai para a sala, olhando encantado para o quadro)

AUGUSTO: Não sou dos piores, não é?

CAROLINA: Sr. Augusto... Ela corre perigo?

AUGUSTO: Não. Afirmo-lhe que dentro de pouco tempo estará perfeitamente bem.

CAROLINA: Que bom! Muito obrigada, sr. Augusto... (Paula se mexe, resmunga.)

AUGUSTO: Viu? Já está acordando. Agora convém apenas que ela descanse. (Carolina agita-a, cobre-lhe o corpo com um cobertor) - A senhora quer dar-me agora a honra de acompanhar-me até o salão? Espero que ainda tenha alguma contradança livre...

CAROLINA: Perdoe, sr. Augusto ... Mas eu ainda estou preocupada. Gostaria de ficar com ela um pouco mais... (Paula move-se novamente, resmunga)

AUGUSTO: Juro-lhe que nada há a fazer agora, a não ser deixá-la repousar... Venha!

CAROLINA: (relutando) - Mas eu preferia... A Paula...

AUGUSTO: Atchin! Perdão, minha senhora! (tira um lenço do bolso, e cai um papelzinho no chão)

CAROLINA: (apanhando-o) - Olhe , caiu do seu bolso.

AUGUSTO: (pegando-o) - O que será? Um bilhete... (Carolina sorri maliciosamente, enquanto ele lê alto) - "Senhor: uma jovem que vos ama e que de vós escutou algumas palavras de ternura, tem um segredo a confiar-vos; ao raiar da aurora a encontrareis no banco de relva da gruta: sede

circunspecto e vereis então aquela que, pelo momento, quer ser apenas "uma incógnita". (Augusto põe o lenço no bolso, maquinalmente, tonto)

CAROLINA: O senhor deve ter dito palavras de ternura a tantas que nem sabe quem possa ser a misteriosa incógnita...

AUGUSTO: Por quem é, d. Carolina, não exagere! Mas não posso mesmo adivinhar quem seja... (fica um instante abstraído) - Atchin! Perdão, minha senhora... (tira novamente o lenço)

CAROLINA: (abaixando-se e apanhando - ou fingindo apanhar - outro bilhete) - Outro bilhete, sr. Augusto? O senhor está se transformando numa verdadeira posta-restante!

AUGUSTO: (arregalando os olhos) - Santo Deus! A história está me saindo melhor que a encomenda! (lê) "Senhor, uma moça que se interessa por vós, porque guarda junto ao coração um breve branco que lhe destes faz muitos anos, entende dever prevenir-vos de que não ireis encontrar na gruta uma incógnita, e sim algumas conhecidas que pretendem zombar de vós porque jurastes amar a todas elas. Por agora, sou apenas outra... incógnita".

CAROLINA: (inocente) - A dona do breve branco... O que quer dizer isso, hein, sr. Augusto?

AUGUSTO: (num arroubo) - Quer dizer que, quando eu a encontrar, terei encontrado a paz, terei encontrado a felicidade, terei encontrado o amor... (olhando-a , desconfiado) - A senhora... A senhora não saberia qualquer coisa?... Não poderia dar-me alguma pista?... É a coisa mais

importante da minha vida! (num ímpeto, pegando-lhe a mão) - Não seria porventura a se...

CAROLINA: (cortando-lhe a frase com um gesto coquete) - Nada sei, nada sei... Mas Deus é grande! (num sorriso perverso) - Ele fará com que o senhor encontre aquela a quem ama...

Pano rápido

TERCEIRO ATO

3º Quadro

Algumas horas depois. É de madrugada. Estamos na gruta das "Lágrimas de amor". A reunião de duas grandes pedras a forma. Em seu interior, ela é coberta de musgo e tem, no F., a fonte cristalina. A gruta tem saída pelos fundos. Por lá, também, é que se sobe à pedra da E., que mergulha no mar. Na B. há um pequeno trecho de praia, e à E., logo depois, a vegetação do jardim começa. Quando o pano se abre, estão em cena Joaninha, Quinquinha e Clementina. A luz da madrugada ainda é escassa, e elas falam baixo.

QUINQUINHA: Ele é um insolente!

Asseverou-me que eu era a mais bela de todas.

CLEMENTINA: Pois a mim afirmou ser-lhe impossível viver sem alentar-se com a esperança de possuir-me. Que atrevido!

JOANINHA: Está apaixonado... por todas nós.

CLEMENTINA: É um brasileiro com alma de mouro. Haveremos de desmascará-lo.

QUINQUINHA: Será que ele vem?

CLEMENTINA: (ameaçadora) - Ah! Se ele vier! (Augusto surge ao F. da gruta)

AUGUSTO: Eis-me aqui, minhas belas senhoras... Eis-me aqui! (as três, que estavam recostadas no musgo da gruta, se erguem sobressaltadas)

JOANINHA: Credo, que susto!

AUGUSTO: Fiz questão de acudir de pronto ao convite, e confesso que estou entusiasmado por encontrar, em vez de dois, seis olhos brilhantes, seis olhos que me abraçam... Oh! Juro que chego a sentir sede... Felizmente há aqui uma fonte... (vai para o F. e inclina-se para beber)

CLEMENTINA: (para Joaninha) - Primeiro você, que é a mais velha.

JOANINHA: Eu não...

AUGUSTO: (enxugando as mãos e se aproximando delas) - Começo eu, minhas senhoras... Esta água que bebi é encantada, como sabeis; fez-me adivinhar o especial segredo de cada um de vossos corações... Mas não o contarei alto, não precisais ter medo... Ao longe poderia passar alguém... Eu o contarei a cada uma de vós em particular. Quem quer ser a primeira? (nenhuma se move) - Então eu mesmo escolherei... A primeira será... D. Quinquinha.

QUINQUINHA: Eu?

AUGUSTO: A senhora mesma. Afastemo-nos (leva-a pela mão até a B.)

CLEMENTINA: (para Joaninha) - Ele está zombando de nós...

AUGUSTO: (em voz baixa, a Quinquinha, ar profético) - Esta água milagrosa me inspira... Ela me diz que para vós o amor não existe, só a galanteria vos preocupa...

QUINQUINHA: Sr. Augusto! Isso é uma calúnia!

AUGUSTO: (após um pequeno silêncio inspirado, em que finge ouvir vozes celestiais!) Não, não é calúnia... Vós vos correpondeis



com nada menos de cinco mancebos. E ainda há pouco vos aconteceu uma desgraça. A preta que se encarrega de entregar as vossas cartas fez uma troca, e...

QUINQUINHA: (cobrindo o rosto com as mãos) - Que vergonha, meu Deus!

AUGUSTO: Eu nada direi a ninguém... desde que vos comprometais a terminar a guerra que planejais contra mim...

QUINQUINHA: Está prometido. Com licença... (quer partir)

AUGUSTO: (retendo-a) - Uma coisa mais. (num ímpeto apaixonado) - Sois vós a dona do breve branco? (Quinquinha fita-o no rosto um momento, depois desabala a correr, saindo pela D. B.a chorar. Augusto a fica olhando, perplexo. Após se refazer) - D. Clementina, é chegada a vossa vez! (dá-lhe a mão, ela se deixa levar, entregue, até a E.B.) - *Quereis fatos de anteontem ou de há apenas algumas horas?*

CLEMENTINA: Não entendo o que o senhor quer dizer...

AUGUSTO: Senhora, talvez tenha sido a fada desta misteriosa fonte quem vos roubou um precioso embrulho contendo uma trança de vossos cabelos... Embrulho que deveria ser achado pelo sr. Felipe embaixo da quarta roseira...(mostra-o)

CLEMENTINA: Por favor, entregue-o a mim!

AUGUSTO: Eu vos entregarei o precioso embrulhinho, sim... Mas na hora da partida. Ele ficará como penhor de que não tentareis novamente qualquer vingança...

CLEMENTINA: (sorrindo) - Sou forçada a concordar... E, assim, a paz reinará entre nós... (dando-lhe a mão) - Peço-lhe agora que me

acompanhe até à saída...

AUGUSTO: Só uma coisa mais... (ansioso) - Sois vós a dona do breve branco?

CLEMENTINA: (natural) - Breve branco? Eu tenho um breve branco em casa, sim. Mas para que o quer? (vai caminhando, ele a segue, tonto) - Até logo, então. (baixinho, mostrando Joaninha) - Não a poupe! (sai pela D.)

AUGUSTO: Eu enlouqueço! (aproximando-se de Joaninha) - Se vos deixei para o fim foi porque sois vós a única que tem sabido amar...

JOANINHA: Obrigada... Mas como sabe?

AUGUSTO: (sentando-se ao lado dela) - No entanto, exigis demais, minha senhora, quando ordenais a um pobre estudante que vos escreva quatro vezes por semana, pelo menos; que passe por defronte de vossa casa quatro vezes por dia; *que vá amiúde ao teatro e aos bailes que frequentais...*

JOANINHA: (magoada) - Quem lhe disse tudo isso?

AUGUSTO: A fada, senhora...

JOANINHA: É uma vil traição.

AUGUSTO: Exatamente o mesmo disse a nossa boa fada e ainda mais, senhora: ela quer que eu vos aconselhe a que desprezeis esse jovem infiel, que não sabe pagar o vosso amor. Eu poderia dar-vos provas...

JOANINHA: (magoada) - Não as tenho eu bastantes quando lhe ouço repetir o que deveria ser sabido dele e de mim somente? (soluça)

AUGUSTO: (dando-lhe a mão para que se levante) - Ele não a compreendeu, não a mereceu... Deus dá nozes para quem não tem dentes...

JOANINHA: (com raiva, apesar de

sentida) - Mas Fabrício tem dentes... Tem dentes até demais! Só pensa em comer...

AUGUSTO: Mas escolhe mal os petiscos...(agora é que ela se levanta)

JOANINHA: (com súbita resolução) - Senhor, tenho tanta confiança na sua discrição que nem mesmo lhe recomendo o cuidado do meu segredo. Adeus!

AUGUSTO: Uma última pergunta. Sois porventura a dona do breve branco?

JOANINHA: (ficando satisfeita) - Eis aí um consolo para minha mágoa. Alegra-me tanto o interesse com que o senhor está procurando aquela a quem jurou amor eterno! Deus é grande! O senhor a encontrará! ( sai pela D. Augusto fica só um instante, desnortado. Já está mais claro. Finalmente ele sorri)

AUGUSTO: Vieram buscar lá e saíram tosquiadas! (dispõe-se a sair da gruta)

CAROLINA: (surgindo, ao F.) - Alto lá! Agora, sr. Augusto, é chegada a sua vez... (Augusto volta-se assustado. É D. Carolina quem se põe a beber água e a fazer gestos cabalísticos)

AUGUSTO: (confuso, balbuciando) - D. Carolina! A senhora...

CAROLINA: Também sou adepta do culto desta fada, e vou invocá-la para que me auxilie a vingar três senhoras de quem o senhor tentou zombar impunemente... (faz novos gestos) - Quereis que vos fale do passado, do presente ou do futuro?

AUGUSTO: De todas essas épocas.

CAROLINA: Pois então principiemos pelo passado... (senta-se; ele a imita) - Oh! Que belas revelações me faz a fada! Eu estou lendo no

livro da vossa vida!... Senhor, vós amastes muito cedo... Creio, sim, foi na idade de 13 anos.

AUGUSTO: (recuando) - Como sabe?

CAROLINA: Amastes, sim, a uma menina de oito anos com quem brincastes à borda do mar.

AUGUSTO: É verdade! E quanto não daria para encontrá-la!

CAROLINA: Eu poderia contar-vos uma longa história em que entram um velho moribundo, uma esmeralda, um camafeu... Mas basta de vossa mulher! Permitti que vos diga: desde cedo mostráveis ser um menino doidinho.

AUGUSTO: Bem... mas... o passado eu o sei melhor do que ninguém... Interessa-me mais o futuro... ou o presente.

CAROLINA: Vamos então ao vosso futuro! Se tivesse de falar-vos do presente, eu vos diria que não sois tão inconstante como afetais.

AUGUSTO: Ora, ora.

CAROLINA: Mas que estais a ponto de o ser: digo-vos que perdereis uma aposta que fizestes com três estudantes...

AUGUSTO: Então a senhora sabe...

CAROLINA: A fada, que me revelou tudo isto, leu o termo da aposta na carteira do meu mano Felipe.

AUGUSTO: A fada? Sim... compreendo: a feiticeira a leu...

CAROLINA: - Vós não sois inconstante, porque tendes até hoje cultivado com religioso empenho o amor de vossa mulher; mas vós o ides ser, porque não longe está o dia em que a esqueceréis por outra.

AUGUSTO: A culpa será dessa outra...

CAROLINA: Desejo-vos que tal não aconteça... Contudo, já vos vejo perjuro e escrevendo um romance... (solene) - O futuro está predito.

AUGUSTO: (alusivo) - O presente, agora.

No presente está a minha glória...  
CAROLINA: (fingindo não entender) - No baile, dissestes palavras de ternura pelo menos a seis donzelas.  
AUGUSTO: Será verdade?  
CAROLINA: Eu tenho o testemunho da fada...  
AUGUSTO: (satisfeito) - Que bom! Então a...feiticeira me observava?  
CAROLINA: (sem atender a isso) - Durante o baile, puseram-vos dois bilhetes no bolso.  
AUGUSTO: E quem o viu?  
CAROLINA: A feiti...(corrigindo-se) - A fada, que, segundo parece, vos tem seguido sempre com os olhos...  
AUGUSTO: A feiticeira, então, me segue sempre com os olhos... E a feiticeira é a senhora...Oh! Como sou feliz!  
CAROLINA: (fingindo zanga) - Senhor! Sois pouco modesto... Que me importariam vossos passos e vossas ações?  
AUGUSTO: Perdão, perdão!... Mas continue...  
CAROLINA: (pondo-se de pé) - Basta! Vós duvidastes da fada, e por isso termino aqui.  
AUGUSTO: (erguendo-se também) - Não, não, minha senhora! Eu preciso que a fada saiba dos meus segredos, já que deles descobriu tão grande parte.  
CAROLINA: Não sou curiosa, contento-me com o pouco que sei...  
AUGUSTO: (impetuoso, quase a declarar-se) - Ouça uma palavra só...  
CAROLINA: Não quero ouvir! (quer sair da gruta)  
AUGUSTO: (barrando-lhe a passagem) - Senhora: eu lhe direi contra a vontade.  
CAROLINA: E para isso toma-me a saída?

AUGUSTO: É só para lhe dizer que eu amo...  
CAROLINA: Já sei: à sua bela mulher.  
AUGUSTO: Não, a uma bela moça.  
CAROLINA: Perdão! Esqueci-me de que ela agora deve estar crescida... (tenta sair)  
AUGUSTO: (barrando-lhe novamente) - Moça que se chama...  
CAROLINA: (dando um falso grito e apontando longe) - Oh! Oh! A sua barca vai embora! O senhor vai perdê-la...  
AUGUSTO: (volta-se para ver) - Onde? Onde?  
CAROLINA: Ali... (corre e some detrás da gruta)  
AUGUSTO: (ao ver que ela desapareceu, correndo atrás dela) - Que bobo que eu fui! Ingrata! Mas no próximo domingo eu voltarei para... para... me vingar...

Pano rápido

QUARTO ATO

4º Quadro

Chegou-se ao domingo seguinte. Mesmo cenário do quadro anterior. Sol de duas da tarde. Na sombra da gruta, Don'Ana desenrola um novelo de lã que Paula segura.

DON'ANA: Não deixe cair a linha, Paula.  
PAULA: Tá bem, sinhá. (puxa o braço para trás e a linha estica. Logo depois se distrai e a linha se arrasta de novo)  
DON'ANA: Paula! Como você está distraída! Desde aquela doença de domingo passado que você não é a mesma...  
PAULA: (envergonhada) - Pur favô, sinhá, num fáli mais níssu...  
DON'ANA: Aliás, depois de domingo

passado, parece que todo mundo ficou diferente. O Felipe anda numa alegria espantada. A Joaquina chorou na hora da partida. A Quinquinha ficou séria, de repente. (suspira)

PAULA: (maliciosa) - I sinhazinha tomém... (suspirando) - Ih! Esta semana custô pra passá!

DON'ANA: (numa suspeita) - Será que vocês duas estão atacadas do mesmo mal?

PAULA: (muito séria) - Não, sinhá: eu conheço u lugá di nêgu... U mar dela si chama Ogústú; i u meu, Rafaé.

DON'ANA: Ora! Eu sempre pensei que o Tobias...

PAULA: Deus mi lívri, sinhá! Aquêli nêgu é uma arma danada... (entram Augusto, Fabrício e Carolina, rindo. Atrás, Rafael)

DON'ANA: Ora viva, sr. Augusto! Foi preciso que o senhor aqui voltasse para que eu pudesse ouvir de novo uma risada de Carolina.

CAROLINA: (aproximando-se dela e mexendo numa cesta de bordados de onde tirará um lenço que está marcado) - Vovozinha, não exagere! O sr. Augusto já não é dos mais modestos...

FELIPE: Lá pelo Rio, o mesmo aconteceu conosco. Estivemos todos carrancudos, e, seja dito em amor à verdade, o Augusto, mais do que nenhum outro, mostrou sofrer grandes saudades. (Carolina não pode reprimir um sorriso de satisfação. Senta-se e começa a bordar)

AUGUSTO: É verdade, e a melhor prova disso é a visita que hoje estou tendo o gosto de voltar a fazer-lhes.

FELIPE: A vítima da melancolia do Augusto foi o Rafael. (Ele faz um ar de mártir) - Apanhou tantos bolos

esta semana.

PAULA: (não pode reprimir) - Tadínhu! (acabou o novelo, ela se levanta depressa, vem espiar as mãos do negro. Na D.B., vendo que não prestam mais atenção a eles, puxa-o pelas mãos e saem)

AUGUSTO: Também não exagere, Felipe. As senhoras vão pensar que me transformo num carrasco em dias de melancolia... (Carolina sufoca um risinho) - De que está rindo, D.Carolina?

CAROLINA: De um ponto errado que dei... (continua a trabalhar, sorrindo)

AUGUSTO: (aproximando-se) - Deixe-me ver...

CAROLINA: (mostrando o lenço) - Não olhe para os defeitos...

AUGUSTO: (examina o lenço) - Está perfeitamente marcado. A senhora tem uma prenda...

CAROLINA: Que é muito comum. Quem neste mundo não sabe marcar um lenço?

AUGUSTO: Eu, por exemplo.

CAROLINA: Só não sabe porque não quer.

AUGUSTO: Porque não posso. Eu não me ajeitaria com uma agulha na mão.

CAROLINA: Um dia de paciência lhe seria suficiente.

FELIPE: Querem ver que a maninha resolve ensinar o Augusto a marcar?

AUGUSTO: E o que tinha? (brincalhão) - Todos nós precisamos desenvolver nossas prendas domésticas...

FELIPE: (em brincadeira) - Nesse caso, maninha podia mesmo dar-lhe algumas lições.

CAROLINA: Não, sou muito raivosa e, à primeira linha que ele arrebetasse, eu o chamaria a bolos.

AUGUSTO: Aceito a condição... Ensine-

me com palmatória.  
CAROLINA: Palmatória não, enfim...  
Podia doer-lhe muito; mas, de cada vez que eu julgar necessário, dar-lhe-ei um puxão de orelha.  
DON'ANA: Menina!  
CAROLINA: Sr. Augusto, considere-se matriculado na minha aula de marcar. (tirando da cesta uma campainha, que faz soar) - Vai começar a lição!  
FELIPE: Então você não passeia comigo, Augusto?  
CAROLINA: Não, senhor. Só depois da lição. (faz soar de novo a campainha)  
FELIPE: (enfadado) - Adeus, Augusto. Vou dar uma volta. Que os puxões de orelhas lhe sejam leves!...(sai)  
CAROLINA: O senhor não ouviu a campainha? (soa de novo, impertinentemente)  
AUGUSTO: (sentando-se ao lado dela) - Perdão, minha senhora.  
CAROLINA: - Não sou sua senhora; sou sua mestra.  
AUGUSTO: Minha bela mestra, perdão.  
CAROLINA: Pegue a agulha. (dá a agulha, ele pega) - Enfie a linha. (ele tenta enfiar, não consegue) - Começou mal. Sinto muito, mas vou dar-lhe o primeiro puxão de orelha. (puxa-lhe a orelha, ele aproveita para segurar-lhe os dedos)  
DON'ANA: (que continua e continuará de costas para eles, fazendo tricô) - Menina, tenha modos; o sr. Augusto não é criança!  
AUGUSTO: A culpa foi minha, Don'Ana.  
CAROLINA: (que enfiou a linha na agulha para ele) - A linha já está enfiada. Agora, procure dar um ponto pequeno, assim (vai fazendo) para cobrir o desenho... (dá-lhe o lenço)  
AUGUSTO: (tentando) - Assim? Acho que

não acerto... oh! Partiu-se a linha...  
CAROLINA: Erro imperdoável! Outro puxão de orelha... (puxa-lhe a orelha; ele segura novamente os dedos dela; olham-se, sorriem)  
AUGUSTO: Ai! Puxou demais! Deixe que eu agora enfiarei a linha direitinho. (comicamente desajeitado, pega em nova linha e começa)  
CAROLINA: Muito bem... Consegui! Agora cubra o desenho com uns pontinhos... (ele tenta) - Fique sabendo que vou passar-lhe tarefa para a semana... No domingo que vem o senhor tem que me trazer um lenço inteirinho marcado pelas suas mãos...  
AUGUSTO: (erguendo o rosto e arrebetando a linha sem querer) - No domingo que vem? Então posso voltar no domingo que vem?  
CAROLINA: Com efeito! Pela segunda vez arrebetou a linha! (puxa-lhe a orelha)  
AUGUSTO: (segurando-lhe os dedinhos e beijando-os) - Como é bom errar e levar puxão de orelha! Domingo que vem...

Pano rápido

QUINTO ATO

5º Quadro

Domingo seguinte. Mesmo cenário. É de manhã, dia nublado; estão em cena Tobias e Paula.

TOBIAS: Cúmu é, mia fia? Tu percisa ti arrisorvê!  
PAULA: Cuntígu num quéru arrisorvê nada.  
TOBIAS: Eu já tô c'u dinhêru cumpreto pra comprá minhas arforria, tu

compreende...

PAULA: Num interessa. Tu é múntu senvergônhu, i pra mim eu quero um nêgu às direita.

TOBIAS: Já entendi! Tô vênu aí a cara palerma du Rafaé... (cai na risada) - Tu gosta daquêli paspalhão? (ri novamente)

RAFAEL: (entrando pela D. com a cara mais palerma deste mundo) - Qui é que tu tá si rínu, ahn?

PAULA: (aproximando-se dele) - Gosto dêli, sim, i tu num tem nada qui vê co'íssu

TOBIAS: ( pára de rir de repente) - Puis num é que eu tô si rínu de min mesmo? Desta vez eu perdi pru nêgu mais paspalho qui tem nu múndu... (esticando o pescoço, curioso) - Iscute: cúmu é qui tu fez pra mi tomá essa nega? Ixplica..

RAFAEL: (bobo) - Não fiz nada...

TOBIAS: Tu deu argum góрпи que eu ti insinei, ingrátu?

RAFAEL: (sempre bobo) - Teus góрпи só me truxéru sústu, agora!

TOBIAS: Intão qui é que tu fez?

RAFAEL: Eu mi deixei-se amar-mi...

PAULA: É verdádi. Fui eu qui mi pixonei...

RAFAEL: (olhando para trás) - Ih! Lá vem seu Ogústu co'a Don'Ana...

PAULA: (a Tobias) - Fógi, nêgu... pur ali... (aponta para o F. da gruta) - Eu tomém vô. (para Rafael) - Adeus, amô... (sai. Tobias na frente. Entram Don'Ana e Augusto, pela D.)

AUGUSTO: Pois tomei a liberdade de vir sozinho, este domingo, para consolá-la da ausência do seu neto.

DON'ANA: Mas por que Felipe não veio?

AUGUSTO: Ele reservou este domingo para visitar a família de... para visitar d. Clementina.

DON'ANA: (com um sorriso indulgente) - Sei... E como vão os nossos

amigos? O sr. Leopoldo, o sr Fabrício?

AUGUSTO: Vão bem... Quer dizer: Fabrício vai mal.

DON'ANA: (apreensiva) - Está doente?

AUGUSTO: Não é bem isso... É que Fabrício era amado ao extremo por uma senhora, sem que desse, no entanto, alto apreço a esse amor. Recentemente, a moça que o queria resolveu proibi-lo de falar-lhe, e essa proibição veio revelar o que ele mesmo ignorava: que gostava profundamente dela...

DON'ANA: Fez ela muito bem: nunca se dá valor ao que é demais.

AUGUSTO: Fabrício anda tão abatido que nem se tem mais lembrado de comer empadas... Impossive' maior prova de que está, realmente, entristecido...

DON'ANA: Sentemos um pouco. (Ele lhe dá a mão, sentam-se)

AUGUSTO: E... a senhora sua neta, como vai?

DON'ANA: (misteriosa, maliciosa) - Eis o que eu não sei! Deu para ficar esquiva, ela que era a alegria desta casa... (Carolina surge na gruta, por trás)

AUGUSTO: (erguendo-se) - Minha bela mestra! Bom dia...

CAROLINA: Bom dia, meu aprendiz! Já sei que traz o lenço bem marcado...

AUGUSTO: Não tão bem marcado que não precise de uns puxões de orelha...

CAROLINA: Não, não farei tal na lição de hoje.

AUGUSTO: E se eu merecer?

CAROLINA: Talvez.

AUGUSTO: Então errarei toda a lição.

CAROLINA: (tocando a campainha) - Vai começar a segunda aula! Sr. Augusto...

AUGUSTO: Com licença, Don'Ana.

DON'ANA: Tem toda. (Augusto senta-se aos pés de Carolina)

CAROLINA: Vamos, meu aprendiz... O senhor comprometeu-se a trazer um nome marcado pelas suas mãos. Que nome marcou?

AUGUSTO: O da minha bela mestra.

CAROLINA: (sorri, contente) - Vamos, pois, ver a sua obra...

AUGUSTO: (tirando o lenço e dando-o a Carolina) - Está aqui.

CAROLINA: (depois de examinar o lenço) - Carolina... Minha bela mestra... Está bonito... Bonito demais! (com súbita raiva) - Nunca a mão de um homem poderia marcar assim!

AUGUSTO: Mas , minha bela mestra...

CAROLINA: Eu quero saber quem foi!

AUGUSTO: (embaraçado) - Quem foi?

CAROLINA: Foi uma mulher! Isso não carece que me diga... Uma moça que lhe marcou este lenço para o senhor vir zombar de mim, da minha credulidade!

AUGUSTO: (penalizado) - Minha senhora...

CAROLINA: Já nem quer chamar-me de mestra! Agora só sabe dizer "minha senhora" ...

DON'ANA: (espantada) - Que é isso, menina?

CAROLINA: ( chegando-se a ela ) - Olhe a marca que ele me trouxe, vovó! Eu queria um nome todo mal feito, que me provasse que ele se tinha esforçado por fazer a tarefa que eu lhe passei. E veja o que ele me traz! Com certeza foi tomar outra mestra, que deve marcar melhor do que eu, que deve até ser mais bonita...(cai em pranto no colo dela) - Veja, vovó... Ele tem outra mestra, outra bela mestra.

DON'ANA: Que tem que ele tomasse outra mestra, menina? Pois só por isso choras assim?

CAROLINA: (erguendo a cabeça) - A senhora ainda acha pouco? Nem o nome da mestra ele me disse... (pondo-se de pé, para ele , muito bela de ciúme) - Como se chama ela?

AUGUSTO: Juro que não sei.

CAROLINA: Não sabe? (chorando novamente) - Ainda por cima é uma desconhecida, vovó... (sai correndo pela D.)

AUGUSTO: (para Don'Ana) - A senhora me perdoe se provoquei este incidente... Eu quis apenas trazer um lenço bem marcado para ostentar meus progressos e motivar alguns gracejos. Mandei-o encomendar a uma senhora muito idosa, que vive desses trabalhos...

DON'ANA: Tem certeza de que ela é mesmo muito, muito idosa?

AUGUSTO: (pegando) - Idosa? Idosíssima...Está caindo aos pedaços...

DON'ANA: Tem certeza de que o lenço não lhe foi dado?

AUGUSTO: Absoluta! Paguei-o.

DON'ANA: Pois então leve-o consigo. Se o deixar aqui, poderá avivar más recordações.

AUGUSTO: Hei de queimá-lo pelo que fez chorar a olhos tão lindos... Mas como poderei explicar a D. Carolina a verdadeira história desse lenço?

DON'ANA: (afetuosa) - Deixe por minha conta, sr. Augusto. Eu direi que a senhora a quem o senhor o encomendou é muito idosa, idosíssima...

AUGUSTO: (beijando-lhe a mão) - Isso! E está caindo aos pedaços... Mil vezes obrigado!

Pano rápido

## SEXTO ATO

### 6º Quadro

Domingo seguinte. Mesmo cenário, de tardinha. O sol oblíquo cai sobre a Moreninha, sentada melancolicamente no alto da pedra. Embaixo, na gruta, a negra Paula.

PAULA: Sinhazinha! Sinhazinha!

CAROLINA: (descendo os olhos para ela) - Que foi, Paula?

PAULA: Sinhazinha tem alguma coisa? Seu Filipe tá aí, Sinhazinha num foi aconversar co'êli...

CAROLINA: Detesto estudantes.. São falsos, mentirosos, feios... Não gosto nem do meu irmão, porque é estudante também...

PAULA: Sinhazinha num gosta di nenhum, di nenhum mermo?

CAROLINA: (demora para responder, perde os olhos no horizonte) - A semana toda perdida à espera deste domingo... Já são mais de cinco horas e ele não chegou... Não virá hoje... Talvez não venha nunca mais...

PAULA: (soluçando) - Tarveis num venha nunca mais?

CAROLINA: (agradecida) - Não se aborreça com a minha mágoa, Paula. Ele não tem tanta importância assim.

PAULA: (desandando a chorar) - Pódi num tê pra sinhazinha... mas pra mim tem munta...

CAROLINA: Obrigada, Paula, você é muito boa para mim...

PAULA: (não retendo a confissão) - U Rafaé! U ingrátu du Rafaé... (olha para a D.) - I lá vem Don'Ana! Si ela mi pega chorânu...(sai correndo pelo F. da gruta. Carolina não pode deixar de sorrir)

CAROLINA: Paula também...(levantando-se) -

Coitada! Como eu entendo o que ela está sentindo... (desce e desaparece atrás da gruta.

Don'Ana e Felipe entram pela D.)

FELIPE: A senhora tem certeza de que aqui não seremos ouvidos por Carolina?

DON'ANA: Ela e Paula desandaram a correr pela praia assim que nos viram. Passam o dia todo, aliás, a se esconderem de mim.

FELIPE: Carolina está mudada... Anda tristonha... E muito pior ficaria se soubesse do que está acontecendo.

DON'ANA: O que, Felipe? Diga logo.

FELIPE: (depois de inspecionar as redondezas) - Não queria magoá-la, de modo algum... E é muito triste o que vou contar.

DON'ANA: Alguma coisa com o Sr. Augusto?

FELIPE: Isso mesmo. Ele está muito doente.

DON'ANA: (penalizada) - Pobrezinho! E o que tem ele?

FELIPE: Amor... Amor contrariado.

DON'ANA: Contrariado?

FELIPE: O pai dele chegou ao Rio e soube que ele tem faltado muito às aulas, que não tem estudado, que passa os dias conversando com o Leopoldo ou o Fabrício sobre os encantos de certa moreninha moradora de certa ilha...

DON'ANA: Oh! Que bom que ele também esteja gostando de Carolina! Eu sei o quanto ela já o quer...

FELIPE: Não posso ver nada de bom nisso tudo, porque sei o resto da história. O pai de Augusto disse que ele viera à corte para estudar e não para namorar e proibiu-o de voltar aqui e de se comunicar com Carolina.

DON'ANA: (meio zangada) - Quem é



esse velho ranzinza? Está pensando que a minha neta é o quê? Ou julga que o filho dele é feito de ouro?

FELIPE: O velho não nos conhece, está vendo no caso apenas os estudos do Augusto.

DON'ANA: Ah! Se eu o encontrasse, lhe diria umas boas!

FELIPE: Vovó, calma... O resultado dessa proibição foi trágico. Augusto levou um choque muito grande e ficou seriamente doente. Está com febre cerebral há muitos dias, e os médicos não sabem o que fazer.

DON'ANA: (novamente compassiva) - Coitado! É tão bonzinho!... Você precisa levar um pouco de goiabada para ele...

FELIPE: (surpreso) - Goiabada, vovó! Pois se ele nem pode comer...Passa dias e noites delirando, fora de si...

DON'ANA: (sucumbida) - Tem razão, nem pensei nisso... O importante agora é que Carolina nada saiba, pelo menos enquanto ele não melhorar.

FELIPE: Esperemos que Deus resolva curá-lo...

DON'ANA: (com certa raiva) - E resolva dar juízo ao ranzinza do pai dele...

Pano rápido

SÉTIMO ATO

7º Quadro

Domingo seguinte. Mesmo cenário. Manhãzinha. Carolina está cantando no alto da pedra.

I

...Mas amo e não me amam  
E tenho amor ainda.  
E por tão triste amor,  
Aqui venho chorar.

II

O coração tão puro

Já sabe o que é amor,  
Aquele que eu adoro  
Ah! só me dá rigor!  
O coração, no entanto,  
Desfaz o amor em pranto.

PAULA: (embaixo, na gruta) - Ai! Rafaé!  
(soluça)

CAROLINA: (continua, olhando o horizonte)

Lá vem uma canoa  
Cortando leve os mares...

PAULA: (que olhou, instintivamente) - É mermu! Lá vem uma canoa...

CAROLINA: (pondo-se de pé) - É verdade... Oh! Esta neblina! Eu queria ver... Será ele?

PAULA: (suspirando) - Será êli?

CAROLINA: (retomando a canção)

Lá vem uma canoa  
Cortando leve os mares,  
Lá vem uma esperança  
Que sempre dá pesares:  
Lá vem o meu encanto  
Que sempre causa pranto.

PAULA: (num grito) - É êli!

CAROLINA (aflita, tentando ver) - Como é que você percebe?

PAULA: Aquêli pôntu prêtu...

CAROLINA: (desapontada) - Ora! A canoa embicou na praia...  
Desceu um rapaz...

PAULA: Desceu um vúrto iscúru...

CAROLINA: Será Augusto, meu Deus?

PAULA: Será Rafaé, meu São Binidítu?

CAROLINA: Caminha para cá... Paula, eu estou bem?

PAULA: (sem se voltar) - Num sei... Daqui num vêju... I eu, tô bem?

CAROLINA: (dando a volta na pedra e entrando pelo F. da gruta) - Acho que vou fugir... Não sei se tenho coragem para defrontá-lo...

PAULA: Eu tomém tô sem corági di careá co'meu nêgu...

CAROLINA: (nervosa) - Fugamos, então... Por aqui... (corre para a D.)

AUGUSTO: (entrando pela E., correndo) - D. Carolina! (Carolina pára,

encabulada) - Aonde vai assim correndo?

CAROLINA: Eu ia... ia avisar vovó da sua chegada...

AUGUSTO: Não é preciso. Felipe veio na outra barca, ele dirá a Don'Ana que eu cheguei... (pausa) - De longe vi a senhora no alto da pedra... e mudei a direção da canoa... Fi-la embicar aqui mesmo na praia... (Carolina está muda, de cabeça baixa, como sentida) - Mas a senhora não diz nada... Leio censuras nos seus olhos... Talvez indiferença...

CAROLINA: (erguendo-se) - Indiferença? Quem usa ,cuida... (um momento de perplexidade. Rafael chegou, deu com Paula; os dois se olharam, enleados. Ela ajuda-o a carregar os embrulhos que traz, acaba pegando-os todos. Atravessam a cena aéreo, ela pesada de embrulhos e ele de mão abanando, os dois bobos, felizes. Saem)

AUGUSTO: Indiferença... E é a senhora quem me fala em indiferença! Depois de quinze dias de ausência, sou recebido apenas com essa palavra... Ainda nem me deu a mão sequer...

CAROLINA: Não a merece. Quem esteve quinze dias ausente não deve ser bem tratado.

AUGUSTO: (feliz) - Ah! Começo a entender! (entristecido) - Mas então nada lhe contaram?

CAROLINA: Sobre o quê?

AUGUSTO: Não lhe contaram que estive gravemente enfermo durante mais de dez dias? ...

CAROLINA: (mais emocionada do que desejaria) - Sr. Augusto! (empalidece, aproxima-se, toca-lhe o braço) - Mas já está melhor?

AUGUSTO: Sarei, sarei completamente... Só não entendo por que motivo

lhe ocultaram tudo...

DON'ANA: (entrando pela D.B.) - Sou eu a responsável pelo silêncio, Sr. Augusto.

AUGUSTO: (beijando-lhe a mão) - Oh! Don'Ana, quanta alegria em vê-la!

DON'ANA: A alegria é minha em vê-lo curado. O Sr. nos fez curtir longos dias de preocupação.

CAROLINA: Mas por que não me disse nada, vovó? Estou começando a achar que a senhora é feia... (muchocho)

DON'ANA: Foi para teu próprio bem, Carolina. O Sr. Augusto te contou a moléstia, mas não te contou o motivo da moléstia...

AUGUSTO: (envergonhado) - Por favor, Don'Ana!

DON'ANA: (sorrindo) - Não se acanhe, agora pode-se falar. O Sr. Augusto ficou doente porque o pai dele o proibiu de aqui voltar. Parece que o estudante pensava mais em certa moreninha do que nas aulas da faculdade.

CAROLINA: (é a sua vez de encabular) - Vovó...

DON'ANA: Depois que o Sr. Augusto adoeceu de verdade, no entanto, o velho ranzinza- permita que eu o chame assim, Sr. Augusto - o velho ranzinza viu que era inútil lutar contra os sentimentos filiais e ... veio fazer-me uma visita.

CAROLINA: Aquele senhor que misteriosamente aqui esteve na quinta-feira era então o pai do Sr. Augusto? Vovó, e a senhora não me disse nada!

DON'ANA: O velho ranzinza veio fazer-me um pedido.

CAROLINA: (inocente) - Um pedido, vovó?

DON'ANA: Veio, em nome do Sr. Augusto, pedir-me a tua mão em casamento.

CAROLINA: (não pode reprimir um

pulinho de alegria) - Vovó!  
(contendo-se, séria) - E a senhora  
o que disse?

DON'ANA: Que seria melhor deixarmos  
o assunto para vocês mesmos  
resolverem. (os dois ficam  
encabulados, em silêncio) - Creio  
que sem ajuda não vai. Carolina,  
o Sr. Augusto te ama e te quer  
para esposa. Desejas que eu  
responda em teu nome?

CAROLINA: (com dificuldade) - Minha  
avó... Eu gostaria de conversar  
com o Sr. Augusto em particular...

DON'ANA: Pois então eu irei até em  
casa, e daqui a pouco voltarei  
para saber o que resolveram.  
Espero que resolvam certo, como  
crianças ajuizadas... (sai pela D.  
Um silêncio difícil entre os dois)

CAROLINA: Então... o Sr. me pede para  
sua... esposa?

AUGUSTO: (emocionado) - Estou à  
espera de minha sentença, que  
será de vida ou de morte!

CAROLINA (maliciosa) - Veja, Sr.  
Augusto, como se verificou o  
prognóstico que fiz do seu futuro!  
Não se lembra de que aqui  
mesmo, junto a esta água  
milagrosa, eu lhe disse que não  
estava longe o dia em que o Sr.  
havia de esquecer... a sua  
mulher?

AUGUSTO: Mas eu nunca fui casado!

CAROLINA: Isso prova o quanto o Sr. é  
inconstante... Já se esqueceu da  
esposa a quem prometeu amor  
aos treze anos de idade...

AUGUSTO: A senhora tem a culpa de  
tudo. Se a senhora não existisse...

CAROLINA: Ainda bem que a tempo  
me lança em rosto a parte que  
tenho na sua infidelidade;  
emendarei, assim, o que está  
errado. O sr. há-de cumprir a  
palavra que deu há sete anos!

AUGUSTO: (recuando) - Não, isso é

impossível! Meu coração a  
gora é seu!

CAROLINA: Por quantos dias?

AUGUSTO: Para sempre.

CAROLINA: Isso disse o senhor a ela, faz  
sete anos. No entanto... Não, o  
senhor se casará com a sua  
mulher. Lembre-se de que ela  
deve estar agora uma bonita  
moça...

AUGUSTO: Se as suas intenções eram  
essas, D. Carolina, por que, então,  
animou o amor que pela senhora  
em mim via nascer?

CAROLINA: Para satisfazer minha  
 vaidade de moça, apenas. Eu o  
ouvi gabar-se de que mulher  
nenhuma seria capaz de  
conservá-lo apaixonado por mais  
de três dias, e desejei vingar a  
injúria feita a meu sexo...

AUGUSTO: Que inominável crueldade!

CAROLINA: Estou vingada, agora. E  
desejo lembrar-lhe, mais uma vez,  
o juramento que fez aos treze  
anos diante de um velho  
moribundo... As palavras que este  
lhe disse: "Vejo lá... bem longe... a  
vossa promessa realizada! São  
dois anjos que se unem..." (ao F.  
da gruta, iluminado por uma luz  
sobrenatural, aparece o velho  
moribundo. Estático, um sorriso de  
bondade nos lábios)

AUGUSTO: A senhora fez de mim um  
desgraçado... Devo fugir para  
sempre desta ilha fatal,  
abandonar minha pátria, onde  
nunca mais poderei ser feliz... A  
lembrança do passado faz a  
minha desgraça, o presente me  
enlouquece, me mata, e o  
futuro... Já não haverá futuro para  
mim... Adeus, senhora!

CAROLINA: Então, parte?

AUGUSTO: E para sempre.

CAROLINA: Sim, deve partir... Vá! O  
senhor precisa encontrar aquela a

quem jurou amor eterno.

AUGUSTO: Ah! Se eu a encontrasse!

CAROLINA: Que faria?

AUGUSTO: Atirar-me-ia aos seus pés e lhe diria: "Perdoai-me, perdoai-me, senhora; já não posso ser vosso esposo; tomai a prenda que me destes... (arranca da camisa um breve azul, que aperta convulsamente na mão)

CAROLINA: (perturbada pela visão do breve) - O breve azul ... O breve que contém a esmeralda...

AUGUSTO: (numa esperança no desespero) - A senhora o conhece? A senhora o conhece?

CAROLINA: (tirando do seio o outro breve) - O senhor talvez conheça este breve também...

AUGUSTO: (pegando o breve) - O breve branco! Isto parece um sonho! (descose-o freneticamente) - O meu camafeu! (ajoelha-se aos pés de Carolina e beija-lhe a fímbria do vestido. Carolina afaga-lhe os cabelos. De repente ele recua e se ergue zangado e desconfiado) - Mas por que motivo não me mostrou antes este breve?

Será ele mesmo seu?

CAROLINA: (fazendo manha) - Eu queria ver até que ponto o senhor era infiel.

AUGUSTO: Infiel?

CAROLINA: Pronto, e tive a certeza! Não posso mais ter confiança no senhor! O senhor não cumpriu o que jurou quando éramos crianças!

AUGUSTO: Mas, Carolina, por favor! (abraça-a)

CAROLINA: (chorando) - O senhor é inconstante... O senhor me traiu...

AUGUSTO: Mas, Carolina, se você e a minha mulher eram a mesma pessoa!

CAROLINA: Pior! Você me traiu comigo

mesma... (sem querer começa a rir entre as lágrimas, ao passo que Augusto a afaga como a uma criança. Ao F., o velho desaparece)

DON'ANA: (entrando pela D.) - Que loucura é essa, Carolina?

CAROLINA: (já travessa) - Ora, vovozinha, nós éramos conhecidos antigos...

AUGUSTO: Tenho o prazer de apresentar-lhe minha mulher, com quem me casei aos treze anos de idade...

DON'ANA: Eu não disse que o senhor a encontraria? Deus é grande, sr. Augusto! (os três se abraçam; Augusto beija a mão de Don'Ana, enquanto Joaninha e Quinquinha aparecem pela D. B. Quinquinha vem tristonha)

JOANINHA: (Na B., à parte) - Não fique triste, Quinquinha. Se perdeu o sr. Augusto não foi pelo fato de ser Carolina a dona do breve. Ela teve a superioridade de não disputá-lo com esta arma desigual.

QUINQUINHA: De qualquer modo, a verdade é que o sr. Augusto vai casar-se com ela.

JOANINHA: Seja superior também! Vamos felicitá-los... Para você ainda sobram os doze rapazes com quem se corresponde agora...

QUINQUINHA: (beliscando-a e acompanhando-a em direção aos três) - Sem graça! (cumprimentam os noivos. Pela D. entram Fabrício e Leopoldo. Pelo F., Felipe e Clementina. Depois entrarão Rafael, Paula e Tobias, este todo enfarpelado)

TODOS: (numa vaia) - Muito bem! Bravo! Ai! (os noivos ficam encabulados e sorridentes)

FELIPE: Pois é: a culpa foi minha; eu é

que pus fogo ao pé da pólvora,  
quando insisti com Augusto para  
que viesse passar aqui o dia de  
Sant'Ana.

AUGUSTO: Você estará, por acaso,  
arrependido?

FELIPE: Não, ganhei um cunhado! Mas  
em compensação você perdeu a

aposta...

RAPAZES: É mesmo, a aposta!

FELIPE: Agora, Augusto, você tem que  
escrever um romance...

AUGUSTO: Perdão! Já está escrito...

acabamos de escrevê-lo, nós

todos. Chama-se... "A Moreninha"!

(beija as mãos de Carolina. Todos  
sorriem.

Quadro.  
Música de cena.  
FIM



# AVISO IMPORTANTE

As peças publicadas por "Teatro da Juventude" poderão ser encenadas pelos alunos de todas as instituições de ensino, tanto da capital como do interior, bem como por jovens amadores filiados a bibliotecas, clubes ou outras entidades culturais e sociais, livres de pagamento de direitos autorais.

As apresentações profissionais em teatro, rádio, televisão etc. estarão sujeitas às normas sobre direitos autorais estipuladas pela Sociedade Brasileira de Autores Teatrais (SBAT), cuja sucursal, em São Paulo, encontra-se sediada à Avenida Ipiranga, 1123, 8º andar - Tel.: ( 011 ) 229-9011.

---

## CARO LEITOR

Para receber a Revista Teatro da Juventude, envie-nos as seguintes informações:

Nome da escola ou instituição: \_\_\_\_\_

Endereço: \_\_\_\_\_

Nome do diretor ou responsável: \_\_\_\_\_

Número de alunos ou sócios: \_\_\_\_\_

Idades: de \_\_\_ a \_\_\_ anos \_\_\_\_\_

Já realizou espetáculo teatral? \_\_\_\_\_

Qual o gênero (peça, show, música, declamação ou outro)? \_\_\_\_\_

---

Endereço: Secretaria de Estado da Cultura  
Revista Teatro da Juventude  
Rua da Consolação, 2333, 9º andar  
Cep.: 01301-100 - São Paulo - SP



FOTOLITO E IMPRESSÃO

**IMPRESA OFICIAL  
DO ESTADO S.A. IMESP**

Rua da Mooca, 1.921 — Fone: 291-3344

Vendas, ramais: 257 e 329

Telex: (011) 34557 — DOSP

Caixa Postal: 8231 — São Paulo

CGC (MF) N° 48.066.047/0001-84







IMPrensa OFICIAL  
DO ESTADO S.A. IMESP  
SÃO PAULO - BRASIL  
1995